

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**Luana Vargas Aquino**

**EDUARDO GALEANO NAS TRAMAS DO DISCURSO: A RECONSTITUIÇÃO DA  
MEMÓRIA COMO FORMA DE (RE)EXISTÊNCIA**

**Santa Maria, RS**

**2023**

**Luana Vargas Aquino**

**EDUARDO GALEANO NAS TRAMAS DO DISCURSO: A RECONSTITUIÇÃO DA  
MEMÓRIA COMO FORMA DE (RE)EXISTÊNCIA**

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Orientadora: Profa. Dra. Verli Fátima Petri da Silveira

**Santa Maria, RS  
2023**

**Luana Vargas Aquino**

**EDUARDO GALEANO NAS TRAMAS DO DISCURSO: A RECONSTITUIÇÃO DA  
MEMÓRIA COMO FORMA DE (RE)EXISTÊNCIA**

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Aprovada em 29 de maio de 2023.

---

Verli Fátima Petri da Silveira, Dra. (UFSM)  
Presidente/Orientadora

---

Eliana Rosa Sturza, Dra. (UFSM)  
(por videoconferência)

---

Vanise Gomes de Medeiros, Dra. (UFF)  
(por videoconferência)

**Santa Maria, RS  
2023**

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que esse percurso tão singular só se tornou possível porque também é plural, e que, no fim, somos uma composição de todos os pedacinhos passam a fazer parte da gente durante a caminhada. Esse caminho começou muito antes do meu ingresso no Mestrado em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, pois foi de pedacinho em pedacinho que o desejo de estar nesse lugar de pesquisadora e nele/por ele/para ele compor nasceu. Como primeira pessoa da família a concluir o ensino superior, e, agora, estar vivenciando a experiência da pesquisa na pós-graduação, esse percurso vem acompanhado de um desejo não só meu, mas também das duas mulheres que me impulsionaram a alçar esse voo.

Por isso, agradeço:

À mulher mais forte que conheço, minha avó, Lúcia, por me presentear com um sentimento único de sentir-se amada, admirada e cuidada. Se hoje estou aqui é porque minha infância foi atravessada por esse olhar, *de todo o amor que eu tenho metade foi tu que me deu... salvando minh'alma da vida, sorrindo e fazendo o meu eu.*

À mulher mais determinada, minha mãe, Marcela. Obrigada pelos primeiros livros – que me aproximaram cada vez mais do mundo das palavras –, pelo apoio em relação aos estudos, por sempre me incentivar a ser a melhor versão de mim mesma. Obrigada por me ensinar que sensibilidade e força podem andar lado a lado.

À minha irmã, Maria Clara, por me apresentar o amor incondicional e partilhar dele comigo.

À Wendel, todos os dias, por ser meu abrigo nos temporais da vida. Eu, que nem acredito em destino, agradeço a ele todos os dias por aquele setembro chuvoso em que a gente se trompou e não se largou mais. Obrigada por me fazer ver que o mundo é grande e que se eu quiser voar tu podes ser meu pé no chão. É uma honra e um prazer dividir a vida e os sonhos contigo.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Verli Petri, por aceitar embarcar nessa aventura comigo. Contigo aprendi muito para além da teoria, e dessa relação brotou meu encantamento pela pesquisa e pelo potencial transformador que ela possui. Obrigada

por me ensinar uma lição que levarei sempre comigo: ser gentil com meu leitor. Gratidão por todas as trocas e por acreditar no potencial desse trabalho.

À Camilla, por me apresentar não só a Análise de Discurso, mas por despertar minha inquietação frente ao universo da Arte, da Literatura e por embalar meus sonhos durante a graduação em Psicologia. Se hoje meu fazer Psi é atravessado pela AD, é a ti que devo isso.

À Caroline e Jéssica, por todo o apoio durante esse percurso e por ouvirem os longos e intermináveis áudios de desabafo de uma mestranda filhote da pandemia.

Aos companheiros felinos, que me fizeram companhia nos dias e noites de escrita.

Ao Grupo de Estudos PALLIND – Palavra, Língua e Discurso, pelo acolhimento e por todos os encontros.

Às professoras componentes da banca, Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup>. Eliana Rosa Sturza, Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup>. Vanise Gomes de Medeiros e Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup>. Camilla Baldicera Biazus, pela leitura atenta, reflexões e sugestões.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos aprendizados e conhecimentos compartilhados.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento dessa pesquisa.

Enfim, a todos que de uma maneira ou de outra contribuíram para que esse percurso se tornasse possível de ser trilhado.

## RESUMO

### EDUARDO GALEANO NAS TRAMAS DO DISCURSO: A RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COMO FORMA DE (RE)EXISTÊNCIA

Autora: Luana Vargas Aquino

Orientadora: Verli Fátima Petri da Silveira, Dra. (UFSM)

Neste estudo propomos, a partir dos construtos teóricos da Análise de Discurso, explicitar o que ressoa no processo de escrita de Eduardo Galeano em sua relação com a América Latina. Assim, compreendemos o lugar de Galeano enquanto um sujeito-escritor, que se aventura por lugares, relatos, pessoas, que vive na corda bamba entre presente, passado e futuro – um caçador de histórias. Ele se diz vindo de uma terra onde não se assiste a “infância selvagem do capitalismo, mas sua decrepitude”, terra essa vítima de um sistema “moribundo desde que nasceu” (GALEANO, [1971]2020, p. 324). É a partir da noção de sujeito, conforme desenvolvida por Pêcheux ([1975]1995), que caminhamos no processo analítico, observando como esse sujeito latino-americano se constitui diante das condições de produção que lhe são impostas. Nos interessam as tomadas de posição, os deslocamentos e deslizos que constituem um sujeito atravessado pela linguagem e interpelado ideologicamente. Ainda, a noção de interdiscurso (PÊCHEUX, [1975]1995; ORLANDI [1999]2015) guia essa escrita, de modo que é por esse conceito que compreendemos como os já-ditos retornam no enunciado de um sujeito. A América Latina que trazemos para compor nossas análises é aquela descrita por Galeano em sua obra; uma América com as veias abertas, prestes a transbordar (sentidos, memórias, efeitos...) e com vistas para o devir. Esse espaço, que compreende uma vasta extensão territorial, ocupa um lugar de produção de sentidos na constituição do sujeito, relacionando-se com as estruturas e os processos que fazem parte dessa constituição. Objetivamos através da escrita, da construção de uma experiência de aventura diante de nosso corpus de pesquisa, explicitar a história de Galeano para contar a história da América Latina tendo como guia o incessante lembrete de ver a história grande através da história pequena. Iniciamos tal qual um arqueólogo, que pelos fragmentos ingressa na busca – eterna e impossível - de encontrar a unidade. Sabemos, enquanto analistas de discurso, que a unidade é uma ilusão; por outro lado, buscá-la é o que garante nosso movimento singular diante do corpus. Nesse sentido, o trabalho de selecionar, reunir e agrupar recortes de livros, entrevistas e outros materiais artístico-simbólicos já se institui como um movimento de apropriação do corpus. Por fim, é através do encontro do corpus de pesquisa com o dispositivo analítico construído nesta pesquisa, que tecemos uma possível trajetória de Galeano como aquele que produz um espaço de (re)existência a partir da escrita, em um processo de reconstituição da memória da América Latina.

**Palavra-chave:** Eduardo Galeano. América Latina. Sujeito. Discurso Literário. Memória. Escrita.

## ABSTRACT

### EDUARDO GALEANO IN THE STRINGS OF THE DISCOURSE: THE RECONSTITUTION OF MEMORY AS A FORM OF (RE)EXISTENCE

Author: Luana Vargas Aquino  
Supervisor: Verli Fátima Petri da Silveira

In this study, we propose, based on the theoretical constructs of Discourse Analysis, to explain what resonates in Eduardo Galeano's writing process in his relationship with Latin America. Thus, we understand Galeano's place as an adventurous subject, who ventures into places, stories, people, who lives on a tightrope between present, past and future – a story hunter –. coming from a land where one does not witness the “wild childhood of capitalism, but its decrepitude”, land this victim of a system “moribund since birth” (GALEANO, [1971]2020, p. 324). It is from the notion of subject, as developed by Pêcheux ([1975]1995), that we walk in the analytical process, observing how this Latin American subject is constituted in the face of the production conditions that are imposed on him. We are interested in the positions taken, the displacements and slips that constitute a subject crossed by language and ideologically questioned. Still, the notion of interdiscourse (PÉCHEUX, [1975]1995; ORLANDI [1999]2015) guides this writing, so that it is through this concept that we understand how the already-said return in the utterance of a subject. The Latin America that we bring to compose our analyzes is the one described by Galeano in his work; an America with open veins, about to overflow (senses, memories, effects...). This space, which comprises a vast territorial extension, occupies a place of production of meanings in the constitution of the subject, relating to the structures and processes that are part of this constitution. Still, we will deal with some fundamental notions of AD that are articulated to think about our object of analysis, such as the functioning of production conditions, ideological, discursive and imaginary formations and other concepts that come from them and are intertwined in this research. We aim, through writing, to build an adventure experience in front of our Research corpus, to make Galeano's story explicit in order to tell the history of Latin America, having as a guide the incessant reminder of seeing the big story through the small story. We start just like an archaeologist, who, through the fragments, enters the quest – eternal and impossible, to find unity. We know, as discourse analysts, that unity is an illusion, on the other hand, seeking it is what guarantees our unique movement in the face of the corpus. In this sense, the work of selecting, gathering and grouping excerpts from books, interviews and other artistic-symbolic materials is already established as a movement of appropriation of the corpus. Finally, it is through the encounter of the corpus of research with the analytical device built in this research, that we weave the hypothesis that Galeano produces a space of (re)existence from writing, in a process of reconstitution of the memory of Latin America.

**Keywords:** Eduardo Galeano. Latin America. Subject. Literary Discourse. Memory. Writing.

## SUMÁRIO

	<b>Um itinerário (des)necessário: apresentando Eduardo para conhecer Galeano .....</b>	<b>6</b>
	<b>PONTO DE PARTIDA .....</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>TRAJETO PELO DISPOSITIVO TEÓRICO-ANALÍTICO .....</b>	<b>17</b>
1.1	“A SEMPRE ASSOMBROSA SÍNTESE DAS CONTRADIÇÕES NOSSAS DE CADA DIA”: O SUJEITO DISCURSIVO E SUAS ROUPAGENS.....	23
1.2	A AMÉRICA DE GALEANO: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E ESPAÇOS DE INTERPRETAÇÃO .....	26
1.3	ENTRE MARCAS E VESTÍGIOS: CENSURA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS.....	35
1.4	INSURGÊNCIAS TEÓRICAS .....	40
1.5	NOTAS SOBRE O DISCURSO LITERÁRIO .....	60
1.6	COSTUREIRO DE RELATOS: O VELHO FALA DELE/ MAS TEM O EU CHEIO DE GENTE .....	65
<b>2</b>	<b>AS ORELHAS ABERTAS DE UMA ANALISTA DE(EM) DIS(PER)CURSO ACERCA DO CAÇADOR DE HISTÓRIAS .....</b>	<b>71</b>
<b>3</b>	<b>“ESCREVER CANSA, MAS CONSOLA”: EXPLICITAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE ESCRITA.....</b>	<b>78</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS OU A RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COMO FORMA DE (RE)EXISTÊNCIA.....</b>	<b>100</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>111</b>
	<b>OBRAS ESTUDADAS .....</b>	<b>118</b>

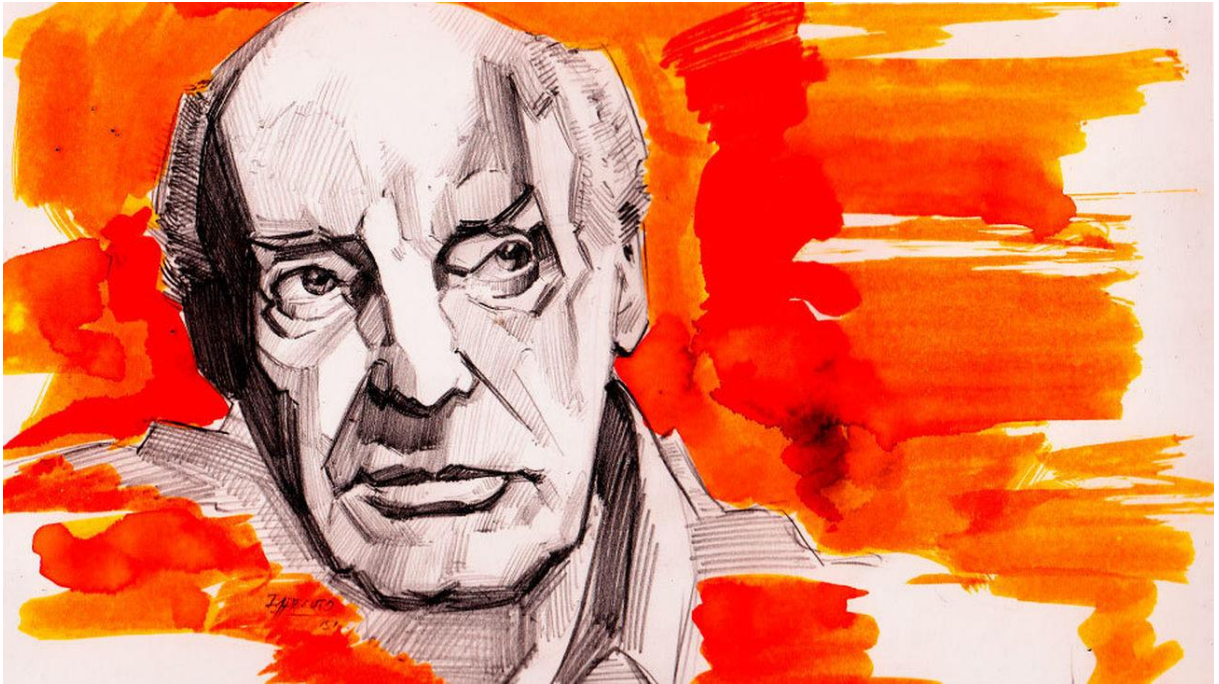


Sabia pouco, mas pelo menos sabia isto:  
Que ninguém fala pelos outros.  
Que, mesmo que queiramos contar histórias alheias,  
terminamos sempre contando nossa própria história.  
(Alejandro Zimbra, *Formas de voltar pra casa*)

Toda memória é subversiva porque é diferente. Todo projeto de futuro também. [...] O sistema encontra seu paradigma na imutável sociedade das formigas. Por isto se dá mal com a história dos homens: pelo muito que esta muda. E porque, na história dos homens, cada ato de destruição encontra sua resposta – cedo ou tarde – num ato de criação. (GALEANO, ([1971]2020, p. 372).

## Um itinerário (des)necessário: apresentando Eduardo para conhecer Galeano

Figura 1



Fonte: TeleMadrid<sup>1</sup>

### **Por que escrevo/3**

*Para começar, uma confissão: desde que era bebê, eu quis ser jogador de futebol. E eu fui o melhor dos melhores, o número um, mas só nos meus sonhos, enquanto dormia.*

*Ao despertar, nem bem caminhava um par de passos e chutava alguma pedrinha na calçada, já confirmava que o meu negócio não era ao futebol. Estava na cara: eu não tinha outro remédio a não ser tentar algum outro ofício. Tentei vários, sem sorte, até que finalmente comecei a escrever, para ver se saía alguma coisa.*

*Tentei, e continuo tentando, aprender a voar na escuridão, como os morcegos, nestes tempos sombrios.*

*Tentei, e continuo tentando, assumir minha incapacidade de ser neutro e minha incapacidade de ser objetivo, talvez porque me nego a me transformar em objeto, indiferente as paixões humanas.*

*Tentei, e continuo tentando, descobrir as mulheres e os homens animados pela vontade de justiça e pela vontade de beleza, além das fronteiras dos tempos e dos mapas, porque eles são meus compatriotas e meus contemporâneos, tenham nascido onde tenham nascido e tenham vivido quando tenham vivido.*

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.telemadrid.es/noticias/cultura/Recordando-Eduardo-Galeano-0-2003799624--20180416074411.html>>. Acesso em: 01 de novembro de 2022.

*Tentei, e continuo tentando, ser tão teimoso para continuar acreditando, apesar de todos os pesares, que nós, os humaninhos, somos bastante malfeitos, mas não estamos terminados. E continuo acreditando, também, que o arco-íris humano tem mais cores e mais fulgores que o arco-íris celeste, mas estamos cegos, ou melhor, enceguecidos, por uma longa tradição mutiladora.*

*E em definitivo, resumindo, diria que escrevo tentando que sejamos mais fortes que o medo do erro ou do castigo, na hora de escolher no eterno combate entre os indignos e os indignados.  
(GALEANO, [2016]2019, p. 244-245)<sup>2</sup>*

Nascido em 3 de setembro de 1940, em Montevideu, Eduardo – mais Hugues que Galeano – iniciou sua trajetória no jornalismo aos 14 anos. Disse que nasceu quando o mundo não esperava nada de bom, coincidindo com o avanço de Hitler pela Europa. Sonhava em ser jogador de futebol, mas desde muito cedo demonstrou uma estranha intimidade com as palavras, que pareciam ser sua sina. Passou a vida caçando histórias, se aventurando em meio a América e sua gente. Não teve medo de entender que a escrita não dá conta da vida, mas que é o movimento de tentativa que faz um gesto de leitura transbordar.

Segundo ele mesmo, tinha uma enorme facilidade em cometer erros, e de tanto errar tinha deixado a marca de sua passagem no mundo, e, querendo marcar ainda mais fundo, virou escritor<sup>3</sup>. Ainda em Montevideu, foi chefe de redação do semanário *Marcha* e diretor do jornal *Época*; em Buenos Aires fundou a Revista *Crisis*. A partir de 1973 esteve em exílio na Argentina e na Espanha, na metade da década de 80 retornou para o Uruguai. Ao longo de sua vida recebeu inúmeros prêmios e teve seus livros traduzidos em mais de vinte países.

O argentino Carlos Díaz, editor de 19 obras de Galeano, dizia que “ele era um caçador de histórias. Levava sempre consigo uns caderninhos onde anotava ideias. E se nutria das conversas que tinha com todo mundo, porque era um grande conversador”<sup>4</sup>. Galeano era um autor preocupado com a circulação de uma memória viva, que não se cristaliza com o passar dos tempos, e seu ofício de escritura é, sobretudo, um apelo ao movimento de reinvenção das lembranças. Por isso, contou

<sup>2</sup> Por uma escolha nossa, enquanto autores, todas as epígrafes estão em itálico.

<sup>3</sup> Referência a “Autobiografia completíssima”, disponível no livro *O Caçador de Histórias*, p. 235.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/cultura/galeano-postumo-el-ultimo-legado-del-cazador-de-historias-llega-a-las-librerias-nid1885876/>>. Acesso em: 26 de outubro de 2022.

a história da América Latina, dos personagens esquecidos pelos livros de história, lembrou de velhos amigos e das viagens que fez, das opressões que sofreu e das aventuras que vivenciou, para que todos que lessem um livro seu pudessem pegar aquela memória com as mãos e (re)significá-la de acordo com as próprias experiências. Em uma conversa com a jornalista Francielly Baliana, em um café na cidade de Montevideu, contou que a ditadura uruguaia havia destruído o café em que estavam. Em suas palavras:

“Este Café, por exemplo, foi reconstruído pelas mãos da memória. Porque a memória tem mãos. Por três vezes, esse espaço foi destruído pela ditadura. Era considerado um local de típico encontro da classe intelectual daqui. Vinham com um caminhão durante a noite e desmanchavam o lugar. Arrancavam os pisos, retiravam as mesas e cadeiras, roubavam os lustres. No entanto, os frequentadores sempre tinham a disposição de reconstruir o Café através de suas lembranças em fotos e fatos”<sup>56</sup>

O café, tal como Galeano, carrega em si uma história em que a memória se faz presença (e ausência!). Em seu exílio, o autor reconstruiu, a partir da trilogia *Memória do Fogo*, a história da América Latina, partindo de lembranças, relatos, histórias narradas com datas e local do acontecido.

Capturar e reconstituir a memória foi seu ofício, assim como conta no prefácio do primeiro volume da trilogia, *Os Nascimentos*:

Eu era um estudante de história miserável. As aulas de história eram como visitas às estátuas de cera ou à Região dos Mortos. O passado era sem vida, vazio, mudo. Ensinar-nos sobre o passado para que nos resignássemos com as consciências esgotadas ao presente: não fazer história, que já foi feita, mas aceitá-la. A pobre História havia parado de respirar: traída em textos acadêmicos, mentindo nas salas de aula, afogada em datas, aprisionaram-na em museus e a enterraram, com guirlandas de flores, sob estátuas de bronze e mármore monumental.

Talvez a *Memória do Fogo* possa ajudar a devolver o fôlego, a liberdade e a palavra. Ao longo dos séculos, a América Latina foi despojada de ouro e prata, nitratos e borracha, cobre e petróleo: sua memória também foi usurpada. Desde o início foi condenado à amnésia por aqueles que o impediram de ser. A história oficial da América Latina se resume a um desfile militar de figurões em uniformes recém-saídos da lavanderia. Não sou historiador. Sou um escritor que gostaria de contribuir para o resgate da memória sequestrada de toda a

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://pragmatismo.jusbrasil.com.br/noticias/126513494/um-gole-de-eduardo-galeano>>. Acesso em: 29 de outubro de 2022.

<sup>6</sup> Os trechos de autoria de Galeano retirados das materialidades que compõem o *corpus* da pesquisa estarão enquadrados, para que haja uma fácil identificação da presença do escritor no texto.

América, mas sobretudo da América Latina, essa terra desprezada e amada: gostaria de conversar com ela, compartilhar seus segredos, perguntar-lhe o que é difícil Barros ela nasceu, de que atos de amor e violação ela vem.<sup>7</sup> (GALEANO, [1982]1991 p. 12).

Ao afirmar que não era um historiador, Galeano nos dá pistas de como seu trabalho de costura das lembranças dos sujeitos latino-americanos se deu a partir de um olhar atravessado pelas próprias paixões e angústias, emprestando a voz e as palavras a quem foi silenciado pela história tradicional. Eduardo faleceu em 13 de abril de 2015, mas Galeano ficou, se assentou e criou raízes, porque na inútil tentativa de dar conta do mundo com as palavras, o escritor, por memória ou teimosia, transbordou.

---

<sup>7</sup> Publicado em Espanhol, em “Umbral”, presente no primeiro volume da trilogia – O Nascimento.

## PONTO DE PARTIDA

Figura 2

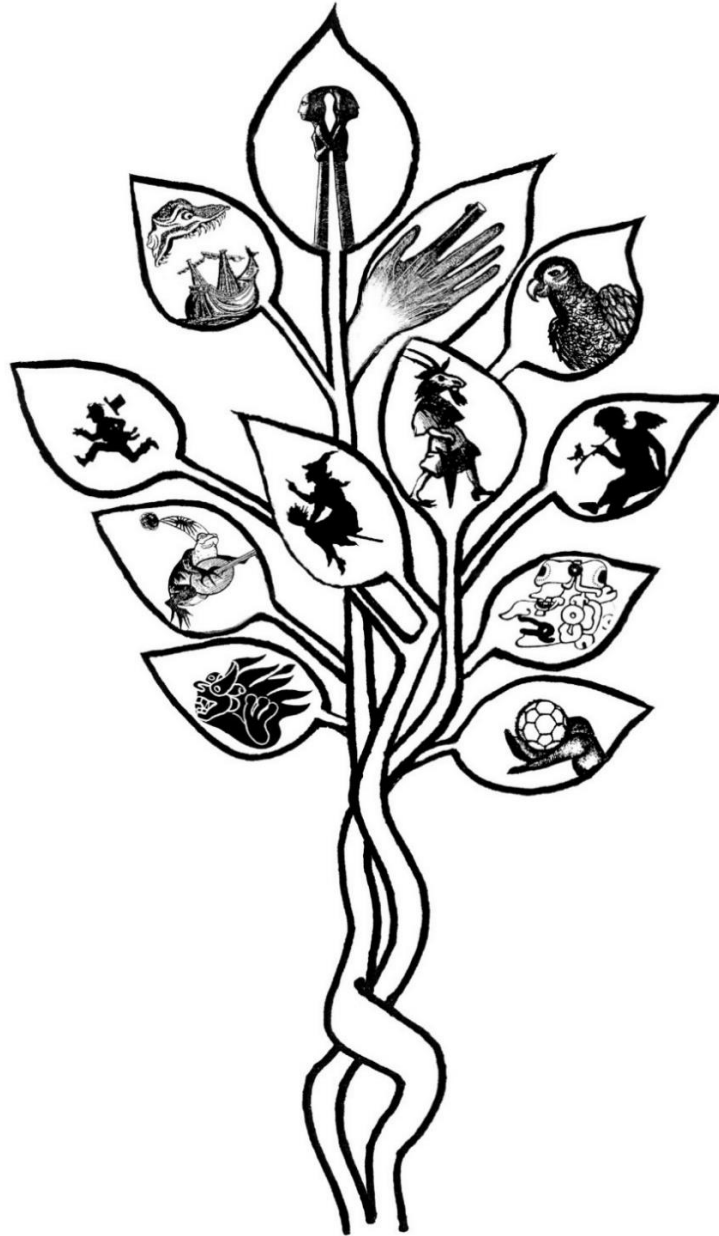


Ilustração feita por Eduardo Galeano para o livro *Os filhos dos dias*. Fonte: L&PM<sup>8</sup>

*[...] e no sonho eu ia pelos caminhos do mundo, sem fronteira alguma, nem a dos mapas nem a dos tempos. E foi daí que esse livro brotou; porque já que eu tinha sonhado esse livro, bem que podia escrever esse livro..."* (GALEANO, [2016]2019, p. 225).

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.lpm-blog.com.br/?p=16933>>. Acesso em: 21 de julho de 2022.

Essa pesquisa, que vem sendo gestada antes mesmo de ser escrita de fato, propõe um gesto de leitura sobre o escritor e jornalista Eduardo Galeano e as nuances que compõem sua obra e em como ele lança seu olhar para o mundo, e mais especificamente, para a América Latina. Afinal, não há como dizer de um sem fazer ressoar o outro. Contentamo-nos com a ideia de que Galeano e América são indissociáveis. Assim costura-se nosso processo de escrita, um movimento pendular (PETRI, 2013), no qual os sentidos se deslocam e muitas vezes, não podem ser domados.

Propomos, então, um trabalho que funciona por meio desse “movimento pendular” (PETRI, 2013), no qual instala-se um movimento de ir e vir entre teoria e *corpus*. Assim vão se constituindo gestos de interpretação, e o dispositivo teórico e analítico vai sendo mobilizado durante o processo, “[...] indo e vindo da teoria para o *corpus*, do *corpus* para o arquivo, do arquivo para a teoria, e aí sucessivamente, até construir um dispositivo teórico e analítico satisfatório” (PETRI, 2000, p. 123, grifos da autora). Nossas principais referências teóricas são Pêcheux ([1993]2010; [1982]2015; [1983]2007; [1975]1995) e Orlandi [1999]2015; 2013; [1992]2007, 2010; 1996; 2005a; 2012; 2007a; 2005b; 2007b; 1984; 2008; 1990), para pensar as questões que abarcam os campos do sujeito e do discurso, e fundamentalmente, Petri (2004), Biazus (2013) e Indursky (2016) para pensar o discurso literário e a prática discursiva da escrita.

Essa dissertação é estruturada/concebida não de maneira tradicional, com uma separação entre questões teóricas e a análise propriamente dita, de tal forma que não há primeiramente a apresentação das questões teóricas e apenas após o fechamento dessas questões, a exposição das análises. Durante esse percurso, vão sendo expostos vestígios do *corpus* de pesquisa que se apresentam o tempo todo para fazer sentido em conjunto com o texto: epígrafes, imagens, trechos de obras de Galeano, que fazem funcionar o texto durante o desenvolvimento teórico do dispositivo analítico. No decorrer do trabalho, optamos por enquadrar os recortes discursivos e as outras passagens de autoria de Galeano que contribuem para nossas reflexões.

Compreendemos que nosso ponto de partida se instaura na possibilidade de escrever sobre um tema caro a América Latina na conjuntura sócio-histórica que vivenciamos, na qual a pesquisa, a escrita são uma forma de resistir aos movimentos de opressão a educação e a ciência. Por isso, concordamos com Silva Sobrinho, quando o autor coloca que a

[...] nossa leitura e nossa escrita analítica são sempre um gesto político que desafia o contexto histórico, pois nos deparamos com a opressão, a violência, a repressão, a desilusão e o conformismo, mas também com a indignação, o inconformismo, a esperança, a resistência-revolta e a luta pela emancipação humana. A cada análise temos o compromisso de elucidar o processo discursivo em seu movimento dialético no processo histórico que está, em última instância, inscrito nos antagonismos inconciliáveis das classes sociais do modo de produção capitalista. E é assim que buscamos compreender/intervir nas práticas históricas de nosso tempo. Desse modo, podemos dizer que fazer AD é para nós uma perspectiva de trabalho de resistência-revolta e luta contra a opressão do capital. (SILVA SOBRINHO, 2014, p. 40-41)

Hoje, talvez mais do que nunca, trabalhar com a Análise de Discurso é lançar um gesto de resistência para com as forças que dizem não: não a ciência, não a educação, não a diversidade, não a cultura. Nossas análises, que se debruçam em explicitar aquilo que ressoa na memória da América Latina a partir de Eduardo Galeano, nos inscrevem em um lugar de compromisso com uma (Re)existência possível.

Existe na obra de Galeano uma história contada diversas vezes, de formas distintas. O escritor, em uma entrevista concedida a Eric Nepomuceno, fala sobre o porquê retorna a essa história em seus livros. Nela, fala sobre a vida e de formas muito sutis demonstra que acredita ser possível ver o universo pelo buraco da fechadura<sup>9</sup>. Retomamos o que diz Orlandi (2005a), quando a autora pontua que

[...] um mesmo texto volta sempre, fazendo seu retorno em várias retomadas por um sujeito autor que trabalha diferentes formulações (versões) em uma história inacabada de diferentes textualizações possíveis (ORLANDI, 2005a, p. 95).

Em suas palavras, Galeano (2015, p. 14) diz que "ao longo de muitos livros, tentei resgatar a pequena história, porque creio que nessa história pequenina, a história verdadeiramente grande resplandece". É nesse enunciado que nos apoiamos para a construção desse trabalho, pois contar uma história através das grandes palavras pode ser um caminho, mas é pela sutileza de um relato breve que um

---

<sup>9</sup> GALEANO, Eduardo. Ser como somos. [Entrevista concedida a] Eric Nepomuceno. **Revista do Memorial da América Latina**, São Paulo, n. 52, p. 6-13, 1º semestre, 2015.



universo inteiro se apresenta ao olhar. É na história “pequenina” que nossa análise se aventura. Uma única palavra, intrometida no meio de um imponente “história”, também fala sobre a possibilidade de passear pelos sentidos movimentados na e pela palavra, pela metáfora e pela multiplicidade simbólica que esse encontro nos proporciona.

Essa discussão vem ao encontro das prospecções lançadas pela Análise de Discurso acerca da função-autor, que parte do que enuncia Foucault (1996), conceituando o sujeito do discurso literário como “aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (p. 28). Para tanto, a noção de autoria que assume Galeano fala de um lugar de constituição do próprio sujeito, uma vez que este se constitui enquanto autor na medida em que cria o texto (ORLANDI, 1996).

Orlandi (2008) irá compreender a função-autor se estabelece na relação entre sujeito e o esquecimento nº 1 e 2, quando o sujeito acredita ser completo e origem de seu dizer. Segundo a autora, essa relação implica na concessão do caráter de unidade ao texto, como se os sentidos se organizassem pela situação, produzindo esse efeito de completude.

De todo modo, explicitamos que no processo de constituição dos sentidos, há o trabalho do interdiscurso, da interpelação que torna assujeita o indivíduo, os efeitos que o sujeito produz a partir das posições que ocupa e a constituição da forma histórica desse sujeito. Já no processo de formulação, há uma atualização da memória a partir da relação entre o discurso e o texto, na qual o sujeito é individualizado quando ocupa a função de autor. Na circulação, entram em cena os “fatos”, “acontecimentos” e os “seres” (ORLANDI, 2008, p. 1), que em conjunto com as circunstâncias enunciativas tornam-se elementos desencadeadores. A partir disso, torna-se possível para o sujeito ocupar a função-autor nos espaços em que transita. Esses três processos funcionam de forma simultânea, afetando sujeito e sentido (ORLANDI, 2008). É dessa forma que ele (o sentido) “se constitui como se formula e como circula. E o sujeito em sua função-autor tem sua forma afetada pelo “meio” em que se constitui. (ORLANDI, 2008, p. 1).

Galeano, enquanto sujeito latino-americano, ocupa uma determinada posição no discurso, reivindicando já-ditos e os ressignificando pela escrita ao assumir a função-autor. Dessa forma ele deixa de ser apenas um sujeito em meio a muitos e é

individualizado, nomeado, a partir da autoria. Assim, os processos de constituição, formulação e circulação afetam e constituem o sujeito que ocupa essa função, os sentidos tomam forma e são discursivizados de uma forma e não de outra, as palavras assumem uma determinada ordem, onde o sujeito em sua função-autor amarra, desamarra, cria novas possibilidades de formular um enunciado.

Orlandi (2007a) diz que a noção de autor é uma função da noção de sujeito, e é responsável pela unidade do texto e pela organização do sentido, produzindo aí o efeito de continuidade do sujeito. Para a autora, a função-autor se realiza toda vez que o sujeito produz um texto “com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim” (ORLANDI, 2007a, p. 69), bem como o sujeito aparenta ser a origem do que diz/escreve. Estar em uma aparente origem do dizer implica na existência de uma responsabilidade social, pois o autor responde por aquilo que diz/escreve (ORLANDI, 2007a). Ainda, é importante ressaltar que a função-autor é uma dimensão de todo o sujeito, distanciando-se da ideia foucaultiana em que a função-autor se refere a possibilidade de inaugurar um novo sentido; como bem sabemos, em AD, nenhum sentido é novo, sendo sempre o eco de um já-dito, em uma sempre deriva de outros modos de dizer, garantindo “o movimento dos sentidos, interno a uma ordem de discurso mas, na contrapartida, a sua conservação” (GALLO, 2001, p. 2)

Para Orlandi (2007a, p. 69) a função de autor “é tocada de modo particular pela história: o autor consegue formular, no interior do informulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações.” Ao encontro disso, a autora ainda enuncia que a particularidade do autor é a possibilidade de constituir um lugar de interpretação em meio a outros, produzindo um evento interpretativo. A interpretação é parte fundamental no processo de tornar-se autor, porque é no interpretar que se cria o sentido, em outras palavras, é no espaço interpretativo que se pode sempre dizer de outro modo. Desta maneira, o gesto de autoria reside no campo da polissemia (ANJOS, 2020), espaço em que é possível o sujeito provocar fissuras nos sentidos, deslizando e produzindo efeitos.

Nessa pesquisa, explicitamos o lugar de Galeano enquanto um sujeito que se aventura por lugares, relatos, pessoas e que vive na corda bamba entre presente,

passado e futuro – um caçador de histórias<sup>10</sup> –. Vindo de uma terra onde não se assiste a “infância selvagem do capitalismo, mas sua decrepitude”, terra essa vítima de um sistema “moribundo desde que nasceu” (GALEANO, [1971]2020, p. 324). A América Latina que trazemos para compor nossas análises é aquela descrita por Galeano em sua obra; uma América com as veias abertas, prestes a transbordar (sentidos, memórias, efeitos...); um território que significa mais do que uma extensão geográfica, mas diz de uma “geografia simbólica” (TEUTON, 2015, p. 250).

Propomos, através da escrita, explicitar a história de Galeano para contar a história da América Latina tendo como guia o incessante lembrete de ver a história grande através da história pequena. Iniciamos tal qual um arqueólogo, que pelos fragmentos ingressa na busca – eterna e impossível, de encontrar a unidade. Sabemos, enquanto analistas de discurso, que a unidade é uma ilusão, por outro lado, buscá-la é o que garante nosso movimento singular diante do *corpus*.

Assim, iniciamos abordando questões teóricas caras a este trabalho, inserindo discussões sobre o sujeito discursivo, as estruturas e processos que o constituem e como essas noções se entrelaçam com Galeano e com a América Latina. Em um primeiro momento, é feita uma retomada da noção de sujeito em Análise de Discurso e como essa noção se articula com as demais. Após isso, colocamos em pauta a questão das condições de produção (CP) e como elas constituem o sujeito e o discurso; a América Latina emerge enquanto ponto central nesse momento, e torna-se necessário abordar inicialmente que espaço é esse, quais suas características e como ele se estabelece enquanto um território geográfico e simbólico. O subcapítulo anterior é seguido por uma discussão sobre formações imaginárias, discursivas e ideológicas, e, encerrando este momento do trabalho, lançamos os primeiros olhares à questão do discurso literário. Seguindo nesse fluxo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados, explicitando nossas tomadas de posição diante da construção dessa pesquisa. Por fim, iniciamos uma reflexão sobre o processo de escrita, suas condições e atravessamentos. É importante pontuar que não há neste processo de tecitura de pesquisa, um capítulo específico para o

---

<sup>10</sup> Referência ao último livro de Eduardo Galeano, “O Caçador de Histórias” publicado em 2016, um ano após o falecimento do escritor. Galeano deixou o livro pronto para publicação no verão de 2014, entretanto, trabalhou em uma nova obra até seus últimos meses de vida, denominada de “Rabiscos”, dado seu caráter ainda experimental, incompleto. Com a retomada dos planos de publicar “O Caçador de Histórias” após sua morte, alguns rabiscos passaram a integrar o livro.

movimento analítico, pois as análises estão alojadas ao longo da construção do trabalho, como um movimento de ir e vir entre teoria e análise.

A partir do percurso trilhado com essa pesquisa, acreditamos que seja possível refletir acerca de Eduardo Galeano, sua obra e sua história, a partir da Análise de Discurso. Nesse sentido, o trabalho de selecionar, reunir e agrupar recortes de livros, entrevistas e outros materiais artístico-simbólicos já se institui como um movimento de apropriação do *corpus*, de modo que embora não seja um trabalho de estudos literários, prezamos pela construção de um lugar de retomada do olhar do sujeito. Buscamos também tecer nossas considerações sobre a América Latina de forma a explicitar em como a história narrada por Galeano ressoa neste espaço simbólico e de interpretação, na qual a memória produzida pelo literário se entrelaça com a realidade.

## 1 TRAJETO PELO DISPOSITIVO TEÓRICO-ANALÍTICO

Figura 3



Fonte: Contraponto digital<sup>11</sup>

*“[...] porque não me aproximar do universo através do buraco da fechadura? Porque não escrever o tempo passado contando a história grande através da história pequena?” (GALEANO, [2016]2019, p. 223).*

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://agemt.org/contraponto/2017/06/05/este-mundo-esta-gravido-de-outro/>>. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

A presente pesquisa ampara-se na Análise de Discurso francesa, fundada por Michel Pêcheux e tal como vem sendo desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e outros pesquisadores. Ao pensar nas questões colocadas ao longo das amarrações teóricas, entra em pauta o sujeito do inconsciente, da linguagem, interpelado pela ideologia: um sujeito descentrado, constituído e atravessado pela linguagem. Nos propomos buscar um conjunto de pistas e rastros que possam ser compreendidos como possibilidade de explicitar a trajetória de Eduardo Galeano, e, partimos da ideia que “não há como trapacear o tempo e as experiências vividas quando se é interpelado irremediavelmente pela ideologia e se é afetado pelo inconsciente” (PETRI, 2017, p. 84). A articulação construída ao longo desta pesquisa tem como pretensão fazer emergir novas possibilidades de olhar para Galeano a partir de nossas posições atravessadas pelo discurso, que, ao aventurarem-se pela ótica de analistas, leem o mundo a partir de suas sutilezas, daquilo que passa despercebido.

Entendemos a noção de discurso, conforme cunhada por Pêcheux ([1993]2010), sendo um efeito de sentido entre os pontos A e B, o que Orlandi ([1999]2015, p. 13) atualiza tomando o discurso como “curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Tomando essa noção como fundamental, explicitamos o seu não fechamento em relação ao que o define. O discurso, em Pêcheux, não surge como uma resposta para algo, mas sim um campo inteiro de abertura para a formulação de infindáveis questionamentos e reflexões, a fim de adentrar os processos e compreendê-los. Concordamos que o discurso se constitui, em Michel Pêcheux, como um

[...] verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam, literalmente, todas as suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento (MALDIDIER, 2003, p. 15-16).

Sendo assim, faz-se necessário retomar algumas questões que aqui ressoam, em nossas tomadas de posições, movimentos, percursos que escolhemos trilhar e os deslocamentos que foram fazendo parte desse processo de escritura. A primeira

questão a se levar em conta é a relação que é estabelecida pela Análise de Discurso com as outras áreas do saber, afinal, isso demarca uma posição política, na qual o analista não se ampara em conceitos fechados ou em preceitos de neutralidade, pois, para a AD, o sujeito que produz discurso toma uma posição, e cada posição é tomada em relação a outras possíveis. Assim sendo, somos também interpelados a tomar posição, o que irá delinear a relação analista-objeto.

A partir da AD, observamos que a linguagem não é transparente e que não existem significados únicos colados a uma palavra, os sentidos se movimentam e se constituem a partir das teias discursivas em que estão inscritos. A Linguística servirá como um lembrete constante do papel da linguagem e das práticas languageiras para a constituição de sujeitos e discursos. Do Marxismo, Pêcheux tomará as formas materiais da história, compreendendo que sempre existe a permanente disputa de versões. A Psicanálise, por sua vez, terá alguns recortes teóricos incorporados a AD (Análise de Discurso) e essa considerará o sujeito que é dotado de inconsciente, não sendo resultado exato de sua interação com o ambiente; esse sujeito sempre estará à mercê de um inconsciente em pleno funcionamento, dos atos falhos, dos chistes, dos sonhos e daquilo que não se pode explicar objetivamente. É pelo deslocamento desses campos do saber que a Análise de Discurso vai tomando forma, abrindo espaço para uma teoria outra, que nas palavras de Orlandi (2007a) ocupa um lugar singular. Para Lagazzi (2018, p. 159), “o objeto do discurso traz, em sua constituição, a força do alhures movimentando as fronteiras disciplinares e inquietante as posições estabelecidas a partir de fundamentos epistemológicos distintos, mas estranhamente familiares.”

Observamos então que Pêcheux transita por entre espaços e autores, dialogando em mais de uma área do conhecimento e não se restringindo a algumas fronteiras teóricas; ele amarra, desenlaça, percorre e (re)significa os saberes que perpassam por sua obra. Alguns autores irão trabalhar com a abertura de coautoria que Pêcheux possibilitou, corroborando com o desenvolvimento teórico da AD. Guasso (2021), nomeia essa abertura enquanto “movimento de coautoria”, no qual

as tomadas de posição se mesclam, coautores formulam/reformulam, costuram juntos e são, juntos, responsáveis pela unidade do texto. Não se pode saber ao certo onde estão as formulações de um e/ou

outro no discurso. O que se mostra como um processo complexo de escritura. (GUASSO, 2021, p. 81).

Ainda, a autora nos faz refletir sobre como esse movimento de coautoria também fez costurar-se a produção de conhecimento às condições de produção desses autores, convocando de certa forma,

uma heterogeneidade, uma mescla muito própria à Análise de Discurso materialista. Atravessou-se no discurso do autor Michel Pêcheux e, portanto, na Produção do Conhecimento Discursivo, aquilo que ele viveu no Partido Comunista, na militância, no coletivo. Em conjunto, compartilharam-se ideias, discutiram-se teorias, analisaram-se discursos não só nos laboratórios das universidades, mas também nos cafés da cidade. (GUASSO, 2021, p. 80).

Pêcheux, então, se lança a esse território da coautoria, da possibilidade criar e produzir conhecimento coletivamente, expandindo inclusive as fronteiras das universidades ao levar a discussão para o mundo fora delas. Esse compartilhamento diz de como esse grupo de autores pensava a própria noção de conhecimento, não como estática, imóvel, mas sim sempre passível de movimento e expansão.

De todo modo, a AD constitui-se enquanto uma disciplina de entremeio (ORLANDI, [1999]2015), que recorre a três campos distintos – Linguística, Psicanálise e Marxismo. Biazus (2013) ainda complementa que foram os deslocamentos teóricos que Pêcheux percorreu,

[...] suas relações com outros teóricos, a sua busca por conhecimento em outras áreas, a sua transição por diferentes espaços políticos, teóricos e práticos e o próprio momento político-social que possibilitaram o desenvolvimento e a consolidação de um campo teórico discursivo. (BIAZUS, 2013, p. 27).

Compreendemos que se trata de uma teoria que toma para si determinados elementos, mas resulta em um espaço único de produção de conhecimento, transformando-se nesse “entre” que circula pela ideologia, pela linguagem e pelo inconsciente. A AD, então, apreende alguns saberes das disciplinas mencionadas



anteriormente ao pressupor que: existe um sujeito dotado de inconsciente que é interpelado pela ideologia e que esse sujeito se inscreve no mundo na e pela linguagem.

Como nos diz Orlandi (2012, p. 193), a “relação com a sociedade é a relação com a linguagem. Esta, por sua vez, é um fato social. É pela linguagem que o sujeito se constitui e é também pela linguagem que ele elabora sua relação com o grupo”. Com base nestas reflexões iniciais, podemos dizer que o campo da Análise de Discurso se mostra um espaço potente para a produção de um estudo sobre Eduardo Galeano, um sujeito latino-americano. Nosso recorte se dará por meio dos construtos teóricos e metodológicos da AD, lançando um olhar sobre o sujeito, debruçando-se sobre as diferentes materialidades artístico-simbólicas que representam Eduardo Galeano, bem como as condições de produção que constituem o discurso por ele produzido. Galeano habita o território latino-americano e se relaciona com ele e, para compreender seu discurso, adentraremos naquilo que o constitui e o atravessa, sendo que enquanto sujeito, ele é também resultado de um processo histórico de seu tempo funcionando “sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 50), partindo do entendimento que a linguagem nunca é transparente, sempre movimentando-se através de sua opacidade.

Por assim dizer, é na “relação tensa do simbólico com o real e o imaginário” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 51), que o “sujeito e o sentido se repetem e se deslocam” (p. 51). Saber mais sobre Galeano possibilitará saber mais sobre o processo de construção de uma identidade/identificação latino-americana, posto que ele assumiu as lutas desse grupo social como suas. Nas palavras do escritor, Galeano comentava que era “um autor obcecado com a lembrança, com a lembrança do passado da América e, sobretudo, da América Latina, uma terra intimamente condenada à amnésia”<sup>12</sup>. E, para a Análise de Discurso, a história funciona como constitutiva do sujeito e do sentido e “é pela noção de historicidade que aquilo que é exterior à língua passa a significar no discurso” (PETRI, 2017, p. 82).

Pode-se compreender que, enquanto escritor, os sentidos produzidos a partir daquilo que Galeano evocava, costuraram um fio condutor que viabiliza o que

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/morre-aos-74-anos-o-escritor-eduardo-galeano>>. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

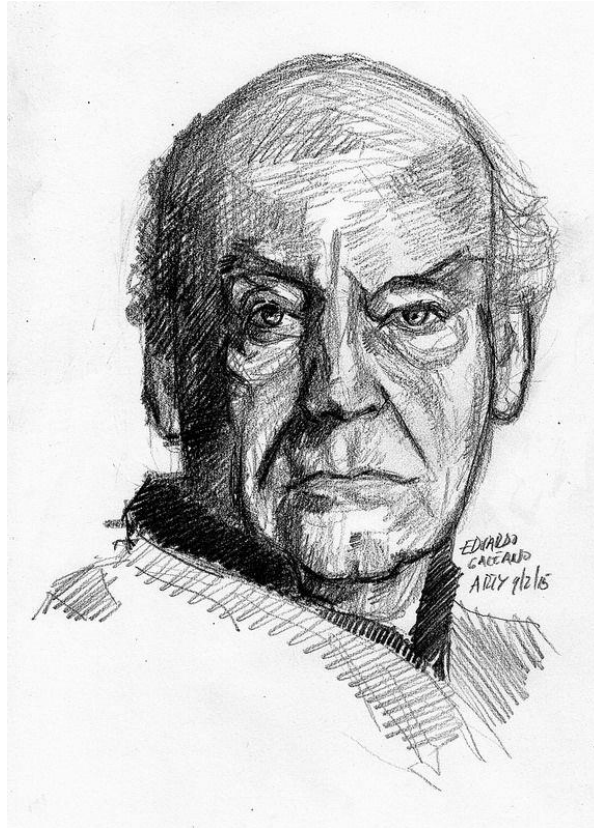
Benjamin (1986, p. 225) entendia como “escovar história a contrapelo”. A contrapelo como se “bagunça” a pelagem de um gato, arrepiando suas costas, deixando expostos novos relevos e formas para aquilo que, em um momento, parecia já estar dado. A contrapelo como quem vê o universo pelo “buraco da fechadura”, como quem se intitula “um averiguador da grandeza escondida nas coisas pequenas”<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Em uma conversa informal com Ruy Carlos Ostermann, na 54ª Feira do Livro de Porto Alegre (2008), Eduardo Galeano fala sobre o que o motivou a escrever o livro *Espelhos – uma história quase universal*. Disponível em: <<http://www.processocom.org/2008/11/27/eduardo-galeano-apresenta-espelhos-uma-historia-quase-universal/>>. Acesso em: 9 de setembro de 2022.

## 1.1 “A sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia”<sup>14</sup>: o sujeito discursivo e suas roupagens

Figura 4



Fonte: Anot@ Sonhos<sup>15</sup>

*“Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus.*

*Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana, E disse que somos um mar de fogueirinhas.*

*– O mundo é isso – revelou. – Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.*

*Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.” (GALEANO, [1989]2005, p. 13).*

<sup>14</sup> (GALEANO, [1989]2005, p. 123).

<sup>15</sup> Disponível em : <<https://anotasonhos.wordpress.com/2018/07/16/teologia-3-por-eduardo-galeano/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

Ao tomarmos a noção de sujeito, conforme cunhada por Pêcheux ([1975]1995), como fundamental para essa pesquisa, afirmamos nosso compromisso com a ideia de que indivíduos são interpelados em sujeitos pela ideologia, e que esse “atropelo” ideológico advém do funcionamento de determinadas estruturas e se desenrola em processos outros, complexos e da ordem do discurso. Esse indivíduo, que se encontra no emaranhado entre ideologia e inconsciente é entendido por Pêcheux ([1975]1995) como aquele que se constitui a partir da interpelação ideológica bem-sucedida, como um “sempre-sujeito”. Tanto a AD quanto a Psicanálise irão tecer críticas sobre a ideia de um “eu” que tudo controla, seus dizeres, seus pensamentos, etc.

Freud ([1915-1917] 2004 , p. 295), diante da descoberta do inconsciente, afirma que “o eu não é mais senhor em sua própria casa”, determinando que há uma instância que constitui o homem e o coloca em uma posição de não-controle e descentraliza a ideia de consciência, logo, “a construção da noção de inconsciente rompe com a ideia de que a consciência ocupa um lugar de centro e de que o sujeito tem total domínio sobre os seus estados mentais” (BIAZUS; PETRI, 2013, p. 4).

De todo modo, o inconsciente é o que explica a existência dos sonhos, chistes, atos falhos, etc., deixando claro que é a presença dessa instância que abarca e intermedia esses eventos, e que isso não seria possível a partir da literalidade de uma consciência completa, aproximando-se do que propunha Pêcheux ([1975]1995), de que o sujeito não é causa nem origem de seu dizer. Então, “a noção de ideologia na AD vem para evidenciar a impossibilidade da literalidade dos sentidos e da unidade para o falante, a noção de inconsciente, para a Psicanálise, vem para destituir o lugar do sujeito como “senhor” do seu mundo interno” (BIAZUS; PETRI, 2013, p. 4). Nesse espaço de escrita, buscamos uma forma de retomar tais processos como possibilidade de elaborar e organizar um arcabouço teórico que sustente nosso gesto de análise.

Embora a AD trabalhe com algumas formulações do campo psicanalítico – e que este campo sustente a ideia de um sujeito faltante, incompleto, quebrado, há um deslocamento ao trazer o sujeito dotado de inconsciente para as malhas do discurso - não se deixa de crer nas falhas como fundantes para a constituição do eu e do outro. De fato, há uma ruptura na forma em como essas marcas irão conduzir o homem no mundo enquanto sujeito que é fraturado, que diante dos esquecimentos, falta, falha. Assim, o sujeito discursivo entra em cena, e este, que ao deparar-se com a falta (com

a falha), se quebra. Nos deparamos então, com um sujeito atravessado pela contradição, que é faltante, incompleto, mas não o sabe, corroborando com a ideia de que “existe contradição interna em tudo, e isso determina seu movimento e desenvolvimento” (TSÉ-TUNG, [1937]2008, p. 86), muito embora saibamos que existe todo um funcionamento ideológico que trabalha para que haja a ilusão de que a contradição não exista, como um efeito de consenso, de unidade.

Pelas lentes da Análise de Discurso, não compreendemos essa fratura como algo da ordem da divisão do senso empírico, mas como constitutiva – muito embora também o seja –, mas sim como uma infinidade de ramificações possíveis, que se expandem, multiplicam, dando lugar a um sujeito que mesmo dividido, pode ser muitos, se dispersando por entre espaços e ocupando diferentes posições: um sujeito propenso ao encontro. Ao tomar a multiplicidade que desagua da falha e da falta, também somos conduzidos a refletir sobre os espaços nos quais esse sujeito transita, o que ele diz, como ele diz, porque ele diz e para quem ele diz, adentrando o processo de constituição do sujeito e dos sentidos.

Na teoria discursiva, o sujeito se constitui na relação com o outro, e dado que não é origem dos sentidos que produz, está condenado a significar e é atravessado pela incompletude. As noções trazidas por Pêcheux tecem a costura para pensar um lugar de produção de sentidos. Acerca disso, Orlandi (2005b) diz que a Análise de Discurso – para além de um dispositivo que viabiliza textualizar o político –, permite a compreensão da relação entre o simbólico e as relações de poder, e é tecelã de um olhar que se debruça na “política da língua que se materializa no corpo, por gestos de interpretação que tomam sua forma na textualização do discurso” (ORLANDI, 2005b, p. 10).

Isto posto, embarcamos nessa aventura pela América de Galeano levando em nossa bagagem a ideia de que o sujeito é construído a partir de seu próprio corpo – carne, sangue e símbolos, que nele se materializam as marcas, os cortes, as sangrias de ser quem se é e ainda carregam em si pedacinhos de uma América Latina nas veias. O corpo, em nosso entendimento, ocupa um espaço primordial para que o sujeito se lance ao discurso e esteja envolto por ele, habitando sempre as bordas, um entre-lugar, que emerge das fissuras provocadas pelo choque entre singular e coletivo.

## 1.2 A América de Galeano: condições de produção e espaços de interpretação

Figura 5



NOVIEMBRE 6 y 7 (2002), Doris Salcedo. Fonte: Palco dos Sonhos<sup>16</sup>

*Tudo tem, todos temos, rostos e marcas. O cão e a serpente e a gaivota e você e eu, quem vive e quem viveu e todos os que caminham, se arrastam e voam: todos temos rostos e marcas.*

*Os maias acreditam nisso. E acreditam que as marcas, invisíveis, são mais rosto que o rosto visível. Pela marca conhecem você. (GALEANO,[1994]2017, p. 91).*

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.palcodossonhos.com/post/doris-salcedo-mem%C3%B3rias-da-repress%C3%A3o>>. Acesso em: 26 de outubro de 2022.

A América Latina, território gestado no ventre do diverso, é constituída a partir de uma matriz colonial, que agencia o silenciamento de narrativas de todos aqueles considerados marginais. Ribeiro (2010, p. 60) diz que “uma característica singular da América Latina é sua condição de um conjunto de povos intencionalmente constituídos por atos e vontades alheios a eles mesmos” e, se “dessas operações surgiram novas comunidades humanas, isto foi de um resultante ocasional, não esperada e até indesejada”. O autor vai descrever esses grupos sociais marginalizados<sup>17</sup> como

[...] além de empobrecidos pela espoliação das riquezas acumuladas secularmente e do produto do seu trabalho sob o regime colonial, eram também degradados ao assumirem como auto-imagem (*sic*) um reflexo da visão europeia que os descrevia como racionalmente inferiores, porque negros, indígenas ou mestiços, e só por isso condenados ao atraso, como uma fatalidade decorrente de suas características inatas de preguiça, de falta de ambição, de tendência à luxúria etc. (RIBEIRO, 2007, p. 72)

O que significa de fato, então, nascer e viver nestas terras? Compreendemos, pela AD, que a ideologia interpela, atropela, marca na pele. Ser sujeito latino-americano é inscrever-se nos aterros de uma história selvagem, marcada pela contradição de existir em meio a dor e a beleza. A escrita, enquanto um espaço de manifestação do sujeito latino-americano, possui um caráter singular: é concebida por sujeitos nascidos do/no não-lugar. Esses nascimentos evocam o entre que habita no território latino-americano. Um espaço-tempo que se perde e que se resgata a cada gesto que suscita o desejo de atravessar as fronteiras do esquecimento; do não lembrado.

Essa seleção de cultura e comportamento se dá a partir da colagem do colonialismo para com a América Latina, pressupondo uma condição de que a ideia de América não pode ser separada da ideia de colonialidade (MIGNOLO, 2007). A colonização se incrusta na carne latino-americana, fazendo ressoar nos modos de

---

<sup>17</sup> Ao utilizarmos a expressão *marginalizados*, sinalizamos que buscamos nos referir a este sujeito que se constitui à margem da sociedade colonial, que é interpelado pelos modos de existência do colonizador e ainda assim é visto como aquele que não se encaixa completamente, não atendendo aos padrões estabelecidos pelo colonizador europeu.

existência de todo um povo<sup>18</sup>. Ser colonizado implica em carregar em si todo um já-dito, que antecede o sujeito e dita silenciosamente uma disputa de versões da/pela memória. Carlini (2019) descreve que da mesma forma que se construiu no imaginário social colonizador a ideia de América teria sido inventada, inventaram-se também as tradições europeias. Dessa forma, as subjetividades desse contexto cultural, estariam em seu âmago sendo geridas por essa matriz colonial.

Encontramos suporte no conceito de narratividade, desenvolvido por Orlandi (2017), para refletir sobre o lugar de que esse sujeito Galeano, se faz sujeito de linguagem, afinal, é pela narratividade que ele se constitui e formula seu discurso. O conceito é definido pela autora enquanto

a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços de interpretação determinados, consoantes específicas práticas discursivas. (ORLANDI, 2017, p. 30).

É pela da noção de narratividade que explicitamos os processos de significação que o discurso de Eduardo Galeano toma em sua constituição, considerando a memória, a materialidade do discurso e seus efeitos no funcionamento desse processo. A autora ainda aponta que a narratividade, conforme é abordada em sua obra, se institui enquanto elemento fundador dos sentidos e dos sujeitos, sendo constitutiva do funcionamento da memória (ORLANDI, 2017). Ainda, quando Orlandi (2022) retoma a irrepresentabilidade do interdiscurso, diz que este produz um efeito sobre si mesmo, e a narratividade seria uma espécie de “observatório do interdiscurso” (ORLANDI, 2022, p. 43). Ou seja, a partir dos gestos de interpretação de um sujeito inscrito em uma determinada formação discursiva (FD) em condições de produção dadas, podemos apreender o funcionamento desta instância (ORLANDI, 2022).

Apoiamo-nos ainda em Venturini (2009, p. 80) que, ao ler Orlandi, nos ajuda a diferenciar narração de narratividade conforme segue, pois a

---

<sup>18</sup> Quando nos utilizamos do termo “povo(s)”, buscamos uma forma de falar dos grupos sociais diversos que vivem na América Latina, sem referir-se a um grupo em específico.



narração é o encadeamento dos fatos, a fundação de um discurso em outros discursos, materializando-os. A narratividade é o processo de narração, os efeitos de sentido advindos da inscrição na FD que interpela o sujeito e determina o que pode e deve ser dito.

Ao tomarmos esse conceito em relação ao nosso trabalho podemos dizer que é naquilo que Orlandi (2017) nomeia de “espaços de interpretação determinados” que observamos como a América Latina é um espaço territorial e simbólico imprescindível para a formulação de discursos e de práticas discursivas quando nos referimos a Galeano. Muito embora não seja um espaço estático, pois há movimento, fluidez, rachaduras que permitem que as posições-sujeito deslize por entre sentidos possíveis. Há uma anterioridade, um sempre já-dito que se institui na e pela memória e se afina nas condições de produção que se apresentam, mas nunca leva a completude; e é aí que entra a possibilidade de produzir práticas sociais singulares, “escancarando” portas para potencialidade de práticas sociais e gestos que se reverberam como acontecimentos.

Pêcheux ([1993]2010) denominou condições de produção as circunstâncias sob as quais um discurso é produzido, tornando essas condições inarredáveis do processo de produção discursiva e do próprio discurso em si. Compreendemos que as condições de produção antecedem o sujeito, envolvendo-o em um determinado contexto sócio-histórico que cria raízes em seu dizer, constituindo, juntamente a outros processos (linguísticos, psicológicos e sociais), seu discurso – estas, por sua vez, assim como os sentidos, não são homogêneas.

Assim, as condições de produção de um discurso funcionam e produzem sentidos, e em nossa inscrição no mundo, somos atravessados e constituídos pelas condições de produção que nos são apresentadas através da linguagem. Orlandi ([1999]2015) divide-as em sentido amplo, que abarcaria esse contexto sócio-histórico e sentido estrito, que compreende o contexto imediato de um determinado discurso, as circunstâncias enunciativas.

É nesse vai-e-vem discursivo que as CP demarcam seu lugar; mais do que um pano de fundo ou o cenário de um discurso, elas são parte do que estrutura a teia discursiva que envolve o sujeito. O dizer sempre pode significar de um jeito, ou de outro, as tomadas de posição sempre não uma e não outra... Um uruguaio que viveu sua juventude no meio do fogo cruzado em que se encontrava a América Latina da

segunda metade do Século XX tomaria os mesmos caminhos se vivesse 100 anos antes ou depois de seu tempo em um lugar distante, com outras questões, belezas e horrores? Enfim...

[...] tudo depende das condições nas quais o discurso é produzido, quem o produz, para quem ele fala, enfim, depende de uma série de “circunstâncias” que trazem à tona um discurso e não outro, com um enfoque e não outro; enfim, trata-se de um lugar histórico e social, no qual o sujeito assume uma posição e sob tais circunstâncias produz-se um determinado efeito de sentido e não outro. (PETRI, 2004, p. 152).

Compreendemos, de todo modo, que as CP produzem efeitos de sentido no sujeito, que está inscrito em uma determinada formação discursiva, em um processo discursivo em questão. As condições de produção irão compreender, então, um conjunto de fatores que englobam o contexto sócio-histórico de um determinado espaço e sociedade, que não os cria diretamente, dado que as condições de produção antecedem o sujeito e o discurso. Dessa forma, elas funcionam e produzem sentidos, e em nossa inscrição no mundo, somos atravessados e constituídos pelas CP que nos são apresentadas através da linguagem. Orlandi ([1999]2015) divide as condições de produção em sentido amplo, que abarcaria esse contexto sócio-histórico e sentido estrito, que compreende o contexto imediato de um determinado discurso, as circunstâncias enunciativas. As condições de produção têm uma relação inarredável com as circunstâncias em que um determinado discurso é produzido. Como bem coloca Petri (2004), quando utilizamos o termo “condição”

estamos nos referindo à circunstância, a algo que resulta de determinada “situação”, algo que não nos dá liberdade de escolha: a condição se impõe e se aceita, ela já está dada, essa é a sua propriedade essencial. A condição é anterior à produção, ela determina a constituição do produto, pois interfere no processo mesmo de produção. (PETRI, 2004, p. 151).

A autora ainda comenta que os estudos discursivos se dão a partir da ligação entre essas condições específicas em que o discurso é produzido e o processo de produção do discurso em si (PETRI, 2004). Em sua tese de doutoramento, Petri (2004) recorre a Pêcheux (1993) para explicitar que antes mesmo de o autor definir o que de

fato eram as condições de produção, este definiu o processo de produção enquanto um “conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em “circunstâncias” dadas” (PÊCHEUX, 1993, p. 74); estas circunstâncias seriam, então, as condições de produção de um discurso. Assim,

tudo depende das condições nas quais o discurso é produzido, quem o produz, para quem ele fala, enfim, depende de uma série de “circunstâncias” que trazem à tona um discurso e não outro, com um enfoque e não outro; [...].

Trata-se, então, de um lugar que é histórico e social, no qual o sujeito assume uma posição diante de determinadas circunstâncias um efeito de sentido se produz, em detrimento de outro possível. Quando observamos esse “tudo” que circunstanciou a escrita de Galeano, nos deparamos com condições de produção específicas: uma geração de escritores que viu em primeira mão os efeitos da revolução cubana, onde se intensificaram os debates sobre as experiências socialistas e alternativas para os modos de funcionamento do capitalismo; uma América Latina que borbulhava em meio a regimes ditatoriais, onde escritores e jornalistas eram frequentemente perseguidos e censurados. Além disso, a onda de censura atingiu também (e principalmente) o mundo das ideias, da produção de conhecimento e da divulgação de informação: livros, revistas, veículos de comunicação em geral ficaram reféns de uma tirania cega. Galeano frequentemente retorna a esse tema, como em um pequeno conto presente na obra *Dias e Noites de Amor e de Guerra* ([1978]2019):

**Buenos Aires, julho de 1975:**

**Os Homens que cruzam o rio**

Hoje fico sabendo que todos os meses, no dia em que sai a revista, um grupo de homens atravessa o rio Uruguai para ler. São uns vinte. Encabeça o grupo um professor de sessenta e tantos anos, que esteve preso um tempo.

Pela manhã saem de Paysandú e cruzam para a terra argentina. Compram um único exemplar de *Crisis* e se instalam num bar. Um deles lê em voz alta, página por página, para todos. Escutam e discutem, A leitura dura o dia inteiro. Quando termina, deixam a revista de presente para o dono do bar e voltam ao meu país, onde ela está proibida.

- Ainda que fosse só para isso – penso – valeria a pena. (GALEANO, [1978]2019, p. 45, grifos do autor).

Nesse relato, é possível observar em como as condições de produção estão amarradas a constituição dos discursos, e, para além disso, explicitamos que apesar de como elas se apresentam, e em como os dizeres são ideologicamente determinados e/ou interditados, sempre há a abertura ao devir, ao movimento. As condições de produção são, então, determinantes para o sentido, visto que é a partir dessas condições que o sujeito irá se posicionar diante do mundo que se apresenta a ele. No caso do conto *Os Homens que cruzam o rio*, compreendemos que há um interdito que se estabelece a partir de um regime militar, e que por isso determinados discursos estão sujeitos ao silenciamento. Diante disso, há um movimento de revolta para com essa interdição da revista, e mais do que isso, há um deslocamento, – no sentido literal da palavra, mas também um deslocamento de sentidos para a proibição da circulação do material: *ora, se não é possível que leiamos a revista aqui, a leremos em outro lugar* – há então a possibilidade de o sujeito, em sua relação com as condições de produção que lhe são apresentadas, ir por um outro caminho.

Corroborando com isso, deparamo-nos com três elementos estruturais, que segundo Pêcheux (1993), são essenciais e sustentam o funcionamento das CP na constituição do discurso, Petri (2004) os apresenta em sua tese de doutoramento, na qual a autora destaca o *sujeito*, o *referente* e as *formações imaginárias produzidas pelo e sobre o sujeito e sobre o referente*.

O sujeito é o elemento estrutural das condições de produção, pois este produz um discurso a partir daquilo que lhe é comum, que o rodeia, seja de ordem consciente ou não. Petri (2004) define que essa resposta ao ambiente é o que se espera do sujeito nesse momento; este, por sua vez, atribui papéis a si mesmo e aos outros, construindo seu olhar diante do mundo a partir da atuação das formações imaginárias<sup>19</sup>. Dessa forma, é na relação entre o eu e o outro que as CP “autorizam [...] o que pode promover um processo de identidade entre o eu e o outro como pode promover um processo de alteridade.” (PETRI, 2004, p. 152).

---

<sup>19</sup> Trataremos das Formações Imaginárias na sessão seguinte.

Já o referente, funciona, de acordo com Petri (2004), como um objeto que é evocado pelas formações imaginárias em que o sujeito se insere, enquanto uma particularidade/singularidade, um ponto de vista, sobre determinado assunto. É um objeto que mantém uma relação com o sujeito discursivo, dado que este, ao produzir um discurso, se coloca em uma posição de “ocupar um lugar para falar” (PETRI, 2004, p 153). O referente, no lugar de objeto imaginário, resgata outras formações imaginárias de outros lugares, para produzirem efeitos nesse processo discursivo em específico. Petri (2004) aponta que esse caminho teórico traçado por Pêcheux é de extrema importância para o que sustenta a Análise de Discurso enquanto disciplina, pois

não há como recuperarmos a origem primeira de um discurso ou mesmo o imaginário primeiro que se produziu sobre um determinado referente; tal busca seria insana e infinita, já que um discurso, um sujeito ou um referente sempre remete a algo que lhe é anterior e que sofre atravessamentos de toda a ordem. (PETRI, 2004, p. 153)

Um discurso, então, sempre evoca outros dizeres através da memória, porque todo um dizer parte de um já-dito que sustenta toda uma cadeia discursiva. Não há um princípio, uma métrica que delimite onde X ou Y discurso teve sua fundação, pois sempre há aquilo que os antecede e sussurra outros saberes, restos, pedaços, se alojando no interior de um discurso.

As condições de produção irão, dessa forma, conceder o caráter já atribuído ao sujeito nos estudos em AD, como aquele que não controla os sentidos do discurso que produz, não sendo então a origem de seu dizer. Para tanto, nos voltamos à definição dada por Courtine (1982), que explicita que para a AD as CP são “o que regula a relação entre a materialidade linguística de uma sequência discursiva e as condições históricas que determinam sua produção” (COURTINE, 1982, p. 246). Nesse caminho compreendemos que um discurso é produzido sob determinadas condições de produção e, neste trabalho, elas aparecem projetadas principalmente no discurso literário.

Quando nos propomos a discutir sobre o que é ser latino-americano, o fazemos pela via da AD, de uma história do imaginário, transversa, marginal, narrada através

de um ponto de vista específico: o de Eduardo Galeano. Isso constitui nossa tomada de posição enquanto analistas, que optam por um caminho e não outro, e nesse caminho se sobressai *um discurso sobre o povo latino-americano*, deixando à sombra o *discurso do povo latino-americano*.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Talvez poderíamos chegar a um meio termo, ao dizer que o que se apresenta nessa pesquisa é o discurso “de um” latino-americano, que por ter assumido um determinado lugar, teve sua voz ouvida, sua palavra escrita, entre outras tantas. Entretanto, optamos por dizer *discurso sobre* pois ao colocar Galeano em perspectiva, sabemos que a partir do discurso literário ele não foi apenas um, mas muitos, despindo-se de Eduardo e vestindo a roupagem de um homem ou mulher qualquer.

### 1.3 Entre marcas e vestígios: censura e produção de sentidos

Figura 6



Anna Maria Maiolino, É O Que Sobra, Série "Fotopoemação", 1974. Fonte: Ocula.<sup>21</sup>

*"Nos tempos da ditadura militar, os presos políticos uruguaios não podem falar sem licença, assoviar, sorrir, cantar, caminhar rápido nem cumprimentar outro preso.*

*Tampouco podem desenhar nem receber desenhos de mulheres grávidas, casais, borboletas, estrelas ou pássaros.*

*Didaskó Pérez, professor, torturado e preso por ter idéias ideológicas, recebe num domingo a visita de sua filha Milay, de cinco anos. A filha traz para ele um desenho de pássaros. Os censores o rasgam na entrada da cadeia.*

*No domingo seguinte, Milay traz para o pai um desenho de árvores. As árvores não estão proibidas, e o desenho passa. Didaskó elogia a obra e pergunta à filha o que são os pequenos círculos coloridos que aparecem nas copas das árvores, muito pequenos círculos entre a ramagem:*

*– São laranjas? Que frutas são?*

*A menina o faz calar:*

*– Shhhh.*

*E em tom de segredo explica:*

*– Bobo. Não está vendo que são olhos? Os olhos dos pássaros que eu trouxe escondidos para você." (GALEANO, 2013, p. 776-777).*

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://ocula.com/art-galleries/hauser-wirth/artworks/anna-maria-maiolino/-o-que-sobra-what-is-left-over/>>. Acesso em 18 de abril de 2023.

Galeano falou em um discurso de abertura em um encontro internacional de arte no ano de 1988<sup>22</sup>, em plena ditadura chilena, que o “colonialismo visível proíbe dizer, proíbe fazer, proíbe ser. O colonialismo invisível, mais eficaz, nos convence de que não se pode dizer, não se pode fazer, não se pode ser” (GALEANO, 1988, s/p). De todo modo, entendemos que há forças em embate mesmo quando o silêncio é uma constante, e assim como é no colonialismo, é na(s) ditadura(s). Assim, concordamos com Orlandi (2012), quando a autora traz que “ao falar de política, não há como não considerar a memória como feita de esquecimentos, mas também de silêncios, e de silenciamentos” (ORLANDI, 2012, p. 64).

Orlandi irá trabalhar com a noção de censura – ou silêncio local, e dirá que o que foi censurado “não desaparece de todo. Ficam vestígios, de sentidos insignificados e que têm com a memória discursiva uma relação equívoca com as margens dos sentidos. Versão, desdobramento, réplica, polêmica, contradiscurso” (ORLANDI, 2012, p. 65). Os sentidos, no contexto da ditadura, impõem limites, silenciam por eles mesmos, habitam as margens da memória, e essa margem atua aprisionando os sujeitos nos limites desses sentidos (ORLANDI, 2012). Não se pode pensar, não se pode ouvir música, escrever sobre a censura é proibido; a arte, o jornalismo, viram inimigos não só dos regimes totalitários, mas dos limites impostos no imaginário do sujeito, é a censura enquanto “produção do interdito, do proibido” (ORLANDI, [1992]2007, p. 75).

Ainda, de acordo com Orlandi ([1992]2007)

Poder-se-ia falar do modo como a censura funciona do lado da opressão. Mas isso não tem nenhum mistério: proibem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos.

No entanto, há um aspecto interessante [...]. Como, no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos “lugares”, ou melhor, proibem-se certas “posições do sujeito.

A censura não é um fato circunscrito à consciência daquele que fala, mas um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação. (ORLANDI, [1992]2007, p. 76)

---

<sup>22</sup> Disponível em <http://blogdobertolo.blogspot.com/2007/06/ns-dizemos-no-eduardo-galeano.html>>. Acesso em 25 de abril de 2023.



Dessa forma, interdita-se o sujeito de inscrever-se em uma dada formação discursiva, afetando diretamente a forma de identificação do sujeito com essa FD e sua posição enquanto sujeito-do-discurso. Conforme aponta Orlandi ([1999]2015), as formações discursivas são aquelas que irão determinar o que o sujeito pode e deve dizer sob determinadas condições de produção, e é numa determinada formação discursiva que um sujeito se inscreve para produzir um discurso. Ainda, Orlandi ([1999]2015) irá dizer que essa noção se refere aos espaços de materialização daquilo que reside no mundo das ideias, ou seja, das formações ideológicas, muito embora a ideologia não resida apenas nesse campo, e apareça também nas práticas de sujeitos inscritos em uma determinada FD (que é constituída por uma formação ideológica correspondente).

Orlandi vai explicitar que a relação com o dizível é modificada, pois quando a censura intervém, não se pode dizer o que foi proibido, aquilo que anteriormente era determinado pelas formações discursivas. O sujeito, nas ditaduras, por exemplo, só pode ocupar um lugar: aquele que lhe foi determinado: ele é interdito em sua multiplicidade, não pode transitar pelas formações discursivas em que está inscrito, resultando em uma “asfixia do sujeito e do sentido” (ORLANDI, 2012, p. 79), tendo assim, sua memória e seu direito a ser plural sequestrados. Desse modo, esse sujeito interdito só pode produzir os sentidos que não lhe são proibidos, só pode ocupar o lugar a que foi destinado. Entretanto, o sujeito que se constitui na multiplicidade, na dispersão, pelo entremeio dos sentidos, obriga-se a dizer “x” para não dizer “y”, mas esse “y” significará por processos outros, mostrando que o sujeito sempre pode resistir (ORLANDI, 2012).

É possível pensar no processo de escrita de Galeano como forma de fazer significar o interdito por outras vias. Exilado, ele escreve a trilogia *Memória do Fogo*, e conta uma história também interdita da América Latina. Ou ainda quando o autor conta como seu livro *As veias abertas da América Latina* se tornou tão popular:

[...] *As veias* foi publicado depois e teve a sorte de ser muito elogiado pelas ditaduras militares, que proibiram o livro. Na verdade, o prestígio nasceu aí, porque até aquele momento não tinha vendido quase nenhum exemplar, nem a família comprava o livro.

Mas graças ao êxito que alcançou nos meios militares, o livro começou a circular com sorte cada vez maior. A não ser no meu país, o Uruguai, onde entrou livremente nas prisões militares durante os primeiros seis meses da ditadura. É estranho, porque naqueles anos os da Operação Condor, em que as ditaduras se reproduziam com traços muitos semelhantes – quase idênticos –, em diferentes países da América Latina, as mesmas coisas eram proibidas.

Os censores uruguaios, ao verem o título, achavam que estavam diante de um tratado de anatomia, e os livros de medicina não estavam proibidos.

O engano durou pouco. (GALEANO, [2016]2019, p. 217-218)

Neste trecho, o sujeito-autor introduz ao leitor a dimensão política de seu discurso, fazendo ressoar o proibido, aquilo que de alguma forma é interdito... assim, seja por pequenos contos/relatos dispostos por sua obra, ou ainda causado por um “engano” dos militares uruguaios, faz-se ressoar as formas de fazer o sujeito dizer de um outro modo. Ele resiste a censura, as formas de opressão, tomando uma posição diante de um conflito, de uma interdição, colocando do dizível o que estava sendo silenciado. É nesse processo de resistir à censura que se instauram práticas que determinam o caráter incompleto do sujeito, que nunca está completamente assujeitado à ideologia. Existe sempre a possibilidade desse sujeito revoltar-se e romper, ou criar fissuras com/na estrutura que o acorrenta

Esse entendimento se constrói na medida em que o sujeito não é um *a priori*, mas sim, fruto de sua inscrição na história e na língua. A partir dessa inscrição é possível olhar para os lugares de onde esse sujeito fala, “compreendendo seus processos de assujeitamento em termos da inscrição da interpelação pela ideologia na história” (BIAZUS; PETRI, 2013, p. 6). O homem, ao inscrever-se na história para significar, “mostra que há um investimento do corpo do sujeito presente no corpo das palavras” ORLANDI (2008, p. 10), e vindo ao encontro disso, percebe-se que os caminhos percorridos por Galeano em seu processo de criação têm um caráter de resistência, e gestam em seu âmago uma produção que sempre (re)conta uma história.

Para o sujeito da linguagem, produzir um gesto de interpretação diante de um fato, de um discurso, de um “outro” é inevitável. Estar no mundo é buscar sentido naquilo que se apresenta enquanto objeto simbólico. Orlandi (2007a, p.10) nos diz que “o homem não pode [...] evitar a interpretação, ou ser indiferente a ela. Mesmo que ele nem perceba que está interpretando – e como está interpretando – é esse um trabalho contínuo na sua relação com o simbólico.” O gesto interpretativo não está

dado, ao contrário, é apagado pelo efeito da ideologia, iludindo o sujeito e deixando o sentido como se fosse transparente, quando este não o é. O sujeito interpreta um objeto simbólico a partir de suas próprias condições de produção, e, portanto, não há como haver transparência de sentidos quando este pode ser sempre um e não outro.

Ainda, para Orlandi (2010), “interpretar não é atribuir sentido, mas expor-se, à opacidade do texto, ou seja, é explicitar como um objeto simbólico produz sentidos”. Para escrever, o sujeito passa antes por uma série de afetações, e a interpretação faz parte dessa trama. É preciso que o sujeito se filie a uma ou mais formações discursivas que carregam consigo uma carga ideológica. E esse sujeito – interpelado ideologicamente – traz consigo um sempre já-dito e o que ele materializa na escrita é da ordem da repetibilidade. Entretanto, é diante da repetição que sempre há abertura para o deslize, e a possibilidade de atualização de uma memória.

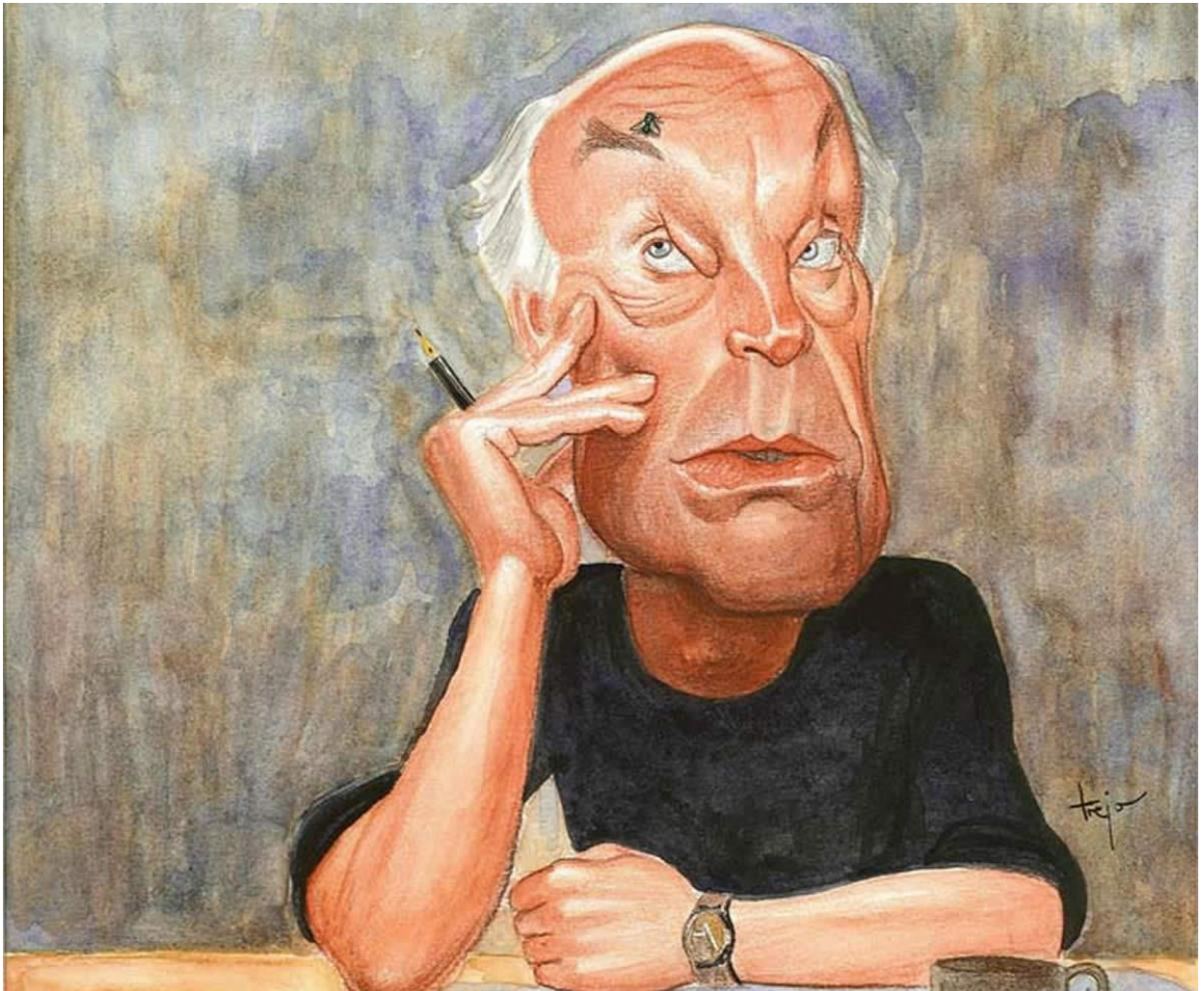
Campos (2020) explicita que interpretar, sobretudo, é um ato de trabalho, que coloca em jogo a falta fundante do sujeito. Segundo a autora,

Interpretar subentende um movimento em direção ao desejo que não pode ser apreendido, nem fixado ao objeto, mas que é alvo do recalque e que dá sinais em todas as formações do inconsciente. A interpretação poderia ser pensada como um processo desejante, sempre fracassado, que vai manter o sujeito em movimento, processo que se supõe pela incompletude da linguagem em relação a algo que não se fecha, onde o dizer é sempre aberto. Aberto ao equívoco. (CAMPOS, 2020, p. 168).

É por ser um espaço de movimento e fluidez que o lugar da interpretação é o lugar no qual o sujeito se manifesta, tomando uma posição (sempre ideológica e atravessada pelo funcionamento do inconsciente) com a qual se identifica. A interpretação se dá em um sempre embate no qual alguns sentidos e não outros acabam prevalecendo, dando uma direção ao dizer do sujeito e escancarando as relações estabelecidas entre as formações discursiva com as quais esse sujeito se identifica.

## 1.4 Insurgências teóricas

Figura 7



Fonte: Netmundi.org<sup>23</sup>

*Quien escribe, teje.*

*Texto proviene del latín "Textum", que significa tejido.*

*Con hilos de palabras vamos diciendo, con hilos de tiempo estamos viviendo: los textos son como nosotros, tejidos que andam.* (GALEANO, 2000).<sup>2425</sup>

<sup>23</sup>Disponível em: <<https://www.palcodossonhos.com/post/doris-salcedo-mem%C3%B3rias-da-repress%C3%A3o>>. Acesso em: 2 de novembro de 2022.

<sup>24</sup> "Quem escreve, tece.

Texto vem do latim "Textum", que significa tecido.

Com fios de palavras, vamos dizendo, com fios de tempo vamos vivendo: os textos são como nós, tecidos que andam." Tradução nossa.

<sup>25</sup> Tejidos. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=SPtOaLqvAAk>>. Acesso em: 15 de outubro de 2022.

Nesse subcapítulo trataremos de algumas noções fundamentais da AD que se articulam para pensarmos nosso objeto de análise, como o funcionamento formações ideológicas, discursivas e imaginárias e outros conceitos que delas advém e se entrelaçam nessa pesquisa. Para isso, iniciamos explicitando o funcionamento da noção de interdiscurso, definida por Pêcheux ([1975]1995, p. 167) como um “pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita”. A noção de interdiscurso guia essa escrita, de modo que é por esse conceito que compreendemos como os já-ditos retornam no enunciado de um sujeito, produzindo sentidos e surgindo como se tivesse um ponto de origem naquele que profere o dizer.

Ainda, a memória, segundo Pêcheux ([1983]2007)

[...] não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 2007 [1983], p. 56)

É pela memória que um pré-construído pode retornar e se repetir, justamente por estarmos falando desse espaço onde o velho se mantém, mas sempre à mercê do novo insurgir, fazer-se transformar a partir do movimento de ressignificar um já-dito. Se apresenta então, para Pêcheux, um espaço de desdobramentos que caracterizam um jogo de forças, de disputas dos sentidos.

Para Pêcheux ([1975]1995) a noção de interdiscurso se refere ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, e que ele se submete as relações que advém da luta de classes (desigualdade-contradição-subordinação), que caracteriza o complexo das formações ideológicas. O interdiscurso irá propor que “algo fala [...] antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 162) e assim sustenta toda uma rede de dizeres, estabilizando alguns sentidos e apagando outros. Enquanto pré-construído, o interdiscurso irá atuar como “um sempre-já-aí” (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 164), fornecendo ao sujeito sua realidade e um sentido universal (aquilo que todo mundo sabe, que todo sujeito tem como verdade

sob a forma de evidências). Entretanto, o interdiscurso também atuará, segundo Pêcheux (1975]1995) como “articulação”, uma vez que essa articulação irá constituir “o sujeito em sua relação com o sentido” (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 164, grifos do autor), isto é, como o sujeito irá se relacionar com as palavras e os sentidos presentes em uma determinada formação discursiva.

Orlandi ([1999]2015) vai reformular essa noção, propondo que o interdiscurso e/ou memória discursiva seriam equivalentes, e que “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sobre a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (p. 29). Dessa forma, o interdiscurso irá se organizar como o conjunto de todas as formulações já feitas e esquecidas<sup>26</sup>, e para que o dizer do sujeito tenha sentido é preciso que elas já façam sentido, e que pela história e pela memória, caiam no anonimato e se tornem as palavras “dele” (ORLANDI, [1999]2015). A autora ainda explicita que é a memória discursiva “que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI [1999]2015, p. 29).

A memória discursiva diz de um sempre já-dito, onde as palavras são significadas na língua e pela história, operando de forma a construir versões, determinando aquilo que pode e deve ser dito. Segundo Indursky (2013), o pré-construído diz respeito a todos os sentidos possíveis para um enunciado, e que para ele ter um sentido e não outro, precisa passar pelo domínio de saberes de uma FD, que irá conceder-lhe o sentido correspondente a FD em questão. Em suas palavras

Se, por um lado, o pré-construído é elemento constitutivo do interdiscurso que, por sua vez, é constituído por todas as FD, isso significa que, no interdiscurso o pré-construído, não apresenta um, mas todos os sentidos que já lhe foram atribuídos. Então, para que o pré-construído seja dotado de “um” sentido (e não de todos), ele deve passar pelo filtro de uma FD. Só então ele vai tomar um sentido e os demais serão “esquecidos”. (INDURSKY, 2013, p. 100)

É, em parte, pelo interdiscurso que os sentidos se constituem, se movimentam e/ou se estabilizam, é uma memória constitutiva, onde “face a ela, os sentidos se

---

<sup>26</sup> Trataremos dos Esquecimentos 1 e 2 ainda nesta seção.

estabilizam, nela os sentidos se movimentam” (ORLANDI, 2012, p. 171). É todo um saber discursivo que sempre-já esteve lá e que se reproduz e significa de diferentes formas, a depender das condições de produção, da formação discursiva em que o sujeito está prioritariamente inscrito... Ainda, é a partir da posição em que o sujeito se filia ao interdiscurso que ocorre uma estabilização/reprodução do velho ou um movimento desses sentidos pré-existentes (ORLANDI, 2012). Para que isso aconteça, Orlandi (2012) aponta que o esquecimento é fundamental, pois ao esquecermos, os sentidos sempre podem ser outros, de tal modo que o retorno de um já-dito, mas esquecido, “em condições e relações distintas com a memória, desloca, produz o que chamamos de efeitos metafóricos, transferências, derivas, deslizamentos de sentidos” (ORLANDI, 2012, p. 172).

Desta forma, caminhamos juntamente a Orlandi (2017, p. 17) para pensar a memória “não como cronológica, como não tendo presente, passado e futuro; não tendo, pois, temporalidade, mas historicidade: anônima e atemporal.” É essa não-linearidade que faz com que os sentidos sejam produzidos a partir da estabilização de uma memória, de tal forma que ela se torne uma “voz sem nome” (COURTINE, 1999, p. 19).

A autora argumenta também que o ideológico é um trabalho de esquecimento (ORLANDI, [1999]2015). Dessa forma, é importante pontuar que são os esquecimentos que abrem caminho para que o sujeito circule em um “espaço imaginário que assegura ao sujeito falante seus deslocamentos no interior do reformulável”. (PÊCHEUX; FUCHS, [1975]2014 p. 178). Ainda, cabe ressaltar que a memória funciona como “[...] instrumento político, próprio às coletividades, mas ela não é só isso, ela transborda, inunda, ressignifica as práticas sociais” (PETRI; SCHERER, 2016, p. 27). Somos atravessados pelo que fica, nessa disputa pela eterna ressignificação dos sentidos, do estado das coisas, não somos alheios aos processos políticos em que a memória está envolta, tampouco podemos ignorar que a memória discursiva é esburacada, sempre sujeita a possibilidade de ser perfurada.

A noção de memória, tão necessária a esta trama que costuramos juntamente a Análise de Discurso, se faz ainda mais cara quando, por exemplo, nos questionamos sobre quais sentidos circulam e se estabilizam frente a representação do povo latino-americano. Segundo Indursky (2011), a regularização de determinados sentidos é que irá construir uma memória social, deixando marcas e se apresentando ao sujeito como

“verdade”. Se levarmos em consideração uma visão perpetuada e reproduzida pelos povos colonizadores e/ou dominantes sobre latinidades, haveria um consenso, dado que

[...] se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão construir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados (INDURSKY, 2011, p. 71).

Entretanto, se a memória é esburacada, desnivelada e está em constante movimento em busca de regularizar sentidos, pela literatura existe a possibilidade de movimentar o antigo em prol do novo, de outras significações possíveis. Dessa forma, o imaginário sobre o povo latino-americano também é palco dessa disputa.

As formações imaginárias se apresentam, então, como forma de designar os lugares atribuídos por A e B “cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, [1993]2010, p. 82). Explicitamos então que é nesse movimento que rege e regula como se relacionam os sujeitos que as formações imaginárias residem, nesse enredamento de memória e de projeções que circulam e estabelecem as formas de existência.

As formações imaginárias irão funcionar, no entendimento de Pêcheux (1993/2010) como a imagem que os sujeitos constroem sobre si e o outro em um determinado processo discursivo a partir dos seguintes enunciados: “quem eu sou para que ele me fale assim?”; “quem ele é para falar assim comigo?”; “quem eu sou para lhe falar assim?”; “quem ele é para que eu lhe fale assim?” (PÊCHEUX, 1993/2010, p.83). Compreendemos que, para Pêcheux (1993/2010), as formações imaginárias irão determinar, via simbólico, como os sujeitos percebem a si, o outro e a relação estabelecida com o discurso e as condições de produção em que estão inscritos. É a partir das formações imaginárias que se determina como, por exemplo, um militar de baixo escalão deve tratar um ditador, um “subversivo” e por aí vai. Elas irão atuar na regulação das relações entre os sujeitos, utilizando-se de três recursos: relações de sentido, antecipação e relações de força (ORLANDI, [1999] 2015).



As relações de sentido são atribuídas ao sustentar que todo um dizer remete a outro, em uma cadeia discursiva. Sempre há um já-dito, uma anterioridade dos sentidos, que existe em um estado de suspensão e que se faz presença ausente nos dizeres. Já a antecipação diz da possibilidade do sujeito em antecipar os sentidos do enunciado do seu interlocutor, o que interfere em seu próprio enunciado, que poderá moldar-se para atender uma determinada demanda/expectativa, ser dito de um modo e não de outro (ORLANDI, [1999]2015). Orlandi ([1999]2015) cita como exemplo de antecipação a imagem que um dirigente sindical tem da imagem que os funcionários de um determinado espaço terão daquilo que ele irá dizer, assim ele ajusta seu falar conforme seus objetivos, mobilizando pontos que ele julga serem mais adequados. Podemos, ainda, pensar em como se dão as relações entre um escritor e um militar em um período de regime ditatorial, o que pode ou não ser escrito, quais palavras podem gerar repressão, etc. Afinal, tal como reflete Petri (2020, p. 37), “O que pode uma palavra? Pode ferir e pode curar! Tais efeitos de sentido da palavra sobre o sujeito se realizam pelo funcionamento da ideologia, de acordo com o direcionamento que os sentidos ganham.” Por fim, as relações de forças nos apresentam a ideia de que o lugar que o sujeito fala é constitutivo de seu dizer. As palavras se articulam e significam de diferentes formas, de acordo com as posições ideológicas e os lugares ocupados pelos sujeitos (ORLANDI, [1999]2015). De fato, estes três elementos que constituem as formações imaginárias contribuem com a regulação das relações dos sujeitos “em discurso”, mas não garantem sua eficácia, pois estão sempre sujeitos à falha, à falta, ao equívoco, etc.

Um dizer comporta um arcabouço que remete a sua forma histórica, que convoca os fios da memória e faz emergir sentido(s). Assim nos lembra Galeano ([1971]2020, p. 24, grifos do autor): “*A história é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será*”. Falar de relações de força implica em falar de disputa, de luta de classes. Pêcheux ([1975]1995) aponta para uma história que só se constitui a partir da “produção/transformação das relações de classes”, em termos que ele denominará de “infraestruturais”, correspondentes a questões econômicas, e “superestruturais (jurídico-políticos e ideológicos)”. Para o autor, a luta de classes é dissimulada por um tecido de evidências que se projetam nas estruturas que rodeiam o sujeito, sendo que a relação de classes é “dissimulada no funcionamento do aparelho de Estado pelo próprio mecanismo que a realiza, de

modo que a sociedade, o Estado e os sujeitos de direito [...] são produzidos/reproduzidos como evidências naturais” (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 148). Nesse sentido, explicitamos que a luta de classes está sempre atuando nas relações estabelecidas entre sujeitos, de forma mais ou menos aparente, e determina, juntamente com a construção de um imaginário sobre as relações de força, que lugar cada sujeito ocupa na sociedade.

Ainda, Pêcheux dirá que a materialidade da instância ideológica, isto é, das formações ideológicas, correspondem a uma estrutura de “desigualdade-subordinação do todo complexo com o dominante das formações ideológicas de uma formação social dada” (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 147), e que essa estrutura é a da contradição que constitui a luta de classes. O autor discute a complexidade dessa estrutura ideológica, argumentando que ela não corresponde completamente a ideologia dominante, e que é através desse palco que a luta de classes acontece. Segundo Pêcheux ([1975]1995), a transformação das relações de produção se dá na tentativa de impor novas relações de “desigualdade-subordinação”, acarretando, finalmente em uma transformação do próprio aparelho de Estado. Compreendemos, a partir dos estudos do autor, que a ideologia atua na constituição do sujeito através de sua materialização, o subordina a uma estrutura que o antecede, muito embora essa estrutura esteja sempre passível de transformação através do motor da história, da luta de classes.

Faz-se necessário recuperar o que diz Orlandi (2012) sobre o político, pensado discursivamente; para a autora, o político está presente em todo discurso, e “não há sujeito, nem sentido, que não seja dividido, não há forma de estar no discurso sem constituir-se em uma posição-sujeito e, assim, inscrever-se em uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, é a projeção da ideologia no dizer” (ORLANDI, 2012, p. 55). Se estabelecem dessa forma, as relações de poder e de força, onde cada sujeito ocupa um lugar de acordo com aquilo que o constitui, através de suas tomadas de posição.

Nesse sentido que as práticas de resistência emergem como forma de movimentar essas relações de desigualdade-subordinação, mesmo que sem romper as relações previamente estabelecidas. Pêcheux ([1975]1995) nos mostra que a interpelação ideológica é um ritual e que não existem rituais sem falhas, e é aí que se ancoram as práticas de resistência, criando furos, deslizando, se deslocando e

fazendo um sentido ser um e não outro. Dessa forma, caminhamos com o autor, concordando com sua afirmação: “não há dominação sem resistência, [...] é preciso ‘ousar se revoltar’” bem como “é preciso suportar o que venha a ser pensado, é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’” (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 304).

Orlandi (2020) se questiona sobre o que é esse processo do homem na história, não no sentido de apenas sobrevivência, mas de (sobre)existir, poder (r)existir pela metáfora. (Sobre)existir. Sobre(r)existir. (R)existir. (Re)existir. Assim, “metaforeando” em conjunto com Orlandi (2020), borbulha a ideia de que “se há o que fecha, há também o que abre” (ORLANDI, 2020, s/p), e assim deslizamos para uma realidade em que há a abertura de novos mundos possíveis. Convoco para essa metaforização partilhada, Galeano, que em 2011 nos disse que “há outro mundo na barriga deste, esperando. Que é um mundo diferente. Diferente e de parto difícil. Não nasce facilmente. Mas com certeza pulsa no mundo em que estamos.”<sup>27</sup>

Em sua tese de doutoramento, Petri (2004) discorre sobre as tomadas de posição do sujeito e a produção de sentidos que delas advém, e em dado momento, a autora traz que o sujeito enquanto cidadão que tem deveres e direitos também é um efeito das relações imaginárias que instauram uma determinada normalidade da vida em sociedade. De acordo com ela, essa responsabilização

não faz do sujeito um ser dotado de vontades e intenções, livre do assujeitamento ideológico e totalmente consciente de seus atos e suas palavras; ocorre exatamente o contrário, pois o funcionamento dessas relações imaginárias legitima ainda mais a tese do necessário assujeitamento ideológico para a constituição e instituição do sujeito e do sentido no discurso. (PETRI, 2004, p. 53).

Sendo assim, o assujeitamento ideológico o constitui a partir de determinados sentidos, e não outros. Essa ilusão que advém das relações da ordem do imaginário vai determinar como o sujeito se identifica com a Formação Discursiva dominante, enquanto o sujeito manifesta discursivamente sua forma de inscrição em relação a essa FD. No entanto, devemos nos atentar que entre discurso e ideologia, existe o furo, o que legitima a condição lacunar e descentrada do sujeito, reafirmando “a

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/galeanoum-outro-mundo-esta-na-barriga-deste-infame.html>>. Acesso em: 26 de abril de 2023.

caracterização material do discurso e do sentido, tendo em vista que a unidade do sujeito é da ordem do imaginário.” (PETRI, 2004, p. 53).

Na AD, o espaço de produção de discursos (América Latina) é entendido enquanto “enquadramento de todos os fenômenos”, sendo o espaço concebido como material (político-simbólico), sócio-histórico, com uma quantidade de sujeitos (significantes), vivendo dentro” (ORLANDI, 2005a, p. 202). Nesse cenário, a América Latina surge como um espaço de interpretação que tem sua própria materialidade. Fernandes (2018) reflete que, nesse sentido, sujeitos, práticas sociais, relações entre o homem e a sociedade possuem uma forma material, que se resulta da simbolização da relação do espaço com o sujeito. No caso da América Latina, um espaço que é também um espaço de memória, a cultura, a escrita, a arte e a história em um geral, são a materialização desse encontro simbólico.<sup>28</sup>

Para Pêcheux ([1975]1995) uma FD – ou mais de uma FD que por alguma razão estejam interligadas -, irá compor e ser composta por formações ideológicas, determinando que uma formação discursiva é aquilo que “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 160).

As formações ideológicas se constituem como a parte abstrata das formações discursivas, isto é, consistem na compreensão de que o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, mas sempre é determinado segundo as posições ideológicas sustentadas por aqueles que as dizem. Elas antecedem a forma material da ideologia, ou seja, residem no mundo das ideias, muito embora a fronteira entre o plano material e o das ideias esteja sujeita a fissuras. Ainda, as formações ideológicas são explicitadas por Pêcheux da seguinte forma: “[...] as *palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...]” (PÊCHEUX, 2009, p. 160, grifos do autor).

---

<sup>28</sup> Em relação a isso, pontuamos que é pertinente uma discussão sobre os contemporâneos de Galeano e como essas relações se estabelecem, autores próximos que aparecem em sua obra por meio de citações e/ou relatos. Essa discussão será desenvolvida em momentos futuros.

De todo modo,

Concluiremos esse ponto dizendo que o funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos [...] se realiza através do complexo das formações ideológicas (e especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo e fornece 'a cada sujeito' sua 'realidade', enquanto sistema de evidências e de significações percebidas (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 162)

Explicitamos que as formações ideológicas são responsáveis por articular o complexo das formações discursivas a partir do interdiscurso que nelas habita, como um pré-construído que retorna e se institui enquanto um sentido estabilizado. Então, é possível compreender que as formações discursivas irão materializar na e pela linguagem a formação ideológica que a corresponde.

Ao trazer as discursividades para o centro das questões ideológicas, Pêcheux (1995) irá conceber a ligação entre uma FD e a ideologia, visto que ambas são constitutivas uma da outra. Assim, os sentidos não existem por si só, mas estão atados a memória, enlaçados e costurados as formações discursivas – e conseqüentemente, às formações ideológicas nas quais se fazem presença. Eles significam em conjunto com outros sentidos, aproximando-se, deslocando-se, abrindo espaço para diferentes formas de apreensão.

Orlandi ([1999]2015) explicita que o discurso e as relações que dele advém funcionam a partir da inscrição do sujeito em uma determinada formação discursiva. Essa, por sua vez, é constituída ideologicamente, pelas formações ideológicas, sendo a materialização do que antes habitava no campo simbólico. Dessa forma, se produzem sentidos que engendram-se na e pela discursividade. É a partir do sujeito que o discurso funciona, e assim este vem a se inscrever prioritariamente em uma FD. Para a autora, é possível dizer que a ideologia representa a produção de evidências a partir do já dito e a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos, pois não há sujeito sem ideologia. Dito isso, são concebidas a partir da teoria discursiva, três dimensões que compreendem a constituição e a relação do sujeito com o espaço, as formações ideológicas, discursivas e imaginárias.

Compreendemos então, que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se dá pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina” (FLORES, 2019, p. 57). As palavras, que não possuem um sentido estrito, ganham significados diferentes quando inscritas em distintas FDs, remetendo ao fato de que é a partir das formações discursivas que indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes, estas, por fim, representam na linguagem as formações ideológicas correspondentes (PÊCHEUX, [1975]1995). É sob a estabilização de enunciados com regularidades diante de uma posição ideológica determinada, que produz dizeres e se relacionam com a linguagem que as FDs se constituem.

Sobre a posição-sujeito, Pêcheux vai explicitar que “interpelação do indivíduo em sujeito se seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 163). Esse sujeito, enfim interpelado em uma FD, toma uma posição-sujeito como sua, como forma se relacionar-se nessa formação discursiva – que o constitui enquanto sujeito –. Esse sujeito tem seu corpo atado aos sentidos que ao ser interpelado, produz. Pêcheux ([1975]1995) vai definir a posição-sujeito enquanto a relação de identificação entre o sujeito enunciativo e a forma-sujeito. Para Orlandi (2008), uma posição-sujeito se inscreve no discurso, esse sujeito se constitui a partir de gestos de interpretação que marcam sua posição em relação aos saberes advindos da FD na qual se inscreve prioritariamente.

Sobre a noção de forma-sujeito, Pêcheux ([1975]1995) colocará que a “interpelação-identificação que *produz* o sujeito no lugar deixado vazio” (p. 159, grifos do autor). Produz-se uma subjetividade específica, como uma “norma identificadora” (Idem, p. 159). Um soldado, por exemplo, é sempre um soldado e tem suas atribuições, características e deveres, fornecidos pela evidência de que “todo mundo sabe/é evidente que é dessa ou de outra forma”, nesse processo, que resulta da operação da transparência da linguagem, irá mascarar o *caráter material dos sentidos* das palavras e dos enunciados (Idem, p. 160, grifos do autor). Assim, “A forma-sujeito, que resulta dessa interpelação pela ideologia, é uma forma-sujeito histórica, com sua materialidade.” (ORLANDI, 2005a, p. 105-106).

Sobre o caráter material dos sentidos, Pêcheux ([1975]1995) dirá que este consiste na dependência constitutiva do que ele denomina “o todo complexo das formações ideológicas” (p. 160). Isto é, os sentidos, como bem ponderamos, não

existem em si mesmos, são determinados pelas posições ideológicas que fazem parte da disputa pelos dizeres no processo sócio-histórico – materializadas nas formações discursivas enquanto o lugar da constituição dos sentidos.

Nessa direção compreendemos que é pela forma-sujeito que o sujeito se inscreve em uma FD, tomando uma posição, que resulta enquanto um efeito da forma-sujeito– o sujeito de direito, por exemplo, que responde a lei e se origina de uma produção de subjetividade específica, se dando como “essência do real aquilo que constitui seu efeito representado por um sujeito” (PÊCHEUX[1975]1995). Essa identificação com a FD é fundamental para que haja uma unidade de sujeito, constituindo seu discurso, de forma com que pareça que se originou dele próprio, “*traços daquilo que o determina*” (Idem, p. 163, grifos do autor). Embora o sujeito possa inscrever-se em mais de uma FD, a forma-sujeito fala do lugar da formação discursiva dominante, isto é, aquela que o sujeito se identifica prioritariamente. O pré-construído, que impõe essa realidade ao sujeito, que é “sempre-sujeito”, comporta “àquilo que todo mundo sabe”, ou seja, o arcabouço de saberes do sujeito universal”, sendo o “suporte da identificação, e àquilo que todo mundo [...] pode entender” (PÊCHEUX[1975]1995, p. 171). Supõe-se que haja então, um conjunto de saberes que irão fazer parte do repertório de todo sujeito, de tal modo que seja um arcabouço universal.

Se buscássemos na literatura um dizer que materializasse de outras formas os deslocamentos em que o sujeito se lança no território das discursividades, poderíamos recorrer a Galeano ([2016]2019, p.100), quando o escritor faz um paralelo ao contar que

Na África negra, as máscaras são as verdadeiras caras. As outras caras se escondem, as máscaras delatam.

Conforme a gente olhe, de frente ou de perfil, de perto ou de longe, de cima para baixo ou de baixo para cima, as máscaras africanas revelam, pela magia da sua arte, as diversas pessoas que cada pessoa é, as vidas e as mortes que cada vida contém, porque cada um de nós é mais que um, e as máscaras não sabem mentir.

As diversas pessoas que cada pessoa é podem nos servir como um respiro poético para dizer aquilo que costuramos teoricamente. Uma FD não é fechada,

homogênea, de tal forma que explicitamos sua porosidade, que permite que saberes de outras FDs circulem por aquele espaço. O escritor, por exemplo, pode também ser pai, ou ainda, professor – pode ser muitos, inscrever-se em diferentes espaços e circular entre eles, sempre alternando papéis, e ainda assim, carregando um pouco dos saberes de uma FD para outra.

Ademais,

[...] as fronteiras de uma FD se deslocam em função dos movimentos da luta ideológica e uma única formação ideológica comporta saberes de diferentes formações discursivas, já que a FD é concebida como heterogênea a si mesma, funcionando como um lugar de materialização da ideologia.” (PETRI, 2004, p. 43).

Essas fronteiras, às quais Petri (2004) se refere, dão a uma Formação Discursiva seu caráter poroso, jamais rígida e desprovida de movimento, mas sim cheia de rachaduras em sua constituição e não fechada em si mesma. A autora irá atribuir que as FDs se comportam como unidas e divididas ao mesmo tempo, dando lugar para que diferentes posições-sujeito sejam assumidas, de acordo com sua identificação diante de uma determinada FD (PETRI, 2004).

Pêcheux ([1975]1995) irá apresentar a noção de “tomada de posição”, entendida não como um ato livre daquilo que interpela o sujeito em sua constituição, mas como “um efeito [...] da determinação do interdiscurso, [...] efeito da ‘exterioridade’ do real ideológico-discursivo” (p. 172). Sendo assim, para Pêcheux (Idem), a tomada de posição

[...] resulta de um retorno do “Sujeito” no sujeito, de modo que a não coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se depara daquilo de que ele “toma consciência” e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus semelhantes e com o “Sujeito”. O “desdobramento” do sujeito – como “tomada de consciência” de seus “objetos” – é uma reduplicação da identificação. (PÊCHEUX, ([1975]1995, p. 172).

É importante ressaltar que Pêcheux ([1975]1995) diferencia o “Sujeito” do “sujeito”, tomando o primeiro enquanto o sujeito universal e o segundo como sujeito



enunciador. Ao tomar uma posição, o sujeito identifica-se com o sujeito universal de forma plena, reduplicando sua identificação com a forma-sujeito. Sobre isso, o autor vai desenvolver as modalidades de tomada de posição, que irão desdobrar-se em formas mais complexas de observar essa reduplicação.

A primeira modalidade explicita uma superposição entre o sujeito enunciador e o sujeito universal, caracterizando o discurso do “bom sujeito”, que reflete “espontaneamente o Sujeito (em outros termos: o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito [...] se identifica” e ele “realiza seus efeitos em ‘plena liberdade’)” (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 215). A segunda modalidade consiste no questionamento por parte do sujeito enunciador ao Sujeito, onde uma tomada de posição indica uma fissura entre o que é realizado e o que está inscrito a partir do sujeito universal. Essa modalidade, nos diz Pêcheux ([1975]1995), caracteriza o “mau sujeito”, que “luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência”. (Idem, p. 215); revelando assim, um sujeito fragmentado, múltiplo, cheio de nuances e que não se mostra indiferente aos efeitos provocados pelos sentidos, abrindo espaço para a contradição como constitutiva.

Ainda, há a possibilidade de ocorrer um processo de rompimento com determinados sentidos já arraigados no interior de uma FD, produzindo dessa forma uma outra possibilidade de relacionar-se com determinada formação discursiva, sendo pelo movimento do sujeito entre essa e outra formação discursiva ou ainda pelas bordas da FD, até então dominante, que ainda agarram o sujeito em sua constituição. Esse processo é denominado por Pêcheux ([1975]1995) como desidentificação. Recorremos, ainda, aos estudos de Petri (2004) para explicitar que ocorre na desidentificação

uma tomada de posição que faça dele um sujeito que se desidentifica totalmente com a forma-sujeito da FD dominante produz, no discurso, uma ruptura na produção dos sentidos tão significativa que chega a extrapolar as fronteiras da FD dominante, fundando novos sentidos já nos limites de outra FD que até então era secundária e que agora cedia um acontecimento discursivo. Esse “novo” seja ele produzido no interior da FD dominante, seja ele produzido enquanto acontecimento discursivo, é um efeito que só se apreende momentaneamente, porque imediatamente depois do seu surgimento ele passa a configurar a instância do já instituído, do que já foi uma ruptura, mas que em sua existência constitui-se como mais um “anel”, um elo, um

componente da cadeia discursiva da qual faz parte. (PETRI, 2004, p. 59).

Assim, as tomadas de posição podem apontar para as formas de identificação desse sujeito envolto pelo assujeitamento ideológico e inscrito em uma determinada FD, podendo corresponder completamente, parcialmente, ou ainda, não corresponder ao campo de práticas e saberes comportados nesse espaço discursivo. Em tese, a partir das modalidades de identificação propostas por Pêcheux ([1975]1995), o sujeito pode apresentar três formas de relacionar-se com uma determinada FD: a identificação, a contra-identificação e a desidentificação. Inscrito em uma Formação Discursiva, em seu caráter heterogêneo e poroso, o sujeito também se movimenta no fluxo ideológico-discursivo-imaginário, tomando um dizer como seu, e não outro, demarcando lugares e discursos, fazendo com que suas tomadas de posição, em uma via de mão dupla, o constituam e sejam constituídas por ele.

Reiterando então, compreendemos que a primeira modalidade (identificação) refere-se a uma identificação plena entre o indivíduo que se reconhece como sujeito no interior de uma formação discursiva, onde os saberes circunscritos dessa FD interpelam o sujeito que se encontra plenamente identificado, reiterando os “efeitos de sentido evidentes e já instituídos, a manutenção do ‘velho” (PETRI, 2004, 59). Esse sujeito, plenamente identificado com uma determinada FD, irá reproduzir via discurso os saberes abarcados na formação discursiva dominante; há uma aparência de unidade, dado que o sujeito universal se superpõe ao sujeito enunciador. Entretanto, Pêcheux ([1983]1998) irá pontuar que não existe um sujeito plenamente identificado, que o que há são representações, dado que o sujeito discursivo possui um caráter contraditório, disperso. Em suas palavras:

[...] todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há uma identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por

um “erro de pessoa”, isto é, sobre o outro, objeto de identificação. (PÊCHEUX, [1983]1998, p. 56-57).

Explicitamos que há a abertura para deslizamentos possíveis no que concerne à constituição do sujeito discursivo, pois mesmo diante da representação de uma identificação plena com a FD dominante, há o espaço da contradição, dado que tratamos de um sujeito dotado de inconsciente.

Já na contra-identificação, ocorre um processo em que não há uma captura plena, se inscrevendo como uma revolta do sujeito-enunciador contra o sujeito universal, “através da dúvida, do questionamento, da contestação e da revolta, lutando contra as evidências não-questionáveis que lhes são apresentadas pelo sujeito do saber de uma FD” (ZANDWAIS, 2003, s/p). Ainda há uma ilusão de unidade que afeta o sujeito, mas este responde de forma diferente do sujeito que está plenamente identificado. Petri (2004) nos diz que

o sujeito da enunciação resiste, ele se revolta contra o que está dado, o que está posto como instituído pela FD, na qual ele se inscreve inicialmente. Esta tomada de posição caracteriza o discurso do “mau sujeito”, pois ele não aceita por completo a determinação exterior (do interdiscurso), ele não aceita a condição de inscrever-se numa forma homogênea, buscando no interdiscurso saberes-outros que também lhe sejam constitutivos. (PETRI, 2004), p. 49).

É nessa relação de identificação parcial com a FD dominante que o sujeito se revela fragmentado, disperso. Pêcheux ([1975]1995) propõe que o “mau sujeito” se contra-identifica com a formação discursiva dominante, aquela que “lhe é imposta pelo ‘interdiscurso’” (p. 215), indo ao encontro da ideia de que é possível observar, nesse caso, as fronteiras porosas das formações discursivas, onde saberes de outras FD acabam surgindo no interior da FD dominante, introduzindo a diferença, o novo, embora ele não escape da interpelação ideológica. Petri (2004) ainda irá pontuar que o sujeito “adentra um terreno escorregadio, passando a viver numa relação de tensão consigo mesmo e com o outro, ele se constitui num lugar de fronteiras instáveis, num lugar de desconforto, onde coexistem o mesmo e o diferente, o eu e o outro” (p. 50).

Compreendemos que, a partir da porosidade das fronteiras de uma determinada FD, ela comporta o diferente, os antagonismos que surgem a partir de

outros saberes apresentados aos sujeitos pois “*o interdiscurso continua a determinar a identificação ou a contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se ligue a ela ou que a rejeite*” (PÊCHEUX [1975]1995, p. 215, grifos do autor).

Por fim, na desidentificação há o rompimento com a Formação Discursiva, processos no qual há um afastamento entre o sujeito e os saberes da FD na qual ele inscrevia-se prioritariamente. É quando não há, dentro da FD, uma representação que corresponda ao sujeito (PÊCHEUX, [1975]1995), isso acarreta um desencontro com o sujeito universal. Pêcheux ([1975]1995) aponta que isso é um efeito produzido no discurso, e que, embora haja uma desidentificação total do sujeito com a FD dominante, ele acabará identificando-se com uma outra FD que passará a ocupar esse lugar, remetendo ao fato de que, por mais radical que seja a ruptura do sujeito, ele continua assujeitado. Assim, ele conclui que

a ideologia [...] não desaparece; ao contrário, funciona de certo modo às avessas, isto é, sobre e contra si mesma, através do ‘desarranjo-rearranjo’ do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse processo). (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 217).

As modalidades de identificação que Pêcheux ([1975]1995) propõe abre a possibilidade de compreendermos como o sujeito se relaciona com a formação discursiva dominante, nesse movimento de ir e vir, ora se aproximando, ora se afastando. De acordo com Petri (2004), é assim que podemos explicitar a regularidades e as diferenças que existem no interior de uma FD, “onde o ideológico e o inconsciente demarcam os possíveis ‘deslocamentos de fronteiras’ ou os possíveis limites no discurso” (p. 48).

Ao explicitarmos que esse sujeito discursivo “toma um dizer como seu”, compreendemos que esse dizer não se origina nele mesmo, mas diz de toda uma rede discursiva amarrada pela memória, pela ideologia e por processos específicos que garantem uma ilusão, de originalidade, de autoria, de individualidade perante ao mundo. Se tomamos esse sujeito discursivo como aquele que toma forma diante do encontro com o Outro, apontamos para um sempre já-dito, um domínio de

saberes/dizeres pré-construídos que cercam e engolfam esse sujeito, fazendo com que este seja enredado por essa cadeia significante.

É na relação entre sujeito e ideologia que Orlandi ([1999]2015) nos apresenta sua tese, propondo que diante do mundo, das relações, e dos objetos simbólicos, o homem é levado a interpretar. São nos gestos de interpretação que vão se produzindo discursos, nos quais o sujeito tem a ilusão de ser origem de seu dizer, e, assim, faz com que a ideologia seja a condição para a constituição dos sentidos e dos sujeitos. Há, nessa teia constituinte do sujeito, um modo de existência que se arraiga nessa ilusão de ser origem dos sentidos e das palavras, da mesma forma que o homem racional, sujeito de direito, se constitui na medida em que crê ser completamente responsável por suas escolhas, entretanto, produz-se, por meio da interpelação ideológica bem-sucedida, efeitos de evidência. Evidências que atravessam os sentidos e agarram os sujeitos.

O sujeito da Análise de Discurso então se constitui a partir de duas ilusões, primeiramente pelo “esquecimento nº 1, também chamado de esquecimento ideológico. Consideramos este um esquecimento da ordem do inconsciente, que resulta da interpelação ideológica. Uma relação de contradição, já que o que torna um indivíduo sujeito é o fato desta roupagem de “sempre-sujeito” (PÊCHEUX, [1975]1995) em que ele é envolto. É deste modo que retomamos sentidos que já existem, e temos a ilusão de que eles se originam em nós, remetendo a sensação, de acordo com Orlandi ([1999]2015), de “estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos” (p. 33).

O esquecimento nº 2, chamado de esquecimento enunciativo (ORLANDI, [1999]2015) é, como seu nome já anuncia, da ordem da enunciação. Isto é, estabelece uma relação natural entre a palavra e o objeto, como se o os discursos proferidos estivessem sempre colados ao real e que se pudesse controlar os sentidos do que se diz. Trata-se de uma ilusão referencial, onde o proferimos nossos dizeres de uma maneira e não de outra, estabelecendo uma falsa relação plena entre pensamento e linguagem. Orlandi ([1999]2015) vai explicitar que esse esquecimento não é completamente inconsciente, pois não raramente retomamos nossos dizeres para “explicar melhor” o sentido daquilo que falamos, recorrendo a outros modos de dizer.

Ainda, Pêcheux ([1963]2010) vai propor que é a relação entre esses esquecimentos que remete “à entre a condição de existência (não-subjetiva) da ilusão subjetiva e as formas subjetivas de sua realização” (p. 176-177). Aí reside a ideia de que os discursos já estão lançados no mundo e que o homem se inscreve nessa viagem em uma eterna “parada no meio do caminho”, entramos em um processo que já está em movimento e não somos o início da língua e da história. Orlandi ([1999]2015) ressalta que isso não significa que não há singularidade em nosso dizer, pois é na tensa relação daquilo que já foi dito e entrou em anonimato que a língua e a história nos afetam de diferentes formas, para que possamos dizer e significar de distintas maneiras, sempre as mesmas, “mas ao mesmo tempo, sempre outras.” (ORLANDI, [1999]2015, p. 34).

O homem, que se inscreve na história, precisa acreditar que é a origem do que diz e que é completo, pleno, para que deste modo haja a possibilidade de os sentidos serem constituídos. É nessa dinâmica que a palavra toma forma, que é tomada por um sentido e não outro. Isso ressalta a ideia de que, para a AD, a linguagem nunca é transparente, ela se materializa na ideologia e possui relevos, formas, opacidades, que se movem e se deslocam ao longo da história e das condições de produção, levando a concepção de que o sujeito não é causa, mas efeito. Ideologia e inconsciente produzem um tecido de evidências subjetivas, dissimulando sua existência no interior de seu próprio funcionamento. Esse tecido de evidências, como pontua Pêcheux ([1975]1995, p. 152-153), não implica em “problemas” ou “afetações” para o sujeito, pois na verdade ele é parte fundamental do que o constitui. Ou seja, o sujeito se constitui pelos esquecimentos que o determinam/interpelam.

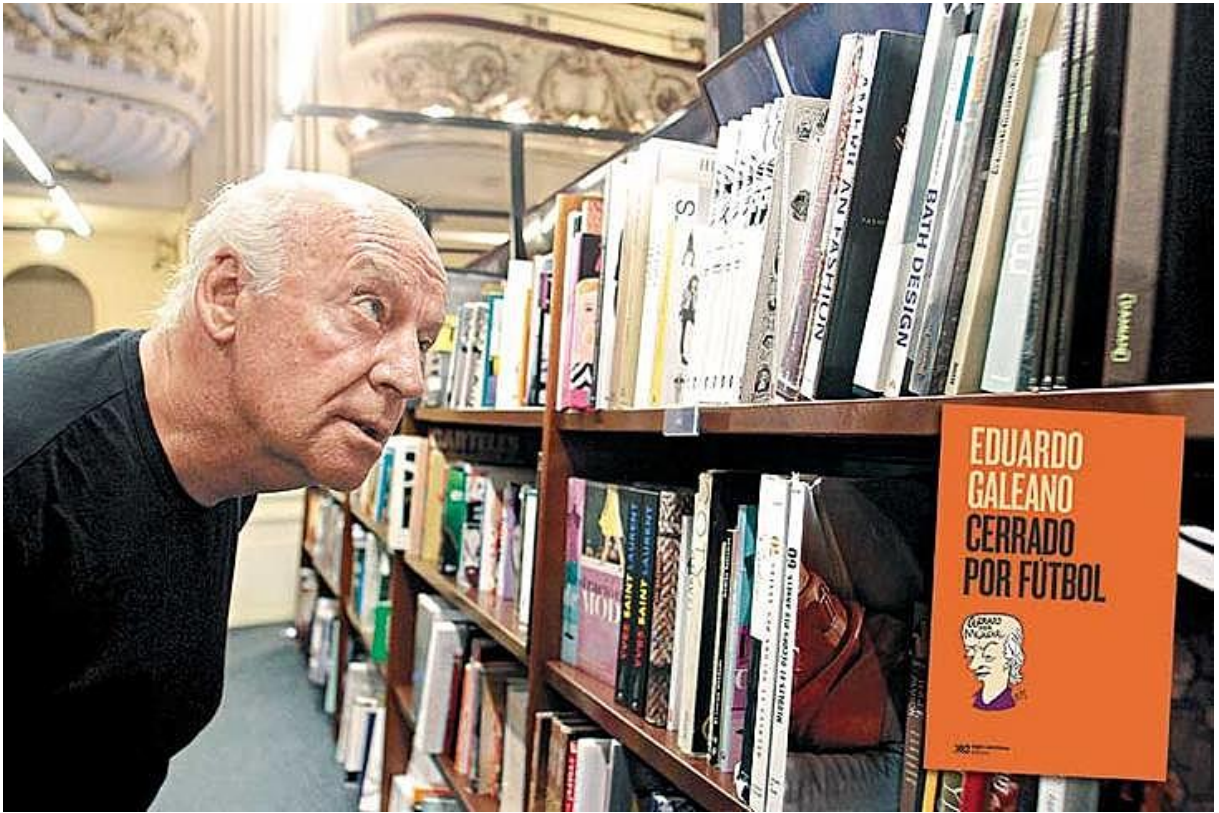
Orlandi ([1999]2015) vai retomar então duas modalidades de produção de evidências, a evidência de sentido e a evidência de sujeito. A primeira, vai tratar da origem dos sentidos, que nunca se originam em si mesmos, um dizer pode ser outro se inscrito em uma diferente FD, assim, a palavra, sempre em movimento, não tem um sentido estrito, entretanto, a partir do tecido de evidências produzidos pelo funcionamento ideológico e determinado pelo interdiscurso. Os sentidos deslizam, fazendo significar de diferentes formas e demarcando a FD em que o sujeito se inscreve. Quando evocamos a palavra “liberdade”, ela se faz ouvir e significa no discurso de diferentes formas em distintas FDs – por exemplo, liberdade para um jornalista significa diferentemente do que para um militar; são posições ideológicas

distintas, antagônicas, que fazem parte da permanente disputa de versões que é a história.

Dessa forma, a evidência de sentido “faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas” (ORLANDI, [1999]2015, p. 44). Já a evidência de sujeito, implica no apagamento do fato de que o indivíduo é interpelado ideologicamente, sendo uma “mistura surpreendente de absurdo e de evidência” (PÊCHEUX, [1975]1995, p. 155). Essas evidências funcionam a partir de “esquecimentos”, realizando-se de forma autônoma, “esfumando-se a determinação do real (do interdiscurso), pelo modo mesmo com que ele funciona” (ORLANDI, [1999]2015, p. 45).

## 1.5 Notas sobre o discurso literário

Figura 8



Fonte: Carta Campinas<sup>29</sup>

*“Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração.*

*Sábios doutores de Ética e Moral são os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que diz a verdade.” (GALEANO, [1989]2005, p. 119).*

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://cartacampinas.com.br/2021/04/zzas-veias-abertas-da-america-latina-de-eduardo-galeano-completa-50-anos/>>. Acesso em: 29 outubro de 2022.



No prefácio da primeira edição publicada no Brasil do livro mais conhecido de Galeano – “As Veias Abertas da América Latina” –, Isabel Allende (2004) caracteriza a obra do autor enquanto um “acontecimento transfigurado pela verdade poética” (p. 5); e, para Lenz (2015), o sujeito constitui sua prática linguística a partir da conjuntura social e histórica em que está inserido. Nesse sentido, obra do escritor evoca elementos compartilhados dessa história em sua escrita, costurando-se e remendando-se a partir de vozes outras. Há de se refletir como a Análise de Discurso compreende essa história, que ressoa através da escritura, das palavras, dos ditos e não-ditos, e que não é fixada, imóvel, mas toca naquilo que entendemos como interdiscurso, ou ainda, memória discursiva. Explicitar aquilo que habita no interdiscurso, nos dá a possibilidade de remeter o dizer a “toda uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos” (ORLANDI, [1999]2015, p. 30).

A obra de Galeano pode ser observada a partir de distintas direções, mas nessa pesquisa, compreendemos o discurso literário que parte deste sujeito enquanto um movimento de criação de um imaginário sobre os/o grupos sociais/sujeito latino-americano; esse movimento se dá pela via da representação, pois “o literário é, por excelência, um lugar de representação do social e do histórico” (PETRI, 2004, p. 17).

Assim, entendemos por discurso literário,

[...] um discurso que mobiliza fragmentos da memória coletiva de um povo de forma não-linear e, ao mesmo tempo, tem o poder potencial de produzir estranhamentos em seus interlocutores. Assim, o movimento temporal entre passado e presente parece estreitar-se, isso ocorre de tal maneira que o leitor nem se dá conta de estar inserido numa instância temporal, passando a constituir aquele discurso, produzindo sentidos no interior de uma história que se escreve na presentificação desencadeada pela leitura. (PETRI, 2004, p. 25-26).

O sujeito do discurso literário é, então, aquele que “ouve os ‘rumores’ do mundo social e os re-significa no mundo ficcional” (PETRI, 2004, p. 192). Sobre isso, a AD concebe a função-autor, que se fundamenta na ilusão em que acredita o sujeito, onde este acredita ser a origem de seu dizer, embora faça parte de todo um processo discursivo em questão (PETRI, 2004). O sujeito escreve, rascunha, dá vida a uma

história porque não percebe as teias ideológicas que o agarram e o assujeitam. É importante ressaltar que isso não é entendido como um processo negativo por si só, dado que conforme fora pontuado anteriormente, a ilusão de completude dos sentidos e dos sujeitos é necessária, sem ela não haveria a possibilidade de criação, de, a partir do velho (paráfrase), instaurar-se o novo (polissemia). Galeano (2012), por sua vez, escreveu que quem conta um conto permite que as narrativas nasçam a partir das palavras que contaram seu nascimento e que, cada vez que o narrador contava isso, as coisas voltam a nascer. Galeano escreve, dessa forma, uma espécie de ficção da realidade.<sup>30</sup>

Entretanto, essa representação não compreende a realidade como um todo, mas é a realidade que fornece ao discurso literário suas referências, possibilitando que sujeito-autor escreva sobre um determinado assunto. Galeano diz, inclusive, em uma entrevista concedida a Eric Nepomuceno, que seu trabalho não é retratar a realidade, mas sim recriá-la a partir da escrita e da imaginação.

O escritor enuncia o seguinte:

"[...] não sou fotógrafo da realidade nem nunca quis ser. E, além disso, existem fotógrafos e fotógrafos. Não sou naturalista, não aspiro a reproduzir a realidade, e sim, recriá-la. Recriá-la com inteira liberdade poética, de tal forma que seus sons mais intensos e suas imagens mais poderosas possam ser transmitidos ao leitor e se multipliquem nele. Se eu me limitasse a copiar a realidade, a registrá-la, a traduzi-la sem modificações, isso não teria nenhum efeito multiplicador sobre a imaginação e sobre a memória e sobre a capacidade criadora de quem me lê. Seria um ato de consumo, a partir de uma reprodução passiva da realidade." (GALEANO, 2015, p. 11).

De fato, nosso entendimento do discurso literário vai ao encontro do que nos diz Galeano, pois

---

<sup>30</sup> "[...] sinto uma fascinação tremenda pela capacidade de ficção da realidade. Não dá para competir com ela. A realidade é uma senhora muito louca. Que delira com um talento inimitável. Então, fica muito difícil, pelo menos para mim, imaginar coisas que superem o que a realidade oferece a cada dia, a partir de sua capacidade de poesia. Muitas vezes encontro, na realidade, histórias que me parecem impossíveis de serem imaginadas. Histórias que têm tamanho poder de síntese para expressar a realidade, para contá-la em suas dimensões escondidas que se torna inútil competir com elas a partir da imaginação" (GALEANO, 2015, p. 11)

não acreditamos que o discurso literário imite ou mesmo represente toda a complexidade do mundo social; mas acreditamos que todo discurso tem antes e depois de si um continuum, que lhe confere o referencial de que precisa para existir como tal, um referencial que é histórico, social e discursivo. (PETRI, 2004, p. 21).

Ainda, Petri (2004) reitera

[...] a importância de se pensar a narrativa literária em sua discursividade constitutiva, onde não há uma relação direta entre as palavras e as coisas, mas também não há como desvincular o histórico-social do discursivo. O analista de discurso deve estar atento aos ecos das vozes que se produzem no social e que podem ser apreendidas no literário, [...] pois a correspondência que existe entre o ficcional e a realidade social é da ordem da representação e não da imitação. (PETRI, 2004, p. 21).

Isso nos faz pensar o discurso literário como uma possibilidade de olhar para o passado, representá-lo de alguma forma pela via do imaginário e que se materializa na ordem do simbólico, dado que história e ficção são “partes constitutivas de um processo muito maior que nos dá a conhecer o passado, pois em ambas trabalha o ‘contador de histórias’” (PETRI, 2004, p. 18).

Assim, compreendemos a literatura como uma materialidade discursiva com estatuto particular (PETRI, 2004), sendo essa materialidade constituída enquanto uma “prática simbólica no conjunto de práticas sociais determinadas historicamente” (LUCAS, 2001, p. 175). Essa reflexão nos leva a explicitar que as fronteiras entre a realidade e o ficcional são fissuradas, não tão bem delimitadas como parecem ser, e estão sempre sujeitas a um movimento de ir e vir, de encontro e retorno.

Por assim dizer, concordamos com o que formula Petri (2004), quando a autora traz que o discurso literário é “aquele que traz à tona uma pluralidade de representações e efeitos de sentidos, mas que não tem o compromisso de reproduzir fielmente uma realidade social instituída como tal” (p. 25), trabalhando apenas com representações produzidas a partir de determinadas referências.

O discurso literário se institui como uma representação inexata de uma temporalidade específica, de onde são extraídos recortes que funcionam como o referencial que guiará a escrita do sujeito-autor. Essa escolha não é neutra, pois ela

diz da posição tomada pelo autor, determinada pela ideologia ou pelo inconsciente. Esse processo de seleção de recortes é o que compreendemos como a tecitura dos fios da história sendo costurados pelo imaginário, como uma agulha que guia o fio até seu destino, que não é estático e imóvel, pois carece do movimento dos sentidos para existir.

Sobre o conceito de imaginário, priorizamos o que diz Petri:

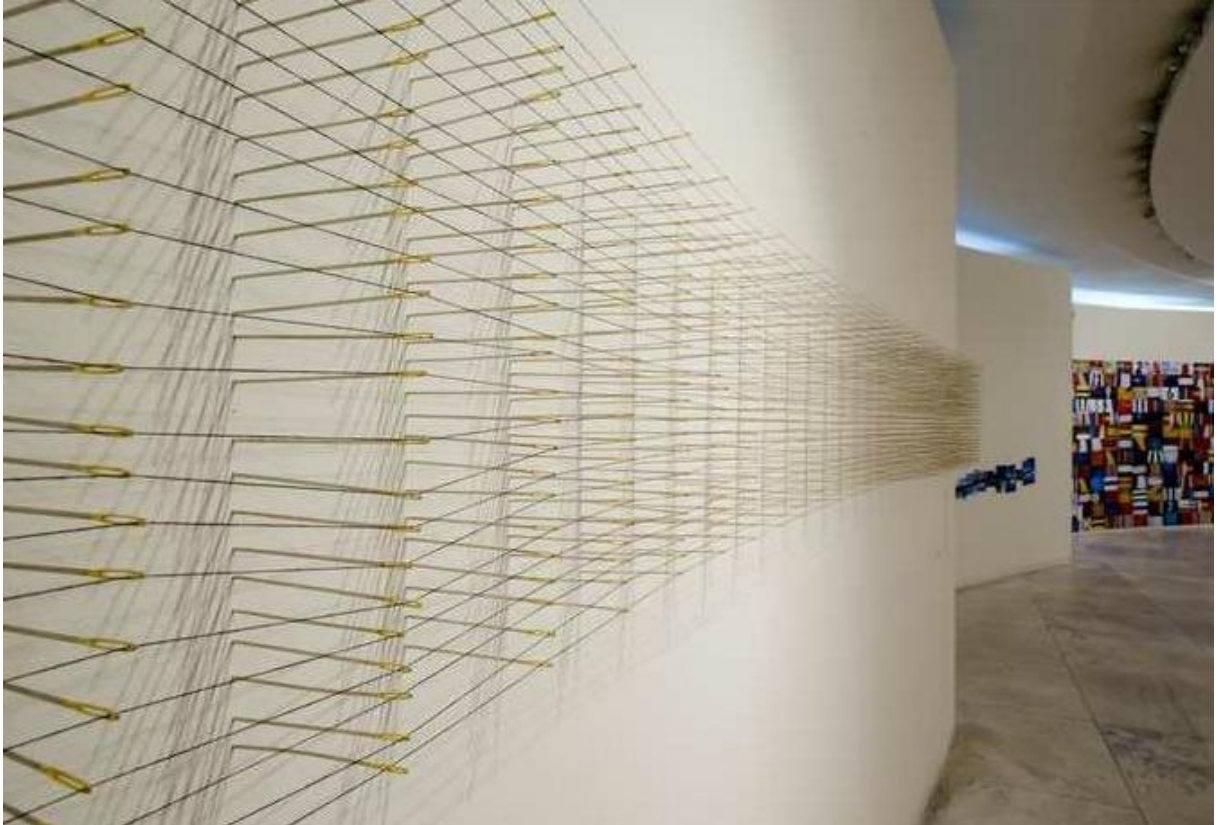
o imaginário que cria e institui a sociedade, mas ele não tem como referente o vazio de significações, ele tem que buscar algo pré-existente, que seja reconhecível, para existir. Assim, o imaginário possui a propriedade que possibilita a criação do novo, mas ele tem como ponto de partida o velho, o já-instituído, é isso que lhe dá o diferencial e que lhe garante a existência. (PETRI, 2004, p. 118).

A partir da leitura de mundo de Eduardo Galeano, precisamos levar em conta que este produz a partir da sua inscrição no mundo e faz parte de toda uma construção histórica, ideológica, imaginária e social que está ligada a imagem de sujeito latino-americano que prevalece em sua obra. Assim, essas imagens produzem também efeitos no leitor e nos são dadas como reais a partir do discurso literário. É por sermos interpelados ideologicamente que isso nos leva a “contribuir com a continuidade do processo de constituição e instituição” (PETRI, 2004, p. 44) de imagens do sujeito latino-americano.

Sobre isso, Henge (2015) argumenta que o texto literário possui sua historicidade e sua história, e seus sentidos “só lhes são possíveis em uma conjuntura dada quando há o funcionamento do discurso na língua, em condições de produção também dadas” (HENGE, 2015, p. 160). Deste modo, os sentidos de um texto são produzidos a partir das formações discursivas e das posições sujeito que o sujeito-autor se inscreve e ocupa, nos levando a compreender melhor o funcionamento da memória neste texto e o trabalho de interpretação do sujeito-autor (HEINGE, 2015). O discurso literário passa a ser visto então como uma materialidade que possui uma série de determinações históricas, ideológicas e também atravessamentos da ordem do inconsciente.

## 1.6 Costureiro de relatos: o velho fala dele/ mas tem o eu cheio de gente<sup>31</sup>

Figura 9



Obra “Sopro” (2020), da artista Edith Derdyk, uma instalação feita com linha e agulha, que integra a mostra Transbordar: Transgressões do Bordado na Arte, no Sesc Pinheiros. Fonte: Photosynthesis<sup>32</sup>

*“Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas.” (GALEANO [1989]2005, p. 18).*

<sup>31</sup> Galeano traz essa frase ao comentar que um dia gostaria de merecer o mesmo elogio que Juan Gelman brindou à poesia de Walt Whitman, dizendo: “O velho fala dele/ mas tem o eu cheio de gente” (informação encontrada na entrevista concedida a Eric Nepomuceno que compõe o nº 52 da Revista do Memorial da América Latina, publicada em 2015, uma edição em homenagem a Eduardo Galeano).

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://photosynthesis-arte.blogspot.com/2012/06/linha-de-edith-derdyk.html>>. Acesso em: 21 de abril de 2023.

Galeano atua como um costureiro, que ao invés de linha e agulha, vai costurando pela palavra uma colcha de retalhos – um retalho de memória, dois de história e um de ficção... assim, o escritor vai reconstituindo as memórias da América Latina, uma América que já existia antes da colonização, das guerras e das ditaduras e continuou existindo apesar delas – por exemplo, quando Galeano se debruça em construir, reconstituir, e elaborar relatos sobre as culturas que já existiam no continente antes da colonização, propondo, de certo modo que estas formas de vida que caracterizam os povos originários tem suas particularidades em relação a como concebem o mundo, o tempo e a vida –. Encontramos contos que capturam essa memória e a trazem à tona, fazendo produzir sentidos pela leitura. No conto/relato *Celebração da Amizade/1*, encontrado no *Livro dos Abraços ([1989]2005)*, é possível observar essa tentativa de captura:

Nos subúrbios de Havana, chamam o amigo de *minha terra* ou *meu sangue*.

Em Caracas, o amigo é minha *pada* ou minha *chave*; *pada*, por causa de padaria, a fonte do bom pão para as fomes da alma; e *chave* por causa de...

- *Chave*, por causa de *chave* – me conta Mario Benedetti.

E me conta que quando morava em Buenos Aires nos tempos do horror, ele usava cinco chaves alheias em seu chaveiro: cinco chaves, de cinco casas, de cinco amigos: essas chaves que o salvaram. (GALEANO, [1989]2005, p. 237, grifos do autor).

É na colcha de retalhos costurada por Galeano que acessamos essa memória, que poderia estar fadada ao esquecimento, e assim ela pode circular e produzir efeitos. Comumente encontramos outros relatos em vários formatos (livros, reportagens, etc.), nos quais a casa de amigos funcionava como um espaço de refúgio em tempos de ditadura, o que, muitas vezes, determinou a sobrevivência de sujeitos considerados subversivos pelos estados totalitários. Retomamos com isso, o que nos diz Orlandi (2012), que ao se retomar uma memória, a ressignificamos, construindo novos espaços de memória, de modo que ao Galeano repetir um relato, novos sentidos se produzem, e assim, explicitamos que “o gesto de interpretação trabalha a historicidade, a interdiscursividade. Ao repetir, desloca sentidos” (p. 174). O sentido da palavra chave, por exemplo: chave, agora, não significa apenas a chave que abre uma porta qualquer, mas desliza para um novo sentido que evoca uma memória. Agora, chave é a possibilidade de sobreviver a partir de um vínculo afetivo, chave é

esperança, é parte de um imaginário sobre a história tecida sobre o povo latino-americano.

Entretanto, essa versão que nos propõe o escritor, é uma entre tantas, e se institui a partir das margens, muitas vezes se esgueirando das versões oficiais da história, ou a contando a partir do olhar de quem observa a história sendo feita, do escuro de uma cela de tortura, do quintal de casa, de um café no centro de Buenos Aires. Sobre isso, Le Goff (1994) vai dizer que “as estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido” (p. 110).

Por esse motivo, reiteramos que Galeano propõe uma leitura dos latino-americanos que vai contra ao comumente instituído, expondo as marcas da violência colonial e a influência americana nos regimes ditatoriais da América Latina. Para além disso, o escritor se propõe a “contar” a história de personagens marginalizados, como subversivos, presos políticos, povos originários, pessoas comuns, entre outros tantos que foram esquecidos pela história tradicional. Trazemos, para compor nossa reflexão, o pequeno conto presente na obra *O livro dos abraços* ([1989]2005), intitulado *Divórcios*:

Um sistema de desvínculos: para que os calados não se façam perguntas, para que os opinados não se transformem em opinadores. Para que não se juntem os solitários, nem a alma junte seus pedaços.

O sistema divorcia a emoção do pensamento como divorcia o sexo do amor, a vida íntima da vida pública, o passado do presente. Se o passado não tem nada para dizer ao presente, a história pode permanecer adormecida, sem incomodar, no guarda-roupa onde o sistema guarda seus velhos disfarces.

O sistema esvazia nossa memória, ou enche nossa memória de lixo, e assim nos ensina a repetir a história ao invés de fazê-la. As tragédias se repetem como farsas, anunciava a célebre profecia. Mas entre nós, é pior: as tragédias se repetem como tragédias. (GALEANO, [1989]2005, p. 121).

É questionando o que se estabelecia como evidente que a forma como Galeano lê o mundo nos inquieta, pois trata-se de um discurso literário que extrapola as margens do ficcional e transborda, que significa e faz significar. Nesse conto, há

justamente uma crítica à separação entre passado e presente, o que nos faz questionar também a ruptura da separação entre o ficcional e a realidade.

Quando nos debruçamos em uma obra literária, existem algumas especificidades em como esse objeto se organiza. Para Petri (2004), o documento literário que também pode ser considerado histórico, constitui-se enquanto

[...] o histórico reinventado pelo imaginário: um lugar onde se recupera uma memória e funda-se um novo sentido. Assim, acrescenta-se uma importante propriedade ao discurso literário como revelador de uma memória sendo em sua especificidade maior, um exemplar de ficção e um documento histórico (PETRI, 2004, p. 27).

Compreendemos então, que não existe uma fronteira bem delimitada entre as dimensões da história e as dimensões que operam no simbólico, no imaginário. As condições de produção de um discurso, seja ele o literário ou qualquer outro, não o limitam a ser uma “coisa” só, mas ao articular os elementos históricos e ideológicos que perpassam pelo imaginário do sujeito o discurso literário assume uma narrativa singular. O discurso literário se transveste com uma roupagem outra que também diz de um já-dito, mas que se articula de forma diferente, com elementos diferentes e que significam de outras formas. A escrita de Galeano, que surge como uma confluência de narrações, crônicas poesias, ensaios, desenhos... Emerge como um sempre relato daquilo que aconteceu. O narrador é qualquer um, não no sentido de irrelevância, mas sim na construção de um Galeano que é muitos, que viajou não só por lugares, mas por entre diferentes tempos e diferentes vidas, remetendo ao fato de que “o relato se caracteriza originariamente por sua incerteza quanto à verdade dos acontecimentos relatados e à realidade dos sujeitos aos quais eles são atribuídos” (RANCIERE, 1994, p. 9).

É nesse movimento de ser um eu, um nós, um qualquer um, ou ainda, um ninguém, que Eduardo Galeano brinca de “desfazer certas ordens cristalizadas no espelho do Tempo, incluindo aí novas e estranhas pedrinhas, a fim de criar outras ficções de vida, outras vidas.” (PELBART, 1993, p. 12). Para Benjamin (1986), a narração é o ato de contar experiências, suas ou de outros, incorporando o que é narrado à experiência de quem o ouve, não encerrando-se em si mesma. A narração é interpelada pela articulação da memória, da temporalidade e da cultura. Narrar,



nessa perspectiva, é contar a história de um corpo dotado de sentido, inscrever na e pela linguagem um corpo coletivo que é construído por memórias, sujeitos e discursos.

Concebemos a obra de Galeano como um tecido, um conjunto de discursos que não podem ser observados “apenas em sua organização interna, mas sim na relação que o discurso estabelece com a história e com a exterioridade que o envolve” (PETRI, 2004. p. 27); ainda, Petri (2004) nos diz que, para analisar o discurso literário, é necessário estar atento as relações que esse discurso estabelece com outros e com elementos que estão para além da ficção, e que “fazem dele o que ele é” (p. 28).

Le Goff (1994, p.12) propõe que existe uma modalidade da história que abrange o texto literário, denominada de “história do imaginário”, e, a partir desta modalidade torna-se possível observar a obra de Eduardo Galeano como tal, “sob a condição de respeitar sua especificidade”. Dessa forma, as fronteiras entre a realidade e a ficção estão sujeitas a fissuras, nas quais o imaginário ocupa um espaço de produção de sentido. Para tanto, tratamos da obra de Galeano de forma a explicitar seu caráter histórico, ao mesmo passo em que reafirmamos tratar-se de relatos que estão para além disso, pois partem de um gesto de leitura do mundo por um sujeito autor/escritor. Há, portanto, um entrelaçamento da realidade com o simbólico, que permite o literário habitar nesse espaço de entremeio, produzindo efeitos. Ranciére (1992) coloca que é “sempre possível atribuir acontecimentos verídicos a sujeitos da ficção”, ou ainda “acontecimentos incertos ou fictícios a sujeitos reais.” (p. 8)

Se para Barthes (1974, p. 139), “a escritura, a princípio livre, é finalmente o elo que acorrenta o escritor a uma História que já está acorrentada”, é de um olhar atento que precisamos lançar para nossas análises, dado que não é possível determinar o que é realidade e o que é ficção em um documento literário com caráter histórico, pois é na atividade sublimatória de escrita que o sujeito põe um pouco de si na medida em que escreve, conferindo um efeito de unidade ao texto. É uma relação instável (PETRI, 2004) que se estabelece entre a realidade e o ficcional, que sempre se propõe a criar novas formas de ver o mundo e (re)contar, reeditar e reinventar uma história; assim, a escrita se debruça, nesse caso, a abertura para o novo no interior do mesmo.

Depara-se então com o discurso “de” um sujeito que escreve/cria um discurso “sobre” uma determinada materialidade, já que o “o sujeito está, de alguma forma, inscrito no texto que produz” (Orlandi, 1996, p. 76). Esse sujeito revela sua posição

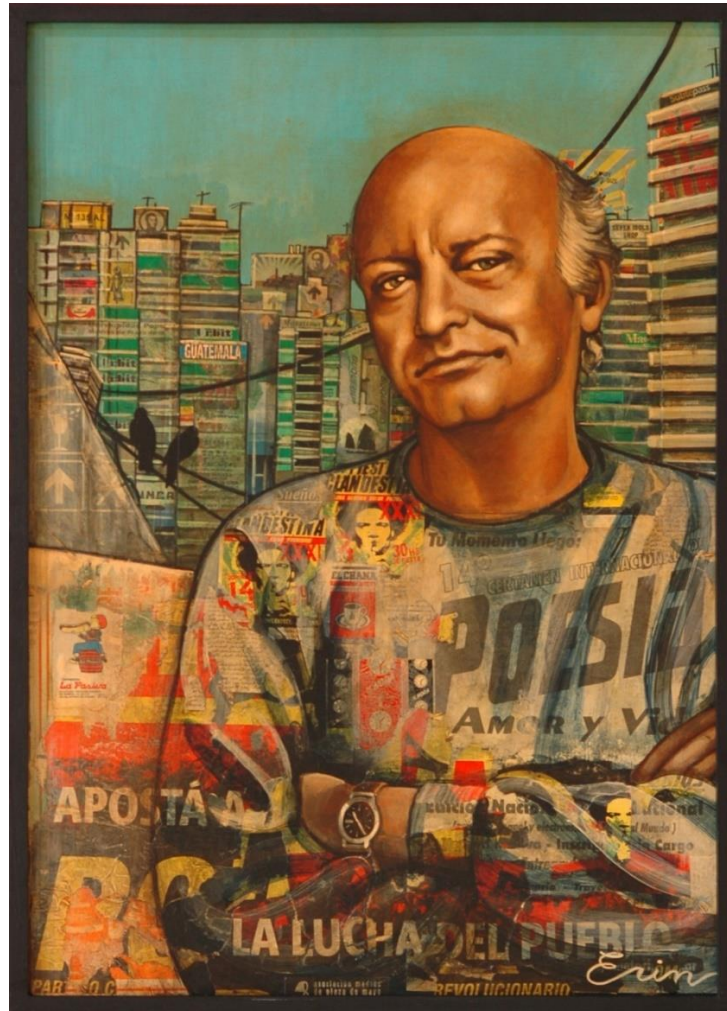
diante da escuta, da observação ao assumir a autoria enquanto função, dado que, de algum modo, transpõe a narrativa do mundo social para o mundo ficcional; introduzindo a diferença, o equívoco nesse processo de escrita. Então, o discurso “de” pode ser compreendido como a constituição da posição-sujeito na função-autor, enquanto o discurso “sobre” é a constituição da representação da posição-sujeito na imagem social (PETRI, 2004), dessa forma, entende-se que tanto o discurso da história como o da literatura funcionam sob a modalidade de “discurso sobre”, pois ele “é o testemunho mais fiel ao qual podemos ter acesso atualmente, quando queremos circunscrever nosso objeto de análise” (p. 29).

Conforme os estudos de Orlandi (1990, p. 37), o “discurso sobre” é “uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos”, sendo uma forma de organizar as vozes que ressoam em uma rede discursiva em questão, ou seja, do “discurso de”. Deste modo, a obra de Galeano funciona como uma nova organização dessas vozes (“discurso de”), funcionando sob a forma de “discurso sobre”, representando um gesto de leitura desse sujeito autor que se lança ao mundo para significar. Uma conversa informal em um bar é apenas isso antes de ser apreendida, organizada, e passa a circular; Galeano organiza esses discursos quando se apropria dos relatos que houve. Nesse sentido, as características do “discurso sobre” produzem efeitos contraditórios, dado que ele funciona, ao mesmo tempo, como forma de recuperar uma memória e como uma sempre possibilidade de reduzir essa memória a um acúmulo de informações passadas (PETRI, 2004).

Consideramos então, que o “discurso sobre” já constitui um gesto de interpretação, pois tratando-se da obra de Galeano, observamos um determinado modo de significar o mundo, a América Latina e o sujeito latino-americano (tomando uma direção e não outra, assumindo uma posição no discurso e a reafirmando a partir da escrita). Assim, é pelo literário que o sujeito autor irá recuperar elementos de um “discurso de” (informações sobre a colonização latino-americana, histórias sobre as ditaduras na América Latina, etc.) e historicizará esses elementos enquanto um “discurso sobre”. Essa recuperação não ocorre de forma “neutra”, pois se inscreve sempre marcada por uma tomada de posição que diz do lugar ideológico que a corresponde.

## 2 AS ORELHAS ABERTAS<sup>33</sup> DE UMA ANALISTA DE(EM) DIS(PER)CURSO ACERCA DO CAÇADOR DE HISTÓRIAS

Figura 10



Colagem de mídia mista e retrato em acrílico, por Erin Currier. Fonte: Zinn Education Project.<sup>34</sup>

*“Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa:  
Proibido cantar.*

*Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa: É  
proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem.*

*Ou seja: ainda existe gente que canta, ainda existe gente que  
brinca.” (GALEANO, [1994]2017).*

<sup>33</sup> Referência a coluna escrita por Aram Aharonian, intitulada “As orelhas abertas de Eduardo Galeano”; Disponível em: <<https://outraspalavras.net/descolonizacoes/as-orelhas-abertas-de-eduardo-galeano/>>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://www.zinnedproject.org/news/eduardo-galeano-presente/>>. Acesso: em 18 de abril de 2023.

Em Análise de Discurso a metodologia de análise não é previamente fabricada, mas vai se construindo no decorrer da pesquisa. De todo modo, o estilo de produção acadêmica que se construiu durante a produção deste trabalho é aquele que vai apresentando o *corpus* e tecendo já comentários que são analíticos. Entendemos que os conceitos que constituem o dispositivo analítico, funcionam em conjunto com essa costura zigzagueada entre *corpus* e teoria, permitindo realizar um gesto interpretativo embasados teórica e metodologicamente pela AD, que foi sendo construído nesse espaço de fluidez e movimento.

Partindo desse entendimento, iniciamos a pesquisa com o prólogo: *Um itinerário (des)necessário: apresentando Eduardo para conhecer Galeano*, que busca apresentar de forma breve e sensível Eduardo Galeano. Após nosso *Ponto de partida*, que apresenta os objetivos, discorre inicialmente sobre os autores utilizados e os conceitos que mobilizamos ao longo do trabalho, partimos para um *Trajetos pelo dispositivo teórico-analítico*. Inicialmente, discutimos nesse capítulo sobre a Análise de Discurso, sua fundação e sua condição como disciplina de entremeio. Assim, recuperamos questões trabalhadas por Michel Pêcheux e Eni Orlandi – além de outros autores que coadunam com o pensamento destes –, para iniciar nosso aprofundamento na teoria discursiva e como ela pode nos ajudar a compreender mais sobre os processos que compõem a relação entre Eduardo Galeano, sua escrita e a América Latina.

No subtópico 1.1, intitulado “*A sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia*”: o sujeito discursivo e suas roupagens, tecemos nossas considerações sobre o sujeito discursivo e sua condição de assujeitamento ideológico, além disso trabalhamos com a ideia de um sujeito dotado de inconsciente, que se constitui a partir da falta, da falha e da contradição.

Seguindo, no subtópico 1.2, *A América de Galeano: condições de produção e espaços de interpretação*, refletimos substancialmente sobre as noções discursivas condições de produção e narratividade, trazendo o território latino-americano para o centro da discussão: assim, passamos a explicitar que a América Latina é enquadrada como um espaço de interpretação em que se produzem processos discursivos específicos.

O próximo subtópico, 1.3, nomeado de *Entre marcas e vestígios: censura e produção de sentidos*, buscamos justamente explicitar a relação da obra de Galeano com o conceito de censura, trabalhado por Orlandi ([1992]2007).

No subtópico 1.4, *Insurgências teóricas*, adentramos mais a fundo nas noções da AD fundamentais para compreender o sujeito e as instâncias/estruturas/processos que constituem e regulam a existência desse sujeito. Tratamos inicialmente com a noção de memória e de interdiscurso, para depois passar para uma reflexão sobre as formações imaginárias, ideológicas e discursivas. Além disso, fazemos uma exposição teórica dos esquecimentos nº 1 e 2, das modalidades de identificação do sujeito e das modalidades de produção de evidências. Paralelo a isso, trabalhamos com a ideia desse sujeito e sua relação com a ideologia, materializada pela linguagem.

Nos subtópicos seguintes, *1.5 Notas sobre o discurso literário* e *1.6 Costureiro de relatos: o velho fala dele/ mas tem o eu cheio de gente*, fazemos uma discussão sobre o discurso literário e suas especificidades, amparados principalmente pelos estudos de Petri (2004). Além disso, neste ponto da pesquisa, passamos a refletir sobre os conceitos de “discurso de” e “discurso sobre” (ORLANDI, 1990). Em um primeiro momento, tecemos esses fios de modo mais geral, para depois passar então para uma reflexão mais específica sobre o discurso literário produzido por Galeano.

Após a descrição de como se constituiu nosso dispositivo de análise, passamos ao capítulo *“Escrever cansa, mas consola”*: *explicitações sobre o processo de escrita*, que busca explicitar o processo de escrita e suas dimensões para a Análise de Discurso. Neste capítulo estão alojados nossos recortes discursivos e suas respectivas análises, muito embora existam gestos analíticos para além dos recortes dispostos por todo o trabalho.

A constituição de nossa metodologia de análise parte do vaivém da teoria à prática e da prática à teoria, produzindo deslocamentos de sentido e explicitando novos gestos de leitura sobre o *corpus* de pesquisa. O movimento pendular, proposto por Petri (2013), diz respeito a metodologia que se constitui na Análise de Discurso, pois ela “está em suspenso, em movimento, (de)pendendo como o pêndulo, relativizando os olhares sobre o mesmo objeto” (PETRI, 2013, p. 41). De acordo com a autora, a Análise de discurso não possui uma metodologia comparável com as áreas mais formais da ciência, e é justamente nisso que a metáfora do pêndulo se ancora,

ilustrando o percurso singular que cada analista trilha diante de sua relação com a teoria, e em como este permanece em um movimento de oscilação entre o objeto e a análise. Assim, Petri (2013) explica que

Instalado o gosto de ler do analista no interior da discursividade que lhe interessa analisar, temos o pêndulo no ponto zero e daí começa o movimento. Por um instante, então, o analista suspende o pêndulo e, imediatamente depois, passa a acompanhá-lo nas idas e vindas da teoria para a análise, perpassando de diferentes maneiras os elementos constitutivos do corpus, com suas opacidades, com suas resistências, com suas porosidades, com sua densidade, com sua incompletude constitutiva. É por tudo isso que o movimento é imperfeito, e, na maioria das vezes, imprevisível também. Há disposição inicial das posições, mas não uma garantia de chegada (PETRI, 2013, p. 47).

Tecemos nossa escrita, então, por meio desse movimento de ir-e-vir e a partir de nossa relação com o objeto de pesquisa: a escrita de Eduardo Galeano e sua íntima relação com a América Latina. De todo modo, nosso *corpus* de análise de constitui pelas seguintes materialidades (de onde advém os recortes utilizados no movimento de análise e os demais enunciados que aparecem ao longo do trabalho):

Quadro 1 – *Corpus* de análise

<b>Materialidade</b>	<b>Ano de publicação</b>
A Descoberta da América (que ainda não houve)	1999
As palavras andantes	1994/2017
As Veias Abertas da América Latina	1971/2021
Bocas do tempo	2004/2018
Dias e Noites de Amor e de Guerra	1978/2019
Memoria del fuego I: Los nacimientos.	1982/1991
Memória do fogo: I Os Nascimento; II As caras e as máscaras; III O século do vento.	2013
O caçador de histórias	2016/2019
O livro dos abraços	1989/2005
Os Filhos dos Dias	2012
Ser como somos (Entrevista)	2015

Fonte: elaborado pela autora

Ao selecionarmos estas obras, em detrimento de outras, buscamos delas recortes que pudessem melhor se adequar aos nossos objetivos de pesquisa. Os temas abordados nos livros passeiam por entre breves relatos cotidianos, experiências dos sujeitos latino-americanos em relação ao espaço territorial e simbólico da América Latina e suas nuances de resistência, de afeto e de memória.

Apreendemos o *corpus* enquanto um sistema diverso, “[...] estratificado, disjunto, laminado, internamente contraditório, e não um reservatório homogêneo de informação ou de justaposição de homogeneidades contrastadas” (PÊCHEUX; LÉON, [1982] 2011, p. 165). O *corpus* se constitui então um espaço múltiplo e heterogêneo, e a partir do modo singular do analista de relacionar-se com ele, os recortes vão sendo selecionados e passam a funcionar em consonância com o dispositivo analítico. Assim, cada materialidade se mostra de forma singular, sendo única, envolvendo gestos de leitura e interpretação do analista, pois “[...] decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca das propriedades discursivas” (ORLANDI, [1999]2015, p. 61, grifos da autora). De todo modo, o movimento realizado em direção ao *corpus* se sobressai a partir da questão proposta nessa pesquisa, que apresenta como questão: “*o que ressoa no processo de escrita de Eduardo Galeano em sua relação com a América Latina*”.

A partir das obras que compõem nosso *corpus* de análise, realizamos recortes discursivos (RDs), que Orlandi (1984) define enquanto unidades discursivas, um fragmento de uma situação discursiva, ou seja, “fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação” (ORLANDI, 1984, p. 14). Para delimitá-los, existem critérios de seleção que variam “[...] segundo os tipos de discursos, segundo as configurações das condições de produção, e mesmo do objetivo e o alcance da análise” (ORLANDI, 1984, p. 14). Ainda, para Orlandi (1984) os recortes remetem a ideia de polissemia, pois estão sempre associados a condições de produção específicas. Neste caso, os recortes estão vinculados ao modo que o analista mobiliza o *corpus*, movimentando de forma singular o todo e dele extraindo aquilo que melhor possibilita explicitar as questões propostas pela pesquisa. Por isso não há uma linearidade na seleção dos recortes discursivos, pois os critérios dizem da relação do analista com o ir e vir da teoria à prática, e vice-versa, de todo modo, salientamos que o recorte “é naco, pedaço, fragmento. Não é segmento mensurável em sua linearidade.” (ORLANDI, 1984, p. 16).

Desse modo, os RDs estão relacionados ao objetivo de pesquisa mencionado anteriormente, e, para fazer a seleção, partimos de três critérios temáticos que nos pareceram adequados para tentar dar conta dos objetivos da pesquisa. Assim foram se apresentando: *Desejos de uma sociedade*; *Escrita, sujeito e contradição*; *Confronto e contradição como um lugar de (re)existência*. O primeiro critério diz respeito ao espaço da obra de Galeano dedicado a explorar as memórias de um corpo social que é dotado de sentidos, tomando como suas as angústias e os desejos de transformação do sujeito latino-americano. Já o segundo propõe uma reflexão sobre a relação entre escrita e sujeito, e em como estas categorias se relacionam e se constituem em um espaço de contradição. Por fim, o terceiro critério parte da exposição teórica feita ao longo do trabalho sobre a relação da escrita de Galeano com a possibilidade da criação de um espaço de confronto e de possibilidade de (re)existência. Os critérios de seleção dos recortes foram pensados ao longo do processo de escrita, em conformidade com a construção do dispositivo analítico, o que vai constituindo a tessitura dessa dissertação. No decorrer do trabalho, optamos por enquadrar os recortes discursivos e as outras passagens de autoria de Galeano que contribuem para a reflexão sobre dos recortes e das formulações teóricas.

Para Petri (2004), é fundamental compreender o entorno das materialidades analisadas, que nesta pesquisa gira em torno do discurso literário, dado que a busca

das condições de produção contempla elementos históricos, sociais e econômicos e extrapola o âmbito da produção literária, indo ao encontro dos fatos históricos e preservando, dessa forma, o analista de discurso das condições de produção eventualmente propostas pelo ficcionista. (p. 30)

É no percurso do analista por esse “entorno” que o discurso literário é percebido com um caráter não estático, sempre em movimento, onde os sentidos não são fixos. Isso se deve ao fato de que os efeitos de sentido produzidos a partir da escrita de uma obra são uns, que se apresentam ao leitor como uma unidade (texto). Estudar as condições de produção do discurso literário permite ao analista compreender esse discurso como um espaço em que os sentidos se constituem, tornando-se possível desconstruir esse efeito de unidade.



Petri (2004), considera ainda que

um analista de discurso não pode se deter em dar explicações sobre o conteúdo apresentado na obra literária nem pode se deter na realização de uma análise das marcas lingüísticas que se sobressaem na superfície desse discurso, porque o analista de discurso tem que desconstruir os efeitos de evidência que levam o leitor a crer na transparência do sentido apresentado e no controle de efeitos de sentido que a língua produz. Fazer isso não implica fragmentar a obra literária, mas implica tomá-la como um objeto discursivo, realizando um recorte no interior de uma cadeia de discursos que tem um já-lá pré-existente, um já-dito como referencial e que aponta para uma multiplicidade de sentidos possíveis. (p. 30).

Dito isso, concordamos com a autora quanto a função do analista diante do discurso literário, pois trata-se de uma materialidade que possui suas especificidades. Desconstruir a unidade do texto para que seja possível olhar para além das evidências implica em observar os processos de constituição do discurso, e nesse caso, na constituição do sujeito que o diz/escreve.

### 3 “ESCREVER CANSA, MAS CONSOLA”<sup>35</sup>: EXPLICITAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE ESCRITA

Figura 11



Fonte: Uai<sup>36</sup>

*“Escrevemos para despistar a morte e estrangular os fantasmas que nos acossam por dentro; mas o que escrevemos pode ser historicamente útil apenas quando, de alguma forma, coincide com a necessidade coletiva de conquista de identidade. Isto, creio, é o que nós gostaríamos; que ao dizer ‘Sou assim’ e oferecer-se, o escritor pudesse ajudar muitos a tomarem consciência do que são.”*  
(GALEANO, 1999, p. 10).

<sup>35</sup> (GALEANO, [2016]2019, p. 236).

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2015/04/14/noticia-e-mais,166706/ultimo-livro-de-eduardo-galeano-reunira-mini-relatos.shtml>>,. Acesso em: 28 de fevereiro de 2023.

O sujeito, ao lançar-se ao mundo buscando significar, se depara com formas de se relacionar com a realidade. A escrita, uma dessas formas, permite que o sujeito expresse seus anseios, desejos, pensamentos, enfim... é pela escrita que o sujeito, em seu lugar de autoria, tece uma trama de sentidos fazendo surgir pela via da palavra uma materialidade discursiva. A escrita é, portanto, um lugar de interpretação e de materialização do encontro entre sujeito, língua e ideologia na história.

Segundo Biazus, é “pela narrativa criada, mediada pela palavra, que se torna possível ao sujeito-autor expressar não só seus desejos inconscientes, mas também os desejos de uma sociedade” (2015, p. 62), isso nos faz pensar que o sujeito não se detém apenas em expressar aquilo que é apenas seu, mas também aquilo que compartilha com os outros. Nesse sentido, a escrita surge como um espaço de partilha daquilo que constitui o sujeito e o integra com o demais. Em Galeano, por exemplo, os “desejos de uma sociedade”, conforme aponta Biazus (2015), se fazem presentes quando o autor escreve sobre as memórias da América Latina e as pessoas que aqui vivem, trazendo à tona mais do que sua própria subjetividade, mas carregando consigo palavras uma memória coletiva. Dessa forma, a escrita “pode ser vista como um lugar possível para a construção de sentidos diferentes, divergentes, para que o sujeito possa construir uma relação singular com a ideologia que o domina e, dessa forma, resistir a ela no espaço do papel, da letra.” (BIAZUS, 2015, p. 64).

Nosso primeiro recorte discursivo explicita os modos como os “desejos de uma sociedade” comparecem na obra de Galeano:

**RD1:** O sistema, sistema de desvínculos, expressão de uma cultura burguesa que fratura o que toca, também separa o passado do presente. Nos acusa de termos olhos na nuca, porque cremos que numa verdadeira democracia todos os cidadãos são iguais perante a lei, tenham uniforme ou não tenham uniforme. *E além disto, também temos olhos na nuca, além de tê-los no rosto, e com muita honra, posto que sabemos que é imprescindível olhar pra trás enquanto se olha para a frente, para não voltar a tropeçar nas pedras mil vezes tropeçadas, nem cair novamente nas armadilhas de sempre. A esta altura já está sobejamente demonstrado, por todos os fatos, que a amnésia histórica induz a trágica repetição dos erros e dos horrores.* GALEANO, 1999, p. 65, grifos do autor).

O sistema, ao qual o sujeito-autor se refere, é o capitalismo, nomeado por ele também de “sistema de desvínculos”. Explicitamos aqui o uso da palavra *desvínculo*, que faz menção a um vínculo que deixou de existir, quebrado, partido, fraturado. Neste

sentido, o sistema de produção capitalista faz avançar cada vez mais um modo de existência que comporta apenas o indivíduo, barrando quaisquer movimentos de coletividade que venham a tentar se estabelecer. A própria forma de *identificação latino-americano(a)* é colocada em xeque, visto que em um sistema que busca a individualização do sujeito, não há espaço para formas coletivas de identificar-se no mundo, embora o sujeito busque sempre por um lugar a pertencer. O sujeito do capitalismo é marcado por esse processo de individualização, no qual só há espaço para pensar em si próprio, em um emaranhado entre hierarquias e produtividade. Orlandi (2007b) remonta esse sujeito que se coloca em um lugar em que é preciso

fazer o próprio lugar para ser reconhecido, tornar-se o vendedor da própria vida. Para existir, para ser reconhecido, é preciso ser útil e produtivo. Enquanto luta solitária de cada indivíduo face à sociedade para se fazer aceitar, para existir, isto é para viver e se fazer reconhecer como cidadão por inteiro. Pessoas em dificuldade são definidas por uma falta, que se torna o elemento principal de sua identidade social. (ORLANDI, 2007b, p. 8-9).

Esse processo de individualização leva, de certa forma, a uma fratura, tal qual aponta Galeano: se existem os bem-sucedidos e existem aqueles que não obtiveram a mesma sorte. Isso significa que há um trabalho das formações imaginárias, que irão intermediar como cada sujeito se reportará a esse outro, menos ou mais favorecido, qual lugar cada sujeito ocupará na cena discursiva e como as relações entre esses sujeitos se darão discursivamente. Isso diz respeito as relações de força, que determinarão as imagens que um sujeito terá do outro (ORLANDI, [1999]2015). De todo modo, Orlandi (2007b) aponta que é preciso estar atento para os efeitos produzidos em nós a partir dos lugares que ocupamos na sociedade, conforme coloca a autora, “há uma relação complexa ideologicamente na identificação, que afasta e que aproxima. Que cria distância e que cria vínculo.” (ORLANDI, 2007b, p. 12).

No caso do recorte, essas identificações que criam (des)vínculos, tornam-se alvo da denúncia do sujeito-autor por meio da escrita, onde é possível, por meio da grafia, revoltar-se contra um sistema que segrega, que trata diferentemente aqueles que tem uniforme e aqueles que não o tem. Assim,

Em um movimento que contraria a relação de mão única com que o Estado o individualiza enquanto forma sujeito histórica, a do capitalismo, atado com seu corpo ao corpo social, sem lhe dar condições de realizar vínculos, o sujeito [...] contraditoriamente produz um gesto social. Ele irrompe no social com seu gesto, não desejado mas possível, pelo traço, pelo signo, pela grafia. E produz as condições de um vínculo no espaço nem sempre permitido, [...]. Isso o tira do silêncio a que ele está votado. (ORLANDI, 2007b, p. 12).

O gesto de leitura de Galeano borbulha e vêm à tona como uma erupção que não pode mais ser contida, fazendo falar o interdiscurso, retomando uma memória, onde não é mais possível escre(vi)ver sem *olhar pra trás enquanto se olha para a frente*. Embora Orlandi (2007b), no trecho acima, esteja referindo-se aos sujeitos-pichadores, acreditamos que suas reflexões também sejam pertinentes para falar da escrita de Galeano; há algo de transgressor no modo em que o escritor faz ressoar uma memória que carrega em si todo um passado marcado pelos regimes ditatoriais da América Latina (a referência aos uniformes, a menção a uma verdadeira democracia). Ainda que as condições de produção do recorte não sejam mais as ditatoriais, ainda existem cicatrizes que se inscrevem nos modos de ser, de fazer, dos sujeitos latino-americanos.

A escrita de Galeano passa a exercer não só uma função de denúncia, mas carrega em si um aviso: aqueles que possuem os olhos na nuca desejam uma sociedade diferente. Há no recorte, no entanto, esse confronto entre um sentido que se estabiliza e determina uma espécie de divisão social, de fragilização dos vínculos coletivos e o deslocamento dessa mesma memória, que em vez de manter-se a mesma faz ressoar um desejo de transformação, para que na e pela polissemia seja possível (re)existir, agenciar outras formas de coletividade.

A seguir, apresentaremos o RD2, que vem ao encontro das reflexões lançadas sobre o primeiro recorte:

**RD2:** “*As tradições futuras*”

Existe um único lugar onde o ontem e o hoje se encontram e se reconhecem e se abraçam, e esse lugar é o amanhã.

Soam como futuras certas vozes do passado latino-americano muito antigo. As antigas vozes, digamos, que ainda nos dizem que somos filhos da terra, e que a mãe da gente não vende nem aluga. [...] essas vozes teimosamente vivas nos anunciam outro mundo que não seja este, envenenador da água, do solo, do ar e da alma.

Também nos anunciam outro mundo possível as vozes antigas que nos falam de comunidade, A comunidade, o modo comunitário de produção e de vida, é a mais remota tradição das Américas, a mais americana de todas: pertence aos primeiros tempos e às primeiras pessoas, mas pertence também aos tempos que vêm e pressentem um novo Mundo Novo. Porque nada existe menos estrangeiro que o socialismo nestas terras nossas. Estrangeiro é, na verdade, o capitalismo: como a varíola, como a gripe, veio de longe.” (GALEANO, [1989]2005, p. 133).

O sujeito, sempre em vias de tornar-se outro, comparece nesse recorte anunciando um novo porvir. Galeano resgata essas vozes passadas, que remetem as origens indígenas do povo latino-americano – tão cuidadosamente trabalhadas por Galeano na trilogia *Memória do Fogo* –. Essa memória, silenciada violentamente pela colonização, pelo extermínio dos povos indígenas e sua cultura, ressoa como uma emergência necessária para que haja um amanhã na América Latina.

No jogo com as palavras *vende* e *aluga*, o sujeito-autor se coloca no texto e assume uma posição crítica ao capitalismo, pondo em evidência os lugares discursivos em que se inscreve para compreender a luta de classes. É possível explicitar que, nas palavras de Galeano, há a atuação do interdiscurso como “articulação”, como propõe Pêcheux ([1975]1995), pois ao utilizar-se das palavras *vende*, *aluga*, ao mencionar todas as doenças que vieram junto da colonização europeia, o sujeito se relaciona com o sentido dessas palavras de uma determinada maneira e em como elas funcionam no interior de uma formação discursiva dada. Compreendemos que a estrangeiridade vem para demarcar distância e/ou proximidade com um determinado modo de existência, para dizer que na verdade o capitalismo é esse grande desconhecido que se enraizou na América Latina a partir da exterminação de outras formas de viver, do apagamento de determinadas culturas e práticas sociais em detrimento de outras.

Carlos Fuentes (2001, p. 16) concebeu que a América Latina fora gestada e parida por desconhecidos, e que, para que pudesse nascer, algo precisou morrer em troca:

Não podemos, os hispano-americanos, ser entendidos sem esta consciência intensa do momento em que fomos concebidos, filhos de uma mãe anônima, nós próprios desprovidos de nome, mas com inteira consciência do nome dos nossos pais. É com uma dor magnífica que se funda a relação da Ibérica com o Novo Mundo: um parto que se dá com o conhecimento de tudo aquilo que teve de morrer para que nós nascêssemos: o esplendor das antigas culturas indígenas.

A “Descoberta” da América é o início de séculos de exploração e apagamento cultural – seguidos pelo capitalismo desenfreado que atinge os países de “terceiro mundo” –, sendo fundante para a constituição da memória discursiva que dá sentido a história da América Latina. Segundo Galeano (1999), “A aventura da usurpação e do despojo não descobre: encobre. Não revela: esconde. Para realizar-se, necessita desculpas ideológicas que convertam a arbitrariedade em direito.” (p. 50). Essa história não tem seu início marcado pela “descoberta do Novo Mundo”, dado que já existia um mundo todo antes disso.

Sobre isso, Galeano disserta

Ao longo dos séculos, a América Latina sofreu não só o despojo do ouro e da prata, do salitre e da borracha, do cobre e do petróleo: sofreu também a usurpação da memória. Desde cedo foi condenada à amnesia por aqueles que a impediram de ser. A história oficial latino-americana se reduz a um desfile militar de próceres com uniformes recém saídos da lavanderia. Eu não sou historiador. Sou um escritor que gostaria de contribuir com o resgate da memória sequestrada de toda América, mas sobretudo da América Latina, terra menosprezada e entranhável: gostaria de conversar com ela, compartilhar seus segredos, perguntar-lhe dos diversos barros de que nasceu, de quais atos de amor e violações veio. (GALEANO, [1982]1991, p. 12)

E é justamente esse o ponto evocado pelo sujeito-autor no RD2, onde embora haja disputas que marcam o tempo todo a rede discursiva que funda a memória coletiva da América Latina, as formas de desestabilizar essa memória são justamente o resgate de um eco, uma voz passada que não se calou apesar da censura e do silenciamento. Explicitamos que há, nesse processo, a criação de um modo de (re)existência parido de um vir a ser, de um devir: o surgimento do novo a partir do velho. Ressaltamos que não se trata de uma imitação e/ou reprodução do passado,

mas sim um deslocamento de sentido que permite reinscrever no discurso um sussurro de saberes até então silenciados.

Nos utilizamos do que dizem Deleuze e Guattari (1997) sobre o devir, ao passo que

devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. [...] Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, [...] extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo (DELEUZE; GUATTARI, 1997: 64).

Nesse sentido, entendemos que existe um entroncamento entre história, memória e devir, e que desse encontro surge um caminho que aponta para um horizonte possível, “partindo do simples fato de ser preciso, aos nossos desejos, a energia das nossas memórias, à condição de nelas fazer agir uma forma, aquela que não esquece de onde vem e, por isso, se torna capaz de reinventar possibilidades (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 20). Desestabilizar as forças que aprisionam, caminhar em direção a utopia que o passado nos fornece, e, a partir disso e por causa disso, traçar linhas de fuga para a iminente cristalização do(s) sujeito(s) latino-americano(s) em um amontoado de histórias não contadas.

Compreendemos, para tanto, que o sujeito está imerso nas condições de produção que o constituem, fazendo com que determinados sentidos se apresentem e que uma determinada visão de mundo seja construída, assim

[...] esse sujeito autor está inscrito num determinado lugar social, por isso os sentidos se manifestam para esse sujeito como transparentes, confirmando a mútua relação entre a formação social e a ideologia que atuam de modo a estabelecer o jogo de imagens entre os lugares representados para os sujeitos. (MACHADO, 2008, p. 68).

É a partir desse jogo de imagens que o sujeito vai costurando pela escrita possibilidades de dizer aquilo que emerge do interdiscurso, interpretando o mundo a sua volta – interpretação essa que fez faz transparente para o sujeito –, dado que “a



autoria se dá no processo de escrita a partir do modo como o sujeito faz falar o interdiscurso no texto que produz” (BIAZUS, 2015, p. 69). Machado (2008) explicita que o sujeito que assume o lugar de autoria movimentará diferentes espaços da exterioridade para conversar com a escrita, moldando assim sua produção. De acordo com a autora, o sujeito-autor “mobiliza vários e diversificados recortes textuais relacionados a diferentes redes discursivas e diferentes subjetividades” (MACHADO, 2008, p. 70).

Para a AD, a escrita tende a estabilizar os sentidos, abarcando a estrutura e o acontecimento, delimitando-o em suas bordas, dando ao sujeito-autor a ideia de que o texto, enquanto unidade, diz exatamente aquilo que se quer dizer e faz com que o sujeito pense estar no controle dos sentidos que produziu. Todavia, escrita e sujeito constituem-se na contradição, e por isso explicitamos que sempre há o espaço das fissuras, dos deslizamentos por vir. Concordamos com Biazus (2015), quando a autora define a escrita enquanto

um espaço onde o sujeito possa domesticar a contradição que lhe é constitutiva, pois no texto constrói-se o efeito de unidade, de fechamento das bordas que demarcam o início e o fim, alimentando a ilusão de o sujeito ter o controle dos sentidos. Entretanto, algo sempre vai escapar, pois tudo se dá pela língua, e ela faz deslizar, resistir, rompendo com a ilusão da univocidade e da evidência [...]

Dessa forma, escrever coloca o sujeito em uma posição de confronto e contradição. Confronto porque embora exista a ilusão de unidade que envolve o sujeito, este se depara com sua própria falha, a falta que o constitui. Contradição porque é justamente no processo de crer na unidade que o sujeito é colocado frente a frente com aquilo que faz deslizar as evidências produzidas, “uma vez que essa relação traz à tona traços da singularidade do sujeito que colocam em xeque o efeito elementar de univocidade daquilo que se diz ao escrever e, conseqüentemente, do sujeito, abrindo pontos de deriva do dizer” (AGUSTINI; GRIGOLETTO, 2008, p. 147).

Ainda, Agustini e Grigoletto (2008) pontuam que os pontos de deriva, como chamam os deslizamentos e fissuras que se produzem no processo de escrita, tornam opacos os dizeres, porque permitem o deslocamento de uma instância de discurso a

outra, ou seja, há no processo de escritura a sempre possibilidade de um dizer estar aberto a um mar de significações possíveis. Por assim dizer,

Se, por um lado, a escrita pode conduzir o sujeito para uma certa estabilização dos sentidos, por outro, também pode fragmentá-los, provocando outras formas de fazer sentido, de significar. Com isso, acreditamos que a escrita pode se apresentar como um recurso para que o sujeito consiga reconstruir sua realidade, expressando aquilo que representa a sua singularidade. (BIAZUS, 2015, p. 63).

A partir disso, explicitamos a questão da singularidade, que é marca da presença de um inconsciente em pleno funcionamento. Inconsciente esse que se faz presença no processo de escrita do sujeito-autor, já que ao criar um texto, o sujeito põe um pouco de si em cada palavra, mobilizando experiências, marcas, cicatrizes. Assim,

a escrita tanto pressupõe a singularidade do sujeito quanto a determinação do outro - o(s) sujeito(s) a quem se dirige, o lugar que ele próprio ocupa socialmente, mas também o lugar que o seu leitor ocupa, as condições de produção da sua escrita etc. Produz, assim, um efeito ideológico. (AGUSTINI; GRIGOLETTO, 2008, p. 147).

Apresentaremos, a seguir, o recorte discursivo número 3, buscando explicitar justamente essa contradição na qual escrita e sujeito se constituem:

**RD3: “Narrar é se dar” (GALEANO, 1999, p. 13)**

Neste recorte, encontramos um sujeito-autor compartilhando questões próprias do seu processo de escrita, no qual o modo de dizer e o sujeito que diz aparecem imbricados, e a narração seria por excelência esse lugar da escrita onde o sujeito “se dá”. Por narração, entendemos que o narrador, ao contar uma história, recorre ao seu acervo pessoal de experiências, mas também remonta as experiências já relatadas por terceiros, transformando sua história em uma materialidade única

(BENJAMIN, 1986). Dessa forma, vai se criando uma colcha de retalhos, na qual o narrador – e nesse caso, o sujeito-escritor (ou ainda, o sujeito-contador) – vai cedendo um pouco de si nesse processo de narração, que aqui é caracterizado pela palavra escrita.

Nesse processo de costura da colcha de retalhos que constituem seu processo de escrita, o sujeito-escritor “abre mão” de pequenas partes de si para compor o texto, coletivizando suas próprias experiências, visto que essas “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, [...]”. Isto acontece porque jamais estamos sós. (HALBWACHS, 1990, p. 30). De todo modo, acaba-se instaurando o que Orlandi (2017; 2013) define por narratividade: um processo de narração. O sujeito-autor-narrador-contador parte de um espaço de interpretação determinado e o historiciza, mas não sem deixar marcas de si nas narrativas que produz.

Ao encontro disso, encontramos nas palavras de Galeano, em uma entrevista a Eric Nepomuceno, um relato sobre seu processo de escrita:

De certa forma, o que tentei fazer é conversar com minha memória e com a memória de todos. A fronteira que separa minha memória da memória dos demais costuma ser nebulosa, a tal ponto que muitas vezes, enquanto escrevia Memória do Fogo, eu sentia que estava escrevendo minha autobiografia. Estava escrevendo coisas que se referiam aos meus amores e às minhas fúrias mais profundas. Ao contrário, muitos textos de O Livro dos Abraços ou de Dias e Noites, que são textos que nascem como uma espécie de confissão autobiográfica revela uma espécie de vocação coletiva que as autobiografias não costumam ter (GALEANO, 2015, p. 11)

Concordamos com Biazus (2013, p. 86), quando a autora formula que “não há escritura sem que haja constituição de si mesmo”, e, por isso, quando nos deparamos com os escritos de Galeano, não encontramos uma América Latina pura e simplesmente (re)contada a partir de um ponto de vista, mas sim um mosaico que provém de um gesto de interpretação, no qual o sujeito se torna indissociável do texto que produz. Essa unidade (imaginária) toma forma a partir dos retalhos (história e memória) e do processo de costura com linha e agulha (sujeito-autor). Assim, vão se encadeando as histórias, no qual “um ponto compõe-se em uma narrativa constituindo série. Efeito-Memória. Que se insere em formações discursivas distintas ou não, face a suas condições de produção e sua filiação à memória” (ORLANDI, 2013, p. 26). Na

narração de nossa história, que muitas vezes se encontra a sombra de um não-dito, presente em sua ausência, podemos ver um espaço de interpretação a partir do olhar do outro, compondo em conjunto com o nosso: explicitamos que é nesse ponto que o sujeito-escritor “se dá”, costurando um novo sentido possível.

Seguindo este caminho, de pensar questões que perpassam escrita, sujeito e contradição, apresentamos o próximo recorte discursivo:

**RD4:** “No princípio, foi a imagem. A palavra, depois. Sou incapaz de transmitir uma situação, uma emoção ou uma ideia se não a *vir* primeiro, fechando os olhos; e sempre tenho muito trabalho para encontrar palavras que sejam capazes de transmitir essa imagem, e que me pareçam dignas de seu esplendor. Creio que pinto escrevendo, por falta de talento para pintar pintando. Como não pude ser pintor, não tive outro remédio a não ser virar escritor. Quando a mulher que você ama não lhe dá confiança, você acaba casando com a prima dela.” (GALEANO, 1999, p. 43, grifos do autor).

Há, nesse recorte, uma abertura para tratar de algo que é caro a AD: o funcionamento da palavra de ser borda, continência. A imagem, que como o sujeito-autor coloca, vem antes, abre para a polissemia, já a palavra vem para tentar conter sentidos. Quando o sujeito fala, ele o faz de um determinado lugar, buscando atribuir sentido. As palavras, no entanto, não têm um sentido próprio (PÊCHEUX, [1975]1995), e só se fazem significar no interior de uma formação discursiva dada. Sobre as palavras, Pêcheux ([1975]1995) compreendia que

[...] seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (p. 161).

No processo de passar de imagem para palavra, o sujeito busca atribuir sentido, e o faz de acordo com suas filiações ideológicas. Assim, as palavras “têm suas fronteiras flexíveis e porosas, são passíveis de jogo e inscrevem-se de modo sempre imprevisível dependendo das condições históricas e das posições-sujeito” (MOREIRA; ROMÃO, 2009, p. 10). A imagem, no entanto, habita no imaginário do sujeito e fica sempre à espreita de um deslize, um novo modo de fazer-se discurso.

Quando Galeano joga com as palavras e diz que “pinta escrevendo”, os verbos se (con)fundem em uma composição que convoca para cena um sujeito múltiplo e dividido, no qual as palavras passam a ter as bordas manchadas de tinta, e seus limites passam a não ser tão bem delimitados. Isso nos conduz a pensar um processo de transbordamento, onde o dizer passa a não comportar mais sua forma e desagua numa produção de efeitos de sentido que vão em múltiplas direções.

É nesse jogo de “pintar escrevendo” que nos deparamos com uma contradição do sujeito-escriptor-pintor, que primeiro tenta “ver” o que depois irá materializar pela escrita. Se “toda palavra é uma atestação do interdiscurso” (ORLANDI [1992]2007, p. 174), para fazer sentido o sujeito precisa se ancorar em uma rede de já-ditos e esquecidos. Entretanto, sabemos que as palavras são incapazes de transmitir uma imagem, dada sua natureza de margem, afinal, é pela palavra que outros sentidos são marginalizados em detrimento de um, que a preenche de significado.

No entanto, é por trabalharmos com um sujeito disperso que entendemos que essas relações são porosas e que as fronteiras entre essas duas categorias são cheias de rachaduras. Assim, a partir dos ensinamentos de Pêcheux ([1975]1995), explicitamos que enquanto a imagem é mar aberto, desconhecido e infinito em sua imensidão, a palavra é continente, dá forma e contorno, delimita. Talvez seja possível pensar que, ao “escrever pintando”, o sujeito-autor busque por meio da escritura uma forma de lidar com a falta que lhe é constituinte.

É em busca então de uma completude ilusória que o sujeito escreve, e é por essa ilusão de ser inteiro que o sujeito se constitui autor (AGUSTINI; GRIGOLETTO, 2008), esse processo diz de uma relação que escancara a falta que constitui o sujeito e o atravessa, fazendo emergir pela escrita as marcas singulares de autoria.

Nesse espaço também está o sujeito-leitor, que ao entrar em contato com o texto atribui sentidos a ele, concedendo ao texto esse caráter múltiplo e aberto ao gesto de leitura do sujeito-leitor. Orlandi (1996) aponta que a leitura é o confronto do leitor virtual (aquele que o autor imagina quando está escrevendo um texto) e o leitor real, dado que um não corresponde ao outro. Assim...

Se deseja falar em processo de interação da leitura, eis aí um primeiro fundamento para o jogo interacional: a relação básica que instaura o

processo de leitura é o jogo existente entre o leitor virtual e o leitor real. É uma relação de confronto. O que, já em si, é uma crítica aos que falam em interação do leitor com o texto. O leitor não interage com o texto (relação sujeito/objeto), mas com outro(s) sujeito(s) (leitor virtual, autor, etc). A relação sempre se dá entre homens, são relações sociais; eu acrescentaria, históricas, ainda que (ou porque) mediadas por objetos (como o texto). (ORLANDI, 1996, p. 9)

O sujeito-leitor se depara então com essa prática ideológica que é a leitura, e diante dela também faz significar. Para isso, são convocadas suas identificações ideológicas, as formações discursivas nas quais se filia, e ler, segundo Coracini (2001, p. 143) “pressupõe um sujeito que produz sentido, envolvendo-se, dizendo-se, significando-se, identificando-se”. Encontramos nas palavras de Galeano um sopro de sentido para com o encontro entre escritor, texto e leitor, quando o escritor diz que:

[...] escrever da forma que faço implica a recuperação da unidade desses fragmentos, que vão se integrar dentro do leitor. O autor entrega ao leitor os fragmentos, e gostaria de estimular nele sua capacidade criadora. Como quem diz ao leitor: aqui estão os tijolos para que você construa a sua casa do jeito que quiser. (GALEANO, 2015, p. 10)

Ainda, para o escritor estava em jogo a busca de um determinado tipo de leitor, como é possível observar na passagem a seguir:

“Buscamos interlocutores, não admiradores; oferecemos diálogo, não espetáculo. Escrevemos a partir de uma tentativa de encontro, para que o leitor comungue, com palavras que nos chegam dele e que voltam a ele com ânimo e profecia.” (GALEANO, 1999, p, 16)

Compreendemos dessa forma que a escrita só se torna possível quando o sujeito assume uma posição de autoria diante do texto, posição essa que se constitui na medida em que o sujeito faz significar no fio do discurso, retomando dizeres passados, articulando já-ditos de uma forma que estes sejam ressignificados a partir das condições de produção do sujeito. Nesse sentido, cada vez que o sujeito autor recupera, resgata, ressignifica sentidos, ele atualiza sentidos, ele torna esses sentidos um pouco seus, “pela responsabilidade que assume em relação ao que diz e pela singularidade que imprime ao fazê-lo” (ANJOS, 2020, p. 42). O efeito de leitura, para

Galeano, diz respeito a possibilidade de o leitor produzir movimentos de sentido a partir do que lê. Em suas palavras:

Revelar a realidade não significa copiá-la. Copiá-la seria trai-la [...]. O valor de um texto poderia muito bem ser medido pelo que desencadeia em quem o lê. Os livros melhores, os melhores ensaios e artigos, os mais eficazes poemas e canções não podem ser lidos ou escutados impunemente. A literatura, que se dirige às consciências, atua sobre elas, e quando é acompanhada pela intenção, o talento e a sorte, dispara nessas consciências os gatilhos da imaginação e a vontade de transformação. Na estrutura social da mentira, revelar a realidade significa denunciá-la; e chega-se mais longe ainda quando o leitor muda um pouquinho através da leitura. (GALEANO. 1999, p. 40-41).

Concordamos com Biazus quando a autora pontua que a escrita “ou qualquer outra forma do dizer só produz sentido, significados, quando resulta da sustentação no já-dito, no interdiscurso que, por sua vez, só funciona a partir de uma lógica do esquecimento, do apagamento”. (BIAZUS, 2015, p. 67). Explicitamos dessa forma que é a partir do apagamento que o autor (e o leitor) julga ser a origem do discurso, muito embora esse dizer perpassa por uma rede de saberes que o constituem em partes. Esse processo se dá, em virtude, pelo que Pêcheux ([1975]1995) nomeia de “esquecimento nº 1”, a partir do qual o sujeito crê estar na posição de ineditismo do discurso que produz, não percebendo que há todo um trabalho ideológico que o coloca nesse lugar de origem do dizer.

Assim, “toda escrita é resultante de um processo de reescrita de fios discursivos provenientes de um discurso-outro, inscrito no interdiscurso.” (INDURSKY, 2016, p. 36). Desse modo, o sujeito retoma saberes de acordo com sua inscrição no interdiscurso e os repete a partir da escrita, mas crê que esses sentidos estiveram sempre lá, e ao retomá-los os toma como se fossem seus. É então, por meio da repetição de um “sempre-já-lá”, que o sujeito incorpora a prática da escrita, dado que a repetição, “entre tantas coisas, requer interpretação e memória ao mesmo tempo” (SCHONS, 2011, p. 140). Ressaltamos que esses sentidos, embora façam parte de uma cadeia discursiva, não estão cristalizados, pois a memória discursiva é fluida, desliza e desloca os dizeres, dado que

[...] “reprodução” nunca significou “repetição do mesmo”. [...] de tal forma que os processos de reprodução ideológicos também sejam abordados como local de resistência múltipla. Um local no qual surge o imprevisível contínuo porque cada ritual ideológico continuamente se depara com relações e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções (PÊCHEUX [1982] 2015, p. 115, grifos do autor).

Dessa forma, explicitamos que Pêcheux ([1982] 2015) nos faz recordar que o sujeito não repete simplesmente os sentidos já dados, pois por meio do processo de interpretação ele pode não só faz voltar um determinado sentido, mas faz resistir às determinações ideológicas com as quais se identifica e se mostram como evidentes. Assim, o sujeito-autor se apropria dos já-ditos e enlaça-os a sua própria maneira, subvertendo sentidos e produzindo outros efeitos, e “esses novos efeitos de sentidos irão se inscrever no espaço de memória da sequência e materializar--se em sua prática discursiva da escrita” (INDURSKY, 2016, p. 42).

Há também, um outro ponto importante que é suscitado a partir do que nos diz Pêcheux ([1982] 2015): a possibilidade da resistência múltipla. Nos detemos em pensar que nesse caso, o sujeito que se insere no espaço da escrita, resiste pela palavra, revolta-se diante de suas identificações ideológicas e faz do discurso um instrumento de disputa, mas não se limita a isso. Quando nos deparamos com o sujeito Eduardo Galeano, este nos mostra uma multiplicidade de caminhos a serem traçados no espaço de resistência. Nesse sentido, a revolta contra o capitalismo, contra o autoritarismo e a censura, bem como a recuperação do caráter político do futebol, sua preocupação com o meio ambiente<sup>37</sup>, suas reflexões sobre a escolarização da mulher na América Latina promovem a re-inscrição por meio de seus textos da memória latino-americana.... São dimensões diversas que apontam para diferentes espaços em que é possível que o sujeito resista.

Ao tratar da dimensão de resistência do sujeito, apresentamos o próximo recorte, que busca explicitar esses espaços forjados pelo confronto e pela contradição:

---

<sup>37</sup> Foi uma entrevista de Eduardo Galeano concedida ao cineasta Silvio Tendler, no Uruguai, que inspirou o brasileiro a fazer o documentário “O veneno está na mesa”, lançado em 2011.



**RD5:** “Acender consciências, revelar a realidade: pode a literatura reivindicar melhor função nestes tempos e nestas terras? [...] Mas, o que pode um escritor, por mais que brilhe seu foguinho, contra a engrenagem ideológica da mentira e do conformismo?”

Se a sociedade tende a organizar-se de tal modo que ninguém se encontre com ninguém, e a reduzir as relações humanas ao jogo sinistro da competição e do consumo – homem solitários usando-se entre si e esmagando-se uns aos outros –, que papel pode cumprir uma literatura do vínculo fraternal e da participação solidária?

Chegamos a um ponto em que citar as coisas por seu próprio nome significa denunciá-las: frente a quem, para quem?” (GALEANO, 1999, p. 13).

Aqui, o sujeito autor se põe a refletir sobre sua escrita como resistência, entretanto, questionamos como se dá essa tomada de posição dentro de uma dada coletividade. Nos detemos a ressaltar dois apontamentos sobre esse recorte, o primeiro, é sobre a resistência que se produz ao “citar as coisas por seu próprio nome”, e o segundo apontamento se refere ao direcionamento dessa denúncia, a quem ela busca alcançar, a quem ou o que ela quer denunciar?

Retomamos novamente o que diz Pêcheux ([1975]1995) sobre as palavras não possuírem um sentido próprio. Se existem infinitas formas de atribuir sentido a um dizer, a depender da ou das formações discursivas nas quais esse dizer está inscrito, então um modo de produzir processos de resistência seria subverter o nome das coisas para criar um deslocamento de sentido. É o que propõe Galeano quando cria uma equivalência entre “citar as coisas por seu próprio nome” e denúncia. Citamos o exemplo em que o escritor trabalha com o evento histórico da “descoberta da América”: para ele, não há descobrimento, mas sim invasão; ou ainda um *encobrimento* (GALEANO, 1999).

Descobrir algo significa, segundo o Dicionário Online Priberan, o ato de tirar o véu... revelando algo que não se conhecia ou que estava oculto.<sup>38</sup> Já o verbo encobrir<sup>39</sup> se refere ao ato de ocultar uma determinada coisa. Nessa troca de prefixos, altera-se completamente os sentidos para o processo de colonização da América Latina, visto que a partir dessa passagem de uma palavra para a outra são recuperados sentidos vindos do interdiscurso, de onde ressoa uma voz sem nome (COURTINE, 1999. p. 19) que não cessa e passa a ecoar nesses dizeres. Há, a partir do gesto de interpretação do sujeito-autor uma reconstituição da memória sobre o

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/revelar>>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/encobrir>>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

processo de conquista e colonização, que passa a trazer à tona toda uma outra rede de saberes para esse acontecimento. É isso que Orlandi (2008) nos ensina quando afirma que “não há senão versões” (ORLANDI, 2008, p. 2), pois a história é produto dessa permanente disputa de sentidos, onde as palavras, se a partir de um gesto de interpretação deslizarem, podem pintar de outras cores uma imagem.

Nosso segundo apontamento sobre o recorte diz respeito ao endereçamento dessa denúncia feita pelo sujeito-autor e quais riscos ele assume quando a faz. Neste sentido, entra em cena a relação entre autor e leitor, trabalhada anteriormente nesta pesquisa. O sujeito-autor, ao produzir uma materialidade, idealiza um leitor (leitor virtual), e endereça seu texto a ele, fazendo atuar mecanismos imaginários sobre quem é esse leitor e como se dará seu encontro com o texto. Entretanto, quem interage com o texto é o leitor real, que não é equivalente ao que foi idealizado pelo sujeito-autor. Instaura-se aí uma relação de confronto, pois o leitor real não irá interagir diretamente com o texto, mas sim com o próprio autor, com o leitor virtual, com os processos históricos e ideológicos que conduziram todo o processo de escrita. Isso se dá porque a leitura é uma prática ideológica, e o texto entra em cena como um objeto de mediação (ORLANDI, 1996). Isso significa que, o leitor, ao deparar-se com o texto, produz sentido nele e a partir dele. Podemos observar isso quando Galeano conta que

A resposta mais estimulante não veio das páginas literárias dos jornais, mas de alguns episódios reais ocorridos na rua. Por exemplo, a moça que estava lendo este livro para sua companheira de banco e acabou levantando-se e lendo em voz alta para todos os passageiros enquanto o ônibus atravessava as ruas de Bogotá; ou a mulher que fugiu de Santiago do Chile, nos dias da matança, com este livro no meio das fraldas do bebê; ou o estudante que durante uma semana recorreu as livrarias da rua Corrientes, em Buenos Aires, e o leu aos pedacinhos, de livraria em livraria, porque não tinha dinheiro para comprá-lo.

De igual modo, os comentários mais favoráveis que este livro recebeu não provêm de nenhum crítico de prestígio, mas das ditaduras militares que o elogiaram proibindo-o. Por exemplo, *As veias* não pode circular em meu país, o Uruguai, nem no Chile, e na Argentina as autoridades o denunciaram, na televisão e nos jornais, como um instrumento de corrupção da juventude. “Não deixam ver o que escrevo”, dizia Blas de Otero, “porque escrevo o que vejo.”

Creio que não há vaidade na alegria de comprovar, passado um tempo, que *As veias* não foi um livro mudo. (GALEANO, 2010, p. 347).

Os riscos assumidos pelo sujeito-autor ao fazer de sua escrita uma forma de denúncia, é que sempre há, nas relações entre sujeitos, o embate das relações de força, a presença dos silenciamentos, da censura e das práticas de asfixia das diferenças. Orlandi ([1992]2007) nomeia de língua-de-espuma aquela falada pelos militares nos períodos de ditadura, ou ainda, as expressões totalitárias nas sociedades democráticas. Ao escrever um livro que trata de denunciar o subdesenvolvimento do continente em detrimento do enriquecimento de outros, Galeano torna-se suscetível a essa língua-de-espuma que determina que sua obra é um instrumento de corrupção, além disso, tem seu livro proibido em vários países que na época estavam submetidos a regimes ditatoriais e precisa buscar exílio. No entanto, percebemos que “o tiro sai pela culatra”, pois a censura é recebida pelo escritor como um elogio, um atributo positivo de sua obra. Daí podemos pensar nas relações complexas que envolvem o processo da relação entre autor e leitor, e como essas relações, mesmo que interditas, continuam a produzir movimentos de sentido na história, e que a possibilidade de o sujeito resistir pode brotar até em meio a censura.

Indursky (2016) propõe a diferenciação da escrita para com o texto, identificando que um texto apresenta a ideia de completude, de início, meio e fim. Já a escrita se funda em meio a falta, a incompletude que lhe garante a sempre possibilidade de reescrever, resignificar, retomar. Para a autora, o texto

[...] apresenta começo, meio e fim. Já a escrita, ao contrário, não é um produto acabado, mas um processo. À luz da análise do discurso, pode-se entender um processo como algo em movimento, que não se fecha. Ele pode ser suspenso, pode ser pausado, pode ser interrompido, mas não tem um fim. Pensar a escrita como processo implica dizer que ela pode sempre ser retomada e receber continuidade. (INDURSKY, 2016, p. 32).

Texto e escrita se diferem, enquanto o primeiro apresenta um efeito de fechamento e completude, o segundo expõe a abertura que o constitui, deixando o sujeito-autor pensar, reconhecer sua falta/falha, exercitar sua subjetividade diante da palavra. No entanto, para Orlandi (2012, p. 112), “[...] um texto [...] é um objeto com começo, meio e fim, mas que se o considerarmos como discurso, reinstala-se imediatamente sua incompletude”. Orlandi (2012) ainda aponta que o texto, na perspectiva discursiva, não é uma unidade completa, pois tem relação com outros

textos, “existentes, possíveis ou imaginários” (p. 112), com as CP, com o interdiscurso e etc. No presente trabalho, tomamos a produção de Galeano como escrita. É pela escrita que podemos conhecer as facetas do sujeito latino-americano que estamos tentando circunscrever.

Nos apoiamos no que aponta Indursky (2016, p. 35), quando a autora destaca que “a escrita consiste em um tecer e retecer de fragmentos de discursos outros”. Embora saibamos que esse processo se dá a partir da ilusão em que crê o sujeito – que acredita ser a origem de seu dizer –, a exterioridade comparece de forma singular na obra de Galeano. Eduardo Galeano fez-se muitos, assumiu diversas faces e vozes, tomou como suas histórias que ouvia mundo afora. Virou eco. Explicitamos que não se trata de apropriar-se de uma narrativa, mas incorporar pela palavra quem a contou. Trata-se de vozes diversas entrelaçadas, que se atravessam, distanciam, por meio da formulação de uma ou várias histórias. Como o escritor colocou, “os testemunhos das pessoas que de mil modos expressam suas mágoas e suas esperanças frequentemente acabam sendo mais eloquentes e belos que as obras escritas ‘em nome do povo’” (GALEANO, 1999, p. 15).

Seguiremos com o próximo recorte discursivo selecionado, ainda pensando a contradição que constitui o sujeito e abre espaço para a criação de espaços de resistência:

**RD6:** “Pertencço a uma terra que ainda ignora a si mesma. Escrevo para ajudá-la a revelar-se – revelar-se, rebelar-se – e buscando-a me busco e encontrando-a me encontro e com ela, nela, me perco.” (GALEANO, 1999, p. 44).

Nesse recorte, encontramos um sujeito que admite a contradição como constitutiva, ao trazer que a partir de seu encontro com o espaço que lhe é próprio – sua terra –, se perde e se encontra, simultaneamente. É por meio da busca incessante de encontrar-se, através da escrita, que o sujeito percorre caminhos desconhecidos, perdendo-se. Aí encontramos a contradição que lhe é constitutiva escancarada em suas palavras: ao encontrar-se, o sujeito se vê um inteiro, uma unidade completa; mas ao se deixar perder, o sujeito se depara com a falha e se percebe faltante. Esse gesto simbólico da escrita o coloca frente a frente com o Outro, com a diferença, e nela se

depara com a própria singularidade, que se forma “pela multiplicidade de fragmentos, de partículas disformes de discursos que se conflitam, se confrontam, se sobrepõem. Assim, o singular se movimenta a partir da contradição, das diversas vozes, formas e marcas que constituem o sujeito” (BIAZUS, 2013, p. 63). Afinal, o sujeito pode ser muitos, plural em sua essência. E é a contradição que torna possível “um lugar de ser o mesmo, sendo outros” (BIAZUS, 2013, p. 63).

Indursky (2016, p. 36) salienta ainda que a escrita de um texto “dá corpo e materialidade a saberes que já estão em circulação, inscritos tanto do interdiscurso quanto na memória discursiva de formações discursivas”. Em outras palavras, para o nosso trabalho, podemos dizer que é pela via da escrita que os saberes se materializam, e por aí vão sendo encadeados nos fios da história no e pelo discurso literário. A partir das marcas calcadas de uma memória coletiva e da possibilidade de movimentar sentidos outros. A escrita de Galeano busca esse ponto de reinscrição da memória, operando pelo campo da polissemia, compreendida por Orlandi ([1999] 2015, p. 36) como a “simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico”, por assim dizer, a polissemia é a condição de existência dos discursos (ORLANDI, [1999] 2015), dado que se não houvesse multiplicidade de sentidos, não haveria necessidade de dizer. Dessa forma, resgatamos um enunciado em que o escritor expressa seu desejo de movimento:

“Nossa autêntica identidade coletiva nasce do passado e se nutre dele – pegadas sobre as quais caminham nossos pés, passos que pressentem nossas andanças de agora – mas não se cristaliza na nostalgia.” (GALEANO, 1999, p. 15).

Enfim, Indursky (2016) concebe a escrita enquanto uma prática social, dado que esta é determinada pelo interdiscurso e nela ressoam esses saberes que lá se encontram. Além de prática social, consideramos a escrita também uma prática política, pois “o sujeito-autor é um sujeito interpelado pela ideologia e seu trabalho discursivo de escrita dá-se à luz de sua determinação ideológica” (INDURSKY, 2016, p. 37). Assim, o discurso literário é determinado ideologicamente, como qualquer outro discurso, e sua materialidade reflete e se inscreve nas formações discursivas (e conseqüentemente, ideológicas) nas quais o sujeito-autor se filia/identifica. Ainda,

Há um jogo sobredeterminado que subjaz à escrita de um sujeito e que lhe permite identificar-se ou contraidentificar-se com determinados sentidos, podendo mesmo chegar a deslocamentos importantes que serão a marca de sua resistência por meio da materialização que a língua produzirá em sua escrita. (INDURSKY, 2016, p. 39).

Recorremos a Galeano, que diz que “dentro de uma sociedade presa, a literatura livre só pode existir como denúncia ou esperança” (GALEANO, 1999, p. 14). A partir desse enunciado, uma posição é tomada, o sujeito-autor aciona uma memória que produz sentidos na atualidade. Neste caso, Eduardo Galeano se ancora em ideais de resistência contra um sistema capitalista que oprime, que sufoca, que prende. Percebemos então a ideologia se materializando na escrita do sujeito, “imprimindo uma direção de sentidos e seus efeitos de evidência” (INDURSKY, 2016, p. 37).

Ao encontro a isso, introduziremos o último RD:

**RD7:** “Escrevendo é possível oferecer, apesar da perseguição e da censura, o testemunho de nosso tempo e da nossa gente – para agora e para depois. Pode-se escrever como dizendo, de certo modo: ‘Estamos aqui, aqui estivemos; somos assim, assim fomos’. Lentamente vai ganhando força e forma, na América Latina, uma literatura que não ajuda os demais a dormir, mas que lhes tira o sono: que não se propõe a enterrar os nossos mortos, mas a perpetuá-los; que se nega a varrer as cinzas e procura, em lugar disso, acender o fogo.” (GALEANO, 1999, p. 18-19).

Neste recorte, o sujeito-autor recupera um saber advindo do interdiscurso, uma voz sem nome (COURTINE, 1999) que diz que ler ajuda o sono a chegar, uma memória que carrega em si todos os pais que leram histórias de ninar para as crianças dormirem, retornando sob a forma do pré-construído, “o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.” (ORLANDI, [1999]2015, p. 29). A contação de histórias faz parte da memória discursiva que constitui o ser criança, onde ouvir histórias antes de dormir torna-se “o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão, vêm com as histórias fabulosas ouvidas na infância. [...]” (CASCUDO, 2004, p. 12). Mas se nesse saber a leitura vem como forma de fazer uma criança adormecer, no recorte o sujeito-autor propõe uma desconstrução desse dizer para instalar uma contradição: aqui, a literatura não ajuda a dormir, mas tira o sono.

Assim, a partir da contradição, cria-se um espaço de resistência, em que a escrita atua com a função de recuperar um dizer e subvertê-lo.

Há também um movimento semelhante quando o sujeito-autor assinala que não tem a pretensão de enterrar seus mortos, mas que deseja perpetuá-los. Se, a partir da trama de saberes que emergem do interdiscurso é dado como consenso que enterrar um ente querido é deixá-lo encontrar “o descanso eterno” – um dizer sustentado pelas crenças cristãs –, perpetuar seus mortos é transmitir seu legado geração após geração. Não à toa isso vem ao encontro de grande parte da obra de Galeano, que tenta reconstituir a memória de uma América que recorrentemente costuma apagar os vestígios dos mortos que enterra. Esse apontamento pode ser explicitado a partir do que escreve Galeano, no terceiro volume da trilogia Memória do Fogo:

“Enquanto fuzila trabalhadores em depósitos de lixo, a ditadura militar Argentina decreta a inexistência de Perón, de Evita e do peronismo. Fica proibido de mencionar seus nomes e suas datas. Suas imagens são delito. Manda-se demolir a residência presidencial, até a última Pedra, como se a peste contagiasse.

Mas o que fazer com o cadáver embalsamado de Evita? Ela é o símbolo mais perigoso da soberba da ralé, o estandarte da plebe sublevado, que durante dez anos passou pelo poder como quem caminha pelo quintal de casa. Os generais jogam o corpo dentro de uma Caixa com a etiqueta Equipamento de Rádio, e o mandam ao desterro. Aonde, é segredo. Dizem que à Europa ou a uma ilha no meio do mar. Evita se converte em uma morte errante, que viaja em segredo por distantes cemitérios, expulsa do país pelos generais que não sabem, ou não querem saber, que ela jaz em sua gente.” (GALEANO, 2013, p. 705)

É a partir da escrita que Galeano tece um espaço de resistência, jogando com as palavras, fazendo-as deslizar, dizerem outras coisas, significando de outras formas. É a produção deste espaço que atribuímos como o ato de acender o fogo, ao qual o autor se refere. Neste caminho, cabe aqui dizer que, ao atear fogo, o sujeito cria ao mesmo tempo em que destrói, abrindo passagem para uma (re)existência possível, dado que apenas resistir já não é suficiente. (Re)existir, a partir das reflexões empreendidas por Orlandi (2020), quer dizer que é possível existir *para além de* e não somente *apesar de*, fazendo alusão a uma outra realidade possível.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU A RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COMO FORMA DE (RE)EXISTÊNCIA

Figura 12



Bailarina saltando diante de tanques de guerra em Santiago do Chile, nas manifestações do ano de 2019. Fonte: Horizontes democráticos.<sup>40</sup>

*À beira-mar de outro mar, outro oleiro se aposenta, em seus anos finais.*

*Seus olhos se cobrem de névoa, suas mãos tremem: chegou a hora do adeus. Então acontece a cerimônia de iniciação: o oleiro velho oferece ao oleiro jovem sua melhor peça. Assim manda a tradição, entre os índios do noroeste da América: o artista que se despede entrega sua obra-prima ao artista que se apresenta.*

*E o oleiro jovem não guarda esta peça perfeita para contemplá-la e admirá-la: a espatifa contra o solo, a quebra em mil pedacinhos, recolhe os pedacinhos e os incorpora à sua própria argila.*  
(GALEANO, [1994]2017, p. 86).

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://horizontesdemocraticos.com.br/as-novas-lico-es-do-chile/>> . Acesso em: 27 de abril de 2023.



Escrever. (Re)escrever. Escre(vi)ver. O processo de escritura de uma dissertação de mestrado é um percurso que nos coloca em um lugar de tensionamento: nos deparamos com uma página em branco que urge de sentido, de preenchimento, de horizonte. Estar acompanhada da Análise de Discurso joga essa tensão para o centro do processo, afinal, a AD nos permite constituir um dispositivo de análise singular, que vai se delineando a partir daquilo que em nós vai fazendo sentido. Não trilhamos esse caminho em desamparo, mas *incorporamos os pedacinhos* que apreendemos da teoria em nossa prática de escrita, fazendo nossos próprios deslocamentos e elaborando questões a partir de nosso olhar enquanto analistas. Ao *espatifar* as certezas que carregamos conosco durante nosso percurso, o fazemos sob a condição de respeitar o que nos ensina a Análise de Discurso, questionando as evidências e criando, a partir de como mobilizamos o dispositivo teórico e analítico, uma teoria viva, que toma corpo a partir do movimento, da contradição e da possibilidade de abertura de outros mundos possíveis.

Ao refletir sobre a construção desta pesquisa, após sua finalização, penso que se faz de extrema importância pensar nos movimentos de contradição que constituem o mundo no qual vivemos, sendo ela constitutiva de todo e qualquer discurso. A contradição discursiva, segundo Adorno (2022), nos ajuda a compreender que os efeitos de sentidos podem apontar para distintos, porém concomitantes, processos históricos, e explicitamos que isso acontece também no processo de encontro entre o texto e o leitor. Quando apontamos nossas considerações sobre o discurso produzido por Galeano, sabemos que esses efeitos só são produzidos porque há a possibilidade do encontro, de deparar-se com o dizer e, ao apropriar-se dele, ressignificá-lo. Isso acontece de forma diferente com cada sujeito, e é a contradição que nos ajuda a compreender as múltiplas direções que os sentidos podem tomar. Nosso gesto de leitura é um entre tantos, e encontra seu espaço justamente porque é marcado pela singularidade de um efeito de sentido específico.

Ao olhar para Eduardo Galeano, para sua escrita e a relação que este possui com a América Latina, construímos um gesto de leitura que se debruça nos vestígios desse encontro entre sujeito-autor e espaço de produção de sentidos. Assim, partimos de uma investigação que se volta, sobretudo, para o discurso literário, mas que também recorre a outras materialidades – como uma entrevista – para produzir sentidos dentro do texto.

Sabemos que os sentidos estão sempre abertos, pois “há discurso antes e depois do discurso aqui produzido” (PETRI, 2004, p. 317). Assim, ao final desta pesquisa, propomos um efeito de fechamento a partir da retomada do desenvolvimento e resultados que alcançamos ao findar essa etapa. Elaboramos esse trabalho a partir de três capítulos principais:

- no capítulo I, intitulado *Trajetos pelo dispositivo teórico-analítico*, apresentamos as noções teóricas da AD mobilizadas ao longo do trabalho, ao mesmo tempo em que já partimos de uma reflexão sobre a América Latina e a relação estabelecida entre ela e Eduardo Galeano. Deste modo, explicitamos nossas considerações sobre o sujeito discursivo e as instâncias/estruturas/processos que o constituem e regulam sua existência; também delineamos nossos apontamentos sobre o discurso literário e as especificidades deste discurso quando produzido por Galeano;

- no capítulo *As orelhas abertas de uma analista de(em) dis(per)curso acerca do Caçador de Histórias*, descrevemos a construção do nosso dispositivo de análise, pautado pela noção de movimento pendular (PETRI, 2013), que se propõe a estar, durante o processo de escritura, em um constante movimento de ir e vir entre teoria e objeto de pesquisa;

- por fim, no capítulo *“Escrever cansa, mas consola”*: explicitações sobre o processo de escrita, procuramos desenvolver nossas considerações sobre o processo de escrita e, neste capítulo, estão alojadas as análises propriamente ditas – muito embora existam, dispostas por todo o trabalho, passagens de Galeano que produzem sentido no texto.

Considerando, então, as análises empreendidas durante esta pesquisa, concebemos que há, na obra de Galeano, discursos que se engendram de tal maneira que propõem a criação de espaços de (re)existência. Isso se dá a partir de um processo de instrumentalização do discurso literário, que passa a tomar forma de denúncia. Denúncia essa que se projeta contra os modos de funcionamento do capitalismo, a exemplo do que observamos nos recortes: “[...] sistema de desvínculos, expressão de uma cultura burguesa que fratura o que toca, também separa o passado do presente”; “[...] somos filhos da terra, e que a mãe da gente não vende nem aluga. [...] essas vozes teimosamente vivas nos anunciam outro mundo que não seja este, envenenador da água, do solo, do ar e da alma.”; “Porque nada existe menos

*estrangeiro que o socialismo nestas terras nossas. Estrangeiro é, na verdade, o capitalismo: como a varíola, como a gripe, veio de longe”; “Se a sociedade tende a organizar-se de tal modo que ninguém se encontre com ninguém, e a reduzir as relações humanas ao jogo sinistro da competição e do consumo [...], que papel pode cumprir uma literatura do vínculo fraternal e da participação solidária?”.*

Somado a isso, explicitamos também que essa denúncia se estende aos saberes instituídos pelo colonizador e ao interdito instaurado pelos regimes ditatoriais, como é possível testemunhar a partir dos recortes: “[...] nos anunciam outro mundo possível as vozes antigas que nos falam de comunidade, A comunidade, o modo comunitário de produção e de vida, é a mais remota tradição das Américas, a mais americana de todas: pertence aos primeiros tempos e às primeiras pessoas”; “A esta altura já está sobejamente demonstrado, por todos os fatos, que a amnésia histórica induz a trágica repetição dos erros e dos horrores”; “[...] Mas, o que pode um escritor, por mais que brilhe seu foguinho, contra a engrenagem ideológica da mentira e do conformismo?”.

O sujeito, ao ser tomado pela função-autor, torna-se responsável por seu dizer, e essas intercorrências ocorrem no entrecruzamento das formações discursivas em que esse sujeito se inscreve e das tomadas que posição que ele assume. Ao tomar uma posição, o sujeito é atravessado pelas consequências do seu gesto, e passa a responder de acordo com o funcionamento ideológico que atua no interior dessas FDs – como por exemplo, com o funcionamento da noção de censura (ORLANDI [1992]2007), trabalhada ao longo da pesquisa.

Entretanto, ressaltamos que o discurso produzido por Galeano não se trata apenas de uma denúncia, mas atua produzindo sentidos a partir dela e para além dela, na qual faz ressoar um desejo de transformação... e o faz a partir da prática discursiva da escrita. Nesse caminho, observamos como se desenrola essa prática, na qual sujeito e discurso (neste caso, discurso literário), se fundem, se confundem, se projetam um no outro e um pelo outro. É assim que o sujeito vai tecendo uma paisagem única projetada pelas/nas palavras, em que seus gestos de interpretação são constituídos por ele ao mesmo passo que o constituem. Nesse imbricamento entre sujeito e escrita, Galeano não só costura os relatos, mas se costura ele próprio ao texto nesse processo, sendo este espaço o lugar em que o sujeito “se dá”. Habita aí

uma contradição do sujeito, que, ao buscar a unidade do texto, cede partes de si e se depara com a falta que lhe é constitutiva.

Paralelamente a isso, concebemos que, na e pela escrita, Galeano cria, através da reconstituição da memória latino-americana – marcada pela contradição de habitar um entre-lugar onde os sentidos estão em constante disputa –, um espaço de (re)existência. Preferimos este termo, em detrimento da noção de resistência, pois ele permite a partir do jogo de palavras entre *resistir* e *existir*, um lugar de entremeio, que permite existir no *entre*, um desejo de transformação (onde o sujeito pode existir *para além de* e não somente *apesar de*). Ao brincar de metaforear, refletimos que, na obra de Galeano, há pistas que nos levam a aberturas de mundo (ORLANDI, 2020), e que isso só é possível através de um olhar que se volta para o futuro ao mesmo passo em que não deixa de ver o passado. Isso consiste em um trabalho de recuperação e reconstituição de fragmentos de “uma voz sem nome” (COURTINE, 1999) que ressoa nas veias abertas de uma América que ainda busca formas de exercer sua latinidade.

É possível ainda, considerar que o discurso produzido por Galeano, se traduz em uma busca pela identidade latino-americana, ou ainda por identificações identitárias que venham de encontro com o imaginário construído pelo escritor. Como sabemos, a AD não trabalha com a noção de identidade no sentido subjetivista do termo, mas a toma como algo que está em constante movimento, o que nos leva a explicitar que, de acordo com nosso gesto de leitura, o trabalho de Galeano procura, entre outras coisas, elucidar para uma realidade em que seja possível alcançar um estado de movimento em direção a um devir *latino-americano*. Neste sentido, é importante ressaltar que o que há na obra do escritor é uma projeção de um determinado sujeito que se constitui de modo específico: um imaginário que se projeta para a construção de uma imagem do que seria esse sujeito latino-americano. É aí que podemos também observar como o inconsciente se projeta na escrita e em como, a partir de seu entrelaçamento com a memória, com a história e com a ideologia, produz práticas singulares de autoria diante de determinadas materialidades.

Desta forma, é pertinente refletirmos sobre as relações que se estabelecem entre o tempo vivido e experimentado por Galeano e o nosso tempo presente. Que América Latina era aquela? Que América Latina temos agora? Galeano teve a maior parte de sua obra publicada na segunda metade do século XX, onde bebeu da fonte de muitos escritores e intelectuais que representaram uma onda de resistência contra

os golpes de estado que ocorreram em todo o continente – tais como Carlos Quijano, fundador do periódico *Marcha*, Mario Benedetti, Júlio Cortázar, Juan Carlos Onetti, entre outros. Segundo Reis Filho (2000), a Revolução Cubana, por exemplo, foi, para além de suas conquistas materiais, um processo que “incendiava imaginações. As utopias pareciam ao alcance da mão [...]” (p.18). Esse acontecimento histórico influenciou muitos destes escritores, dado que os debates sobre as experiências socialistas se intensificaram muito a partir dos anos 60.

Essa efervescência política e cultural “pariu” Galeano, que esteve filiado, desde o início de sua carreira como jornalista e escritor, aos compromissos ideológicos da esquerda e do progressismo. Não é à toa que a obra de Galeano bordeja o tempo todo a temática das ditaduras na América Latina, pois ele próprio viveu um período de exílio, primeiro na Argentina, e, quando o país também o impôs ao exílio, passou a refugiar-se em terras espanholas até 1985, ano em que retornou para o Uruguai quando o país já estava redemocratizado. Em 1973, quando foi para a Argentina, fundou a Revista *Crisis*, que abordava temas culturais, e três anos mais tarde teve seu nome inserido na lista dos esquadrões da morte da Aliança Anticomunista Argentina (Triple A/AAA), uma organização paramilitar que muitas vezes, assassinou nomes considerados “*persona non grata*” pelo governo (KOVACIC, 2016). Em 1976, após uma curta estadia no Brasil, partiu para o exílio na Espanha, onde iniciou a escrita da trilogia *Memória do Fogo*. Grande parte de sua obra toca nesses temas, mesmo as que vieram após a redemocratização dos países latino-americanos. Isso nos ajuda a entender que América Latina era aquela na qual Galeano viveu a parte mais sombria de sua vida, e o porquê dos resquícios dessa época ainda estarem presentes nos textos mais atuais do escritor.

Atualmente, nossa percepção, é de que o sujeito latino-americano despertou um pouco mais para sua condição de colonizado e tem se movimentado em direção a uma posição crítica em relação aos modos de colonização e ao funcionamento do capitalismo. Podemos pensar em iniciativas que estão indo nessa direção, sejam elas político-institucionais ou iniciativas autônomas.

Figura 13



Sônia Guajajara e o Presidente Luís Inácio Lula da Silva na cerimônia de posse, no dia 01 de janeiro de 2023. Fonte: Agência Brasil.<sup>41</sup>

No Brasil, por exemplo, o governo Lula oficializou a criação do Ministério dos Povos Indígenas em decreto publicado no dia 01 de janeiro de 2023. Este ministério é uma iniciativa pioneira na política brasileira, dedicando-se exclusivamente às demandas indígenas, abrindo mais uma “veia” na América Latina. A pasta será comandada por Sônia Guajajara, a primeira ministra indígena do Brasil. Segundo o documento, o Ministério dos Povos Indígenas tem como função reconhecer, garantir e promover os direitos dos povos indígenas; proteger os povos isolados e de recente contato; demarcar, defender e gerir territórios e terras indígenas; realizar monitoramento, fiscalização e prevenção de conflitos em terras indígenas e promover ações de retirada de invasores dessas terras (MODELLI, 2023). Além do Ministério, outros dois importantes órgãos que visam proteger os direitos dos povos originários passaram a integrar a pasta do Ministério da Justiça e Segurança Social: a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e o Conselho Nacional de Política Indigenista (CNPI), criado em 2015 por Dilma Rousseff, que garante a participação efetiva de

---

<sup>41</sup> Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/node/1503753>>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

representantes dos povos originários na formulação de políticas públicas brasileiras. A integração destes órgãos vem como um respiro de esperança após os esforços do governo de Jair Bolsonaro em enfraquecer as funções da Funai, extinguir o CNPI e e sucatear outras instituições ambientais.

Outro exemplo que podemos citar são as manifestações que eclodiram no Chile no ano de 2019, que tinham como principal reivindicação melhores condições de vida para uma população asfixiada pelos tentáculos do neoliberalismo – além de reivindicarem o banimento do fantasma de Pinochet do cenário político e social do país, através da elaboração de uma nova constituição –. Mais de um milhão de pessoas chegaram a ir às ruas em uma das manifestações, considerada a maior marcha desde a redemocratização do país<sup>42</sup>. Os protestos reuniram, além da massiva participação da população chilena, a classe artística em peso: músicos, escritores, dramaturgos, artistas visuais, etc. Houveram intervenções artísticas em espaços públicos, tais como uma intervenção da entidade Arte Contemporânea Associada, onde os artistas cobriram com panos – simbolizando mortalhas – seis monumentos de Santiago, símbolos da cultura nacional; centenas de violonistas, convocados pelo coletivo Mil Guitarras para Víctor Jara, se reuniram em frente da Biblioteca Nacional para interpretar as obras do cantor e compositor assassinado nos primeiros dias da ditadura militar chilena, em setembro de 1973<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Disponível em:

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/24/internacional/1571937300\\_504889.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/24/internacional/1571937300_504889.html)>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

<sup>43</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/21/cultura/1574349151\\_671947.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/21/cultura/1574349151_671947.html)>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

Figura 14



Fonte: El País.<sup>44</sup>

Durante as manifestações, uma imagem, registrada pela atriz chilena Susana Hidalgo, viralizou nas redes sociais e se tornou símbolo dos protestos chilenos. Na imagem um homem no topo de uma estátua (General Baquedano, um herói militar do século 19) no centro de Santiago empunhando uma bandeira Mapuche – povo originário do Chile e da Argentina, tido como símbolo de resistência e conhecido pelas lutas de direito à terra –. Em depoimento, Hidalgo compartilhou sua experiência:

*"Caminhávamos pelas ruas repletas de gente em direção à manifestação. Parecíamos partículas de algo que ia enchendo como glóbulos vermelhos que se reconhecem e avançam pelas veias até chegar ao coração. Éramos milhares.*

*Encontrei vários amigos. Mas, independentemente de nos conhecermos ou não, estávamos todos muito unidos, respirando o mesmo ar. A cadência das bandeiras, os cânticos, os tambores, os violões, as panelas, significavam o ritmo do coração, unido por uma única batida, e nos fazia vibrar por algo em comum.*

---

<sup>44</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/21/cultura/1574349151\\_671947.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/21/cultura/1574349151_671947.html)>. Acesso em: 28 de abril de 2023.



*[...] E lá estava a estátua do general Baquedano tomada pelo povo. No alto dela, um homem cujo nome ainda não sei levava a bandeira Mapuche que ondulava, bonita, entre todas as bandeiras que existiam.*<sup>45</sup>

**Figura 15**



Fonte: G1.<sup>46</sup>

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/29/o-chile-acordou-autora-da-foto-viral-que-marcou-protestos-conta-o-que-sentiu-ao-capturar-imagem.ghtml>>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/29/o-chile-acordou-autora-da-foto-viral-que-marcou-protestos-conta-o-que-sentiu-ao-capturar-imagem.ghtml>>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

No âmbito deste percurso, nos aventuramos em explicitar aquilo que ressoa da relação de Eduardo Galeano com a América Latina em seu processo de escrita, e ao chegarmos ao fim desta etapa, propomos expor movimentos de reapropriação da memória latino-americana – sequestrada – que aconteceram após o falecimento do escritor. Assim, lançamos ao vento provocações, novas amarrações possíveis para trabalhos futuros, ou apenas pontos de encontro entre a efervescência revolucionária que borbulhava em Galeano e o mundo que vivemos hoje.

Portanto, buscando encontrar um efeito de finalização para esta pesquisa, explicitamos ao fim de nossas reflexões que a identidade latino-americana é uma promessa, é utopia, um desejo de identidade, onde segundo o escritor Júlio Cortázar “cada movimento revolucionário, cada tentativa de libertação é um impulso”<sup>47</sup> nessa busca. A Análise de Discurso nos ensina que, a identidade é movência de sentidos, e quando evocamos o devir latino-americano tão perseguido por Galeano, falamos de desejos incendiários que sonham com um porvir – anunciado pelas vozes de um passado antigo que pulsa na América das veias abertas –, porque sabemos que a unidade é uma ilusão, mas é a busca dela que sempre nos põe em movimento no mundo. Para efeito de fim, damos a voz mais uma vez a Galeano... E seguimos caminhando.

*“A utopia está lá no horizonte – diz Fernando Birri. – Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.” (GALEANO, [1994]2017, p. 310).*

---

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tprrgg8uB06w>>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Guilherme. **Contradição**. Youtube. Canal enciDIS UFF (7 min). Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=OZ\\_HBfrQiSY](https://www.youtube.com/watch?v=OZ_HBfrQiSY)>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

ADORNO, Guilherme. **Contradição Discursiva**. Youtube. Canal enciDIS UFF (7 min). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rzLr6tT6klw>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

AGUSTINI, Carmen Lúcia Hernandez; GRIGOLETTO, Evandra. Escrita, Alteridade e Autoria em Análise do Discurso. **Matraga**, rio de janeiro, v.15, n.22, p.145-p.156, jan./jun. 2008.

ALLENDE, Isabel. **Um sopro de esperança**: Os textos de Eduardo Galeano por Isabel Allende. In: GALEANO, E. As veias abertas da América Latina. 44<sup>a</sup> ed. Trad. Galeno de Freitas. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

ANJOS, Camilla Borges dos. Autor/Autoria. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso** – edição ampliada. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 39-46.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escritura**. Trad. Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BIAZUS, Camilla Baldicera. **Dicionário compartilhado: espaço de criação, resistência e subjetividade**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2013.

BIAZUS, Camilla Baldicera; PETRI, Verli. Aproximações e contradições: movimentos entre ideologia e inconsciente. **Entremeios**: revista de estudos do discurso. v.6, jan/2013, p. 01-08. Acesso em: 10 de abril de 2022. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/97.pdf>>.

CAMPOS, Luciene Jung de. Interpretação. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso** – edição ampliada. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 167-173.

CARLINI, Lara Carpanedo. A produção de resistência das práticas conceitualistas latino-americanas: uma perspectiva decolonial sobre o estudo da arte. **Concinnitas**. Rio de Janeiro, v. 20, n.35, p. 262-273, set, 2019. Acesso em 10 de abril de 2022. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/44883>>.

CASCUDO, Luís Da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 13ª ed. São Paulo: Global, 2004. p. 11-23.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise de Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

\_\_\_\_\_. Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. **Philosophiques**, vol. 9, n. 2, oct., p. 239-264, 1982.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. Heterogeneidade e Leitura na Aula de Língua Materna. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria; Pereira, ARACY ERNST (orgs.). **Discurso e Sociedade: práticas em análise do discurso**. Pelotas, EDUCAT, 2001.

DIDI-HUBERMAN (org). **Levantes**. Trad. Jorge de Bastos; Edgard de Assis Carvalho; Mariza P. Bosco; Eric R. R. Heneault. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

FERNANDES, Andressa B. **Espaço e Sujeito: uma análise discursiva do documentário O Cárcere e a Rua**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

FLORES, Lucas Martins. **A militância na/ da produção do conhecimento científico: uma análise discursiva do Dicionário da Educação do Campo**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 2. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FREUD, Sigmund (1915-1917). Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (**Conferências introdutórias sobre psicanálise**). Gesammelte Werke , v. XI. Londres: Imago, 2004.

FUENTES, Carlos. **O espelho enterrado**: reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GALLO, Solange Leda. Autoria: questão enunciativa ou discursiva? **Linguagem em (Dis)curso**, vol. 1, n. 2, jan./jun. 2001.

GUASSO, Kelly Fernanda. **Discursos que ressonam sentidos**: por uma história das ideias discursivas a partir do autor Michel Pêcheux. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

HALBAWCHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Shaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HENGE, Gláucia da Silva. Texto e interpretação: Aproximações entre Análise de Discurso e Literatura. **Interletras**, vol. 3, n. 20, mar/2015.

INDURSKY, Freda. **A memória na cena do discurso**. In: Indursky, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). *Memória e História na/da Análise de Discurso*. 1ª edição. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

INDURSKY, Freda. As determinações da prática discursiva da escrita. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** – vol. 12, n. 1, p. 30-47 - jan./jun. 2016.

INDURSKY, Freda. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. **Signo y Señá**, n. 24, 2013, p. 91-104.

KOVACIC, Fabián. **Galeano**: apuntes para una biografía. Buenos Aires: B de Books, 2016.

LAGAZZI, Suzy. **O exercício parafrástico na imbricação material**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 2012. Niterói, RJ. Acesso em: 10 de abril de 2022. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/anpoll/resumos/SuzyLagazzi.pdf>>.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3a ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1994.

LENZ, C. **Relações entre língua, ideologia e subjetividade**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2015.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. As representações da cidade no discurso literário: a rua de Clarice Lispector. In: ORLANDI, Eni (Org.). **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001. p. 175-180.

MACHADO, Rosely Diniz da Silva. O sujeito discursivo e a questão da autoria. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (Orgs). **Práticas Discursivas e Identitárias**. Porto Alegre: Nova Praça, 2008, p. 66-79.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso: (Re) Ler Michel Pêcheux Hoje**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MODELLI, Laís. **Como funcionará o inédito Ministério dos Povos Indígenas**. DW. Publicado em: 03 de janeiro de 2023. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/como-funcionar%C3%A1-o-in%C3%A9dito-minist%C3%A9rio-dos-povos-ind%C3%ADgenas/a-64269096>>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

MOREIRA, V. L.; ROMÃO, L. M. S. O discurso no Twitter, efeitos de extermínio em rede. **Revista RUA**, vol. 2, n. 17, p. 77-96, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli (1999). **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª Edição. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2015.

\_\_\_\_\_. A palavra dança e o mundo roda: Polícia!! In: GUIMARÃES, Eduardo. (Org). **Cidade, Linguagem e Tecnologia: 20 Anos de História**. Campinas: LABEURB, 2013, p. 13-29.

\_\_\_\_\_. (1992). **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. Análise de Discurso. In: **Introdução às ciências da linguagem – Discurso e Textualidade**. RODRIGUES, S. L. R. e ORLANDI, E. P. (Orgs.). Campinas, SP: Pontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, 1996.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5ªed. Campinas: Pontes, 2007a.

\_\_\_\_\_. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. Vitória da Conquista: **Estudos da Língua**, n.1, p. 9-13, jun, 2005b.

\_\_\_\_\_. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, Freda., LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (Org). **Análise de discurso no Brasil:** mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007b.

\_\_\_\_\_. Segmentar ou recortar. **Série Estudos**. Faculdades Integradas de Uberaba (Linguística: Questões e Controvérsias), n. 10, p. 9-26, 1984.

\_\_\_\_\_. Silêncios: presença e ausência. **ComCiência**, Campinas, n. 101, 2008. Disponível em: <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542008000400007&lng=es&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000400007&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

\_\_\_\_\_. **Terra à vista:** discurso do confronto, velho e novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, 1990.

\_\_\_\_\_. Texto e discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.29365. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29365>. Acesso em: 26 abr. 2023.

\_\_\_\_\_. **Volatilidade da interpretação:** política, imaginário e fantasia. Abralin ao Vivo. Youtube. Transmitido ao vivo em 18 de maio de 2020 pelo canal Abralin (115 min). Disponível em: <https://youtu.be/MjCsJxfiXtg>. Acesso em: 26 de abril de 2023.

PÊCHEUX, Michel. (1993) Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução a obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. (1982). Ideologia: aprisionamento ou campo paradoxal? In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Análise de discurso:** Michel Pêcheux. Campinas: Pontes, 2015, p. 107-119.

\_\_\_\_\_. (1983). Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. 2. ed. Traduzido por José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_ (1975). **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Péricles Cunha. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel; LÉON, Jacqueline. (1982) Análise Sintática e Paráfrase Discursiva. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 163- 173.

PELBART, Peter. **A nau do tempo-rei**: sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PETRI, Verli; SCHERER, Amanda Eloína. Memória e subjetividade: de um tempo para lembrar. **Revista Desenredo**. V. 12, n. 1, p. 21-29. Jan./jun. 2016.

PETRI, Verli. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da análise de discurso. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Orgs.). **Análise do discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria, RS: Editora da UFMS, 2013, p. 39-48.

\_\_\_\_\_. O passado (também) dura muito tempo ou (re)invenções de um tempo. Guarapuava: **Interfaces**, 2017, p. 80-90.

\_\_\_\_\_. Por um acesso fecundo ao arquivo. **Revista Letras** (UFMS), Santa Maria, n. 21, jul./dez., p. 121-125, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11534>. Acesso em: 18 de abril de 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **Os nomes da História**: Ensaio de Poética do Saber. São Paulo: EDUCPontes, 1994.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.



RIBEIRO, Darcy. **A América Latina existe?** Brasília: UNB, 2010.

\_\_\_\_\_. **As Américas e a civilização:** processo de civilização e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. O analista de discurso e a práxis sócio-histórica: um gesto de interpretação materialista e dialético. **Conexão Letras**, Volume 9, n. 12, 2014.

SCHONS, Carme Regina. Escrita, efeito de memória e produção de sentidos. In: SCHONS, Carme Regina; RÖSING, Tania M. Kuchenbecker (Org.). **Questões de escrita**. 2ª edição. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2011, p. 138-156.

TEUTON, Christopher B. Ciclo de supresión y retorno: Geografía simbólica de las literaturas indígenas. **Cuadernos de Literatura**, vol. XIX, n. 38, 2015, p. 248-268.

TSÉ-TUNG, MAO. Sobre a contradição. In: TSÉTUNG, MAO. **Sobre a prática e a contradição**. / Mao Tsé-Tung: apresentação por Slavoj Žižek. Tradução de José Maurício Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Texto publicado originalmente em 1937).

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano:** espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009.

ZANDWAIS, Ana. **A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação:** um contraponto entre saberes e práticas. Anais do I SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Porto Alegre: UFRGS, 2003. Acesso em: 09 de abril de 2022. Disponível em: <<http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead1.html>>.

## OBRAS ESTUDADAS

GALEANO, Eduardo (2016). **O caçador de histórias**. Tradução de Eric Nepomuceno. 3ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2019.

\_\_\_\_\_. Ser como somos. [Entrevista concedida a] Eric Nepomuceno. **Revista do Memorial da América Latina**, São Paulo, n. 52, p. 6-13, 1º semestre, 2015.

\_\_\_\_\_. **Memória do fogo: I Os Nascimentos; II As caras e as máscaras; III O século do vento**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2013.

\_\_\_\_\_. **Os Filhos dos Dias**. Tradução de Eric Nepomuceno. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2012.

\_\_\_\_\_ (2004). **Bocas do tempo**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2018.

\_\_\_\_\_. **A Descoberta da América** (que ainda não houve). Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_ (1994). **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

\_\_\_\_\_ (1989). **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2005.

\_\_\_\_\_ (1982). **Memoria del fuego I: Los nacimientos**. Madrid: SIGLO XXI DE ESPAÑA EDITORES, 1991.

\_\_\_\_\_ (1978). **Dias e Noites de Amor e de Guerra**, Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2019.

\_\_\_\_\_ (1971). **As Veias Abertas da América Latina**. Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2010.